

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROMESTRE MESTRADO PROFISSIONAL: EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

LINHA DE PESQUISA: TRABALHO E EDUCAÇÃO

MARIALVA DIAS DOS SANTOS – MAYNÁ

**A HISTÓRIA DA COMUNIDADE E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO
POVO PATAXÓ EM ALDEIA VELHA – ARRAIAL D’AJUDA - BAHIA**

Iê awakâ upâ pataxi ug upâ arupãb kijêtxawê txihihãe txó hãhãhãe Pataxó uxé Pataxi

Makiame

Belo Horizonte – MG

2023

MARIALVA DIAS DOS SANTOS - MAYNÁ

**A HISTÓRIA DA COMUNIDADE E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO
POVO PATAXÓ EM ALDEIA VELHA-ARRAIAL D'AJUDA-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
PROMESTRE, em Educação e Docência da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG,
para obtenção do título de Mestra em Educação e Docência
sob orientação do professor e Dr: Charles Moreira Cunha

Belo Horizonte- MG

2023

S237h
T

Santos, Marialva Dias dos, 1967- (Mayná Pataxó)

A história da comunidade e da educação escolar indígena do povo Pataxó em Aldeia Velha -- Arraial d'Ajuda -- Bahia [manuscrito] = Iê awakâ upâ pataxi ug upâ arupâb kijêtxawê txihihâe txó hâhâhâe Pataxó uxé Pataxi Makiame / Marialva Dias dos Santos. -- Belo Horizonte, 2023.

116, 44 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui apêndice com produto educacional, com o título: "Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha". - 44 f. il. color.

Orientador: Charles Moreira Cunha.

Bibliografia: f. 114-115.

Apêndice: f. 116-.

1. Educação -- Teses. 2. Escolas indígenas -- Aldeia Velha (BA) -- Teses. 3. Escolas indígenas -- Índios Pataxó -- História -- Teses. 4. Índios -- Educação -- Teses. 5. Índios -- Educação -- Currículos -- Teses. 6. Índios -- Educação -- História -- Teses. 7. Índios -- Aprendizagem -- Teses. 8. Índios Pataxó -- Educação -- Teses. 9. Índios Pataxó -- Educação -- História -- Teses. 10. Professoras indígenas -- Narrativas pessoais -- Teses. 11. Bahia -- Educação -- Teses. 12. Aldeia Velha (BA) -- Escolas indígenas -- Teses. 13. Arraial d'Ajuda (BA) -- Escolas indígenas -- Teses. 14. Porto Seguro (BA) -- Escolas indígenas -- Teses.

I. Título. II. Cunha, Charles Moreira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.9700981

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

FOLHA DE APROVAÇÃO

A HISTÓRIA DA COMUNIDADE E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA DO POVO PATAXÓ EM ALDEIA VELHA ARRAIAL D'AJUDA BAHIA

MARIALVA DIAS DOS SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada, em 16 de agosto de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Charles Moreira Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Mariana Verissimo Soares de Aguiar e Silva
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Profa. Priscila de Oliveira Coutinho
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2023



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Veríssimo Soares de Aguiar e Silva, Usuário Externo**, em 25/08/2023, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Charles Moreira Cunha, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2023, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscila de Oliveira Coutinho, Professora do Magistério Superior**, em 28/08/2023, às 09:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2525547** e o código CRC **E19B2BAE**.

Dedico esse trabalho ao Ipê pelo incentivo e confiança, e a todos os envolvidos na pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus pela força e coragem durante esse percurso da pesquisa que foi intenso, porém de grande importância para minha vida profissional, principalmente em saber que essa pesquisa poderá contribuir para uma reflexão dos profissionais da educação escolar indígena sobre o currículo da Escola Indígena Pataxó desta comunidade de Aldeia Velha. Agradeço a meu esposo José Roberto, meus filhos Kevin Robert, (Kamaru) e Kathary, Milayne (Yamani) e Lauro, que suportaram minha inquietação durante todo o processo desse trabalho, dando-me força para seguir em frente nesta jornada tão difícil e tão satisfatória quando se alcança a vitória. Também não poderia deixar de agradecer, em especial ao cacique Ipê pelo carinho e confiança a mim dedicado. Aos participantes diretos desta pesquisa, Atais, Aline, Antônia Maria, Antonildo, Gilzimar, José Roberto, Juciarina, Maria Aparecida, Rosimar, Silvino (Ipê). Agradeço a Wagner Meira, Vania Meira, Laila Nunes, Elaine Fernandes, Vilma, Buriti, Luciene Nobre, Iramar, Fátima, Ronald e Nadinho. Agradeço as minhas duas grandes amigas Sandra Cares e Soraia Perelo, além da minha nova e maravilhosa amiga que tanto colaborou com esse trabalho Kathia Castilho e me deu a honra de participar do seu livro História de Quintal. A minha comunidade, cacique atual Reinaldo, lideranças que me apoiaram e confiaram na certeza que essa pesquisa contribuirá de alguma forma para o processo de construção e revitalização do conhecimento dos profissionais de educação desta comunidade em relação ao currículo Pataxó.

A Universidade Federal de Minas Gerais e Faculdade de Educação por realizar esse curso. A todos os professores que, mesmo em meio a pandemia do Covid 19, se esforçaram para dar o melhor de si para nós mestrandos do PROMESTRE, a Pedro Rocha e Mariana Veríssimo por terem feito parte da banca de qualificação. A todos os meus colegas de mestrado principalmente aqueles que me fizeram realizar experiências novas de aprendizados riquíssimos em relação a amizade, compartilhamento, incentivo, confiança que levaremos para a vida toda. Não citarei nomes para não ser injusta, porém acredito que se sentirão contemplados quando tiverem oportunidade de ler esse trabalho. A grande profissional Terezinha meu muito obrigada por sua paciência eterna comigo, sei que foi difícil entender tantas perguntas e incertezas.

Entre tantos agradecimentos o mais especial é ao meu orientador, Charles Moreira Cunha, um herói a suportar as inquietações, medos e, acima de tudo, a timidez de uma mestranda. Meus sinceros agradecimentos pela paciência durante esse percurso tão difícil.

RESUMO

Esta pesquisa propõe entender os processos de construção da Escola Indígena de Aldeia Velha vinculada à retomada do território Pataxó em Arraial d'Ajuda, município de Porto Seguro, BA, bem como discutir a relevância dada à Educação Escolar Indígena, desde a fundação de nossa Aldeia, já que a Escola aparece como o primeiro projeto na história da nossa comunidade. Nesta perspectiva, busca-se promover uma breve reflexão sobre a importância da educação indígena e escolar indígena, no contexto da comunidade Aldeia Velha. Nesta pesquisa privilegamos a análise do professor, já que o enxergamos como possível agente de transformação social, cada vez mais preparado desde o início de nossa história e capaz para unir teorias e práticas pedagógicas em prol da promoção de uma educação intercultural de qualidade. Neste contexto, a pesquisa sobre a educação escolar indígena é de grande importância para que se tenha uma visualização mais significativa sobre a história educacional do Povo Pataxó, especialmente em Aldeia Velha, onde identificamos os avanços e o desenvolvimento do processo histórico educacional especificamente nesta comunidade desde 1998 aos dias atuais. Esta pesquisa propõe também observar os aspectos que se edificaram no ensino e aprendizagem da Escola Indígena Aldeia Velha e que nos permite apresentar essa trajetória desenvolvida, especialmente para o ensino e comunidade indígena, que marca nossa escola como território e que pretendemos denominar como "Sambaquis Curriculares". Apresentaremos uma linha de tempo da escola, da retomada do território, da cultura durante a trajetória, da comunidade e da escola.

Palavras chave: História, Aldeia Velha, Escola, Educação Escolar Indígena.

ABSTRACT

This research proposes to understand the construction processes of the Indigenous School of Aldeia Velha linked to the resumption of the Pataxó territory in Arraial d'Ajuda, municipality of Porto Seguro, BA, as well as to discuss the relevance given to Indigenous School Education, since the foundation of our Village since the School appears as the first project in the history of our community. In this research we have privileged the analysis of the teacher, since we see him/her as a possible agent of social transformation, more and more prepared since the beginning of our history and capable of joining theories and pedagogical practices in favor of promoting a quality intercultural education. In this context, the research on indigenous school education is of great importance in order to have a more significant view on the educational history of the Pataxó People, especially in Aldeia Velha, where we identify the advances and the development of the historical educational process specifically in this community from 1998 to the present day. This research also proposes to observe the aspects that have been built in the teaching and learning process in the Aldeia Velha Indigenous School, which allows us to present this developed trajectory, especially for education and the indigenous community, which marks our school as a territory and which we intend to call "Sambaquis Curriculares". We will present a timeline of the school, of the retaking of the territory, of the culture during the trajectory, of the community and the school.

Keywords: History, Aldeia Velha, School, Indigenous School Education.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Exemplo de materiais desenvolvidos para atividades dos alunos da Educação Infantil.

Figura 2. Localização das Aldeias Pataxó no sul da Bahia.

Figura 3. Entrada da Aldeia Velha 2022.

Figura 4. Indígena Dió (de cocar) ao lado de sua filha.

Figura 5. Indígenas que lutaram na retomada de Aldeia Velha.

Figura 6. Indígena Potira, em sua casa na parte baixa da aldeia durante a primeira retomada.

Figura 7. Incêndio na parte baixa da Aldeia

Figura 8. Enchente, entrada da Aldeia e igreja.

Figura 9. Bombeiros e brigadistas na missão de apagar o fogo.

Figura 10. A cabana na reserva, primeiro espaço que funcionou como escola.

Figura 11. Farinheira onde funcionou a escola da comunidade/ 2001, parte alta.

Figura 12. Início da primeira escola de alvenaria.

Figura 13. Primeira escola/ 2004. Construída com recurso da FUNAI.

Figura 14. Reforma da escola/ 2005, patrocinada pela Prefeitura Municipal de Porto Seguro e Secretaria do Estado da Bahia.

Figura 15. Escola construída pela Prefeitura de Porto Seguro em 2009.

Figura 16. Ampliação do prédio na gestão de Claudia Oliveira, 2014.

Figura 17. Alunos matriculados por ano.

Figura 18. Escola em 2022.

Figura 19. Escola atual/ 2023.

Figura 20. As pinturas antigas, que Puhuy criou para pintar as crianças rápido.

Figura 21. Cocares atuais, feito pelo Txaywã.

Figura 22. Formatura da turma do Ensino Fundamental I, 2006. Crianças devidamente vestidas em trajes indígenas marcando território no espaço escolar.

Figura 23. Pajé Jaçanã em seu quintal explicando sobre ervas medicinais.

Figura 24. Publicação do diário oficial, aprovando a língua materna (Patxôhã) como língua cooficial de Porto Seguro.

Figura 25. Os jogos Infanto Juvenis e nossos adereços.

Figura 26. Nosso grafismo, pintura corporal e na parede.

Figura 27. Calendário escolar da escola indígena de Aldeia Velha com nossas adaptações.

Figura 28. Traços da cultura indígena Pataxó feitos na parede.

Figura 29. Seminário cultural realizado depois de cada intercambio nas aldeias.

Figura 30. Confeção de adereços para ser usado nos jogos infanto juvenis.

Figura 31. Vestígios arqueológico que comprovam a presença indígena no território de Aldeia Velha.

Figura 32. Traços que nos identificam como um povo, ações coletivas, palavras, Patxôhã linguagem de guerreiro.

Figura 33. Professor em seu cotidiano marcando o espaço escolar com seus adereços, Professora e mãe de aluno em atividade coletiva: união e parceria.

Lista de Abreviatura e Siglas

ANAÍ – Associação Nacional de Ação Indigenista

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CEAD-Centro Educacional Arraial D’Ajuda

CIME – Conselho Indigenista Missionário

DCRM-Documento Curricular Referencial Municipal

EIPAV- Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha

GAIPA – Grupo de Apoio aos Indígenas Pataxó

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ITJ – Instituto Tribos Jovens

ISHC – Instituto Sandra Habib

IFBA – Instituto Federal da Bahia

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

LINTER – Licenciatura Intercultural Indígena

LDBEN – Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

ONG – Organização Não Governamental

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas

SUMÁRIO

Introdução	14
CAPÍTULO 1- O Povo Pataxó: Aldeia Velha e Sua História	
1.1- O Povo Pataxó.....	23
1.2- Retomada, Nosso Território Início de Tudo.....	26
1.3-Crescimento Populacional de Aldeia Velha e Seus Impactos.....	31
1.4-Os Desafios e Conquistas da Comunidade.....	34
1.5-Dois Anos de Grande Impacto na Comunidade, Pandemia, Incêndio e Enchente.....	36
CAPÍTULO 2-Aldeia Velha: Escola e Cultura.....	40
2.1-A História da Escola de Aldeia Velha.....	50
2.2-A Dificuldade Para a Fundação da Escola em Aldeia Velha.....	56
2.3-Os Professores e Suas Formações.....	61
2.4-Uma Breve Trajetória Sobre a Formação do Corpo Docente Indígena na Aldeia Velha	62
2.5-Nossa Cultura Tradicional e Suas Transformações.....	72
CAPÍTULO 3- Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha	
3.1- A Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha.....	76
3.2-Os Avanços da Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha.....	86
3.3-Os Fatores Positivos Com a Fundação da Escola em Aldeia Velha.....	86
3.4- Os Fatores Que Influenciaram de Forma Negativa na Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha.....	87
CAPÍTULO- 4 A Fundação da Escola e a Assinatura Territorial no Currículo em Diálogo Com os Docentes Indígenas da Comunidade Pataxó de Aldeia Velha.....	88

4.1 A Importância da Liderança Indígena Ipê, no Contexto da Educação Escolar da Comunidade de Aldeia Velha.....	91
4.2- Dialogando Com os Conhecimentos Tradicionais e as Ciências na Escola Indígena Avanços ou Conquistas, Limites, Cuidados e Perspectivas no Trabalho Docente.....	94
4.3- Desafios Ainda Presentes na Escola: Concurso Público Para Professores/A Produção de Material Didático Indígena.....	101
4.4- Construção do Currículo da Escola Respeitando a Cultura Indígena Com o Que Podemos Nomear de “Sambaquis Curriculares”.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE.....	117

Introdução

A pesquisa em questão pretende apresentar a trajetória da comunidade Pataxó da Aldeia Velha localizada em Arraial d´Ajuda, Porto Seguro, Bahia, como território de aprendizagem e manutenção da cultura a partir da idealização e construção da Escola nesta comunidade. A proposta é a edificação desta escola e o papel dos professores como possíveis agentes de transformação social e de articulação intercultural. Resgatar a história do crescimento e a consolidação da Escola, desde a parte material como a ampliação do prédio que hoje nos abriga, como também o crescimento e formação de docentes é uma das propostas desta pesquisa.

É importante ressaltar que a própria autora faz parte do corpo docente desta Escola desde 2001. Foi escolhida pelo cacique e pelos pais da comunidade em uma reunião na casa do cacique Ipê, lecionou na farinheira casa de farinha, terceiro espaço que abrigou a escola como veremos adiante, da turma multisseriada com crianças de 1º a 4º ano. Os alunos ficaram alocados na farinheira de 2001 a 2003. Quando ela assumiu a turma tinha apenas o magistério e curso de contabilidade e depois de alguns anos percebeu que precisava ampliar seus conhecimentos. Com o incentivo de duas grandes amigas resolveu ingressar em 2007 na faculdade no curso de Pedagogia Lato Sensu, pela Universidade Luterana do Brasil, ULBRA. Sempre esteve junto as lideranças da Aldeia e também junto ao cacique respondendo prontamente, em reuniões, projetos e com disponibilidade para trabalhar em prol da comunidade. Participou na produção de dois livros ‘Raízes e Vivências do Povo Pataxó nas Escolas’, em 2005 e ‘Uma história de Resistência’, em 2007. No ano de 2008, inscreveu-se no concurso público pela Prefeitura Municipal de Porto Seguro sendo aprovada em segundo lugar na Aldeia Velha. Em 2011 cursou uma Pós-graduação Lato sensu em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Faculdade Vale do Cricaré. Depois de lecionar para várias crianças com deficiência, fez uma Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Universidade Candido Mendes, concluindo no ano de 2013. Em 2018, concluiu o curso de Licenciatura em Educação Intercultural Indígena, pela Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Porto Seguro. Em meio a todos esses processos foi eleita para direção da escola, sendo assim a primeira diretora da Escola de Aldeia Velha. Atualmente, atua como professora da Educação Infantil.

Assim, estando completamente envolvida com as questões relacionadas a Escola da Aldeia Velha, percebe que há uma história que merece ser escrita, preservada e que a mesma envolve força, resistência e desejo de mudança na trajetória participativa do Povo Pataxó no território nacional. A pretensão desse trabalho é, portanto, identificar e organizar as trajetórias dos

envolvidos na história da Escola e da comunidade que somaram forças para seu crescimento e estruturação do ensino por meio de documentação e, especialmente, por meio de entrevistas qualitativas a professores que hoje fazem parte do quadro de funcionários e prestadores de serviço da Escola.

Este trabalho foi organizado para que as memórias possam ser preservadas e, também, para contextualizar o esforço dos profissionais da educação em pensar e refletir modos de trabalho que se articulem com o aprendizado, didaticamente pensado, para a inserção e fortalecimento da Cultura Pataxó na educação de nossas crianças, bem como para toda a comunidade que participa ativamente da vida escolar.

Questão-problema da pesquisa

Diante da realidade, que percebemos hoje na vida ativa do corpo docente de nossa Escola, desejosa de solidificar-se como instrumento de transformação, verificamos a necessidade de realizar essa pesquisa sobre a Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha que possivelmente nos ajudará a olhar o processo histórico e o que nos move e planejar nosso futuro uma vez que estamos nos preparando para rever nosso Projeto Político Pedagógico para os anos vindouros. Nesta perspectiva, o presente trabalho pretende discutir alguns aspectos relativos a essa temática de educação, em especial respondendo à seguinte questão: Diante da especificidade da Educação Escolar Indígena, onde o currículo próprio e diferenciado é o principal eixo temático da Escola, como os professores da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha dialogam com esses saberes no contexto cultura?

Objetivo

O objetivo deste trabalho é, inicialmente, documentar um volume de referências da história relacionada à fundação da Escola e do currículo em Aldeia Velha. Considerarmos que este resgate é fundamental e nos permite contar nossa história, preservar memórias deste movimento importante relacionado ao nosso Povo Pataxó e, mais especificamente, desta aldeia. Compreender a especificidade da Educação Escolar Indígena, na perspectiva do currículo

indígena no contexto cultural. Pretendemos que uma cópia deste trabalho esteja disponível no acervo da biblioteca da aldeia e acreditamos que tal volume ajudará aos nossos professores e alunos, hoje e futuramente, a conhecer a origem de nosso investimento na Escola e a perceber o empenho para a revitalização comprometimento na inserção da nossa cultura na educação do povo brasileiro entre o qual estamos incluídos. A documentação e análise deste trabalho também espera dialogar com as demais escolas Pataxó, enviando o produto final para a Escola da Jaqueira, a Escola de Coroa Vermelha, a Escola de Juerana, a Escola Mata Medonha, a Escola de Aroeira que assim como a nossa também se inserem em suas Aldeias e procuram refletir modos de se fortalecerem sócio culturalmente. Acredito que este trabalho nos permite refletir juntos viabilidades e estratégicas que possibilitem a inserção de nossa cultura indígena, no nosso caso especificamente Pataxó, nas diretrizes curriculares e, por fim, este trabalho pretende dialogar também com todos que se interessem em conhecer sobre a história do povo Pataxó e da Educação Escolar Indígena desta aldeia, assim como nossas lutas e conquistas para implantar uma Educação Escolar Indígena que propõe a interculturalidade com troca de experiências e o enriquecimento mútuo entre diferentes culturas e sujeitos.

Nosso foco se dará, especialmente, no movimento histórico e no olhar cuidadoso sobre nossos professores que se encontram em processo de formação e aperfeiçoamento para que o processo de transformação e adesão cultural se estabeleça. Neste sentido, além da organização da documentação (oral e imagética) desejamos propor um produto especial que reúne materiais diversos para uso em sala de aula para que os alunos vivenciem no aprendizado saberes indígenas de forma escrita, documentada, para que nossa cultura não se perca. A escrita nunca fez parte de nossa cultura e é capaz de renovar a forma que se acumula informações e conhecimentos, ainda mais hoje dispondo de vários e importantes tecnologias. Nós, povos originários, sempre passamos informações para as novas gerações por meio da oralidade, portanto a memória é preciosa bem como a ancestralidade que carrega todo nosso saber.

Procedimentos metodológicos

Foi realizada uma pesquisa narrativa e estudo de alguns documentos produzidos pela própria Escola Pataxó Aldeia Velha ao longo de sua história. Documentos que revelam as transformações da escola, desde o processo de sua construção como material fotográfico de vários momentos, depoimento de professores e alunos. Alguns documentos representam as

mudanças decorrente das reivindicações de professores, das lideranças e cacique desta Comunidade Pataxó para construção da escola, disputa e processo que ainda persiste mesmo após algumas décadas desde a constituição em 1988, desde a Lei de Diretrizes e Base (LDB). Como anexos, há vários documentos que retratam o desempenho da Escola de Aldeia Velha como: a matriz curricular de algumas séries, o Projeto Político Pedagógico (PPP), realizado originalmente em 2010, sendo reformulado em 2015 e propostas de mudanças pois vê-se necessária uma reformulação no currículo e suas diretrizes para que tenham a identidade, a marca, a cultura e a história do Povo Pataxó.

Para Miguel Arroyo (2011):

...o currículo é território em disputa na construção do sistema escolar, o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, ressignificado. Um indicador é a quantidade de diretrizes curriculares para a educação Básica, educação infantil, Ensino fundamental de 9 (Nove) anos, Ensino Médio, EJA, educação do campo, indígena, étnico-racial, formação de professores etc. Quando se pensa em toda essa diversidade de currículos sempre se pensa em suas diretrizes, grades, estruturas, núcleos, carga horária: uma configuração política do poder. (ARROYO, 2011, p.13)

Este trabalho contará também com entrevistas com agentes, principalmente professores que participaram de diferentes momentos da idealização e construção da história de nossa Aldeia, especialmente da Escola. A narrativa estará em diálogo com a bibliografia estudada de modo a fundamentar nossa pesquisa com bases que indiquem os processos de trabalho e inserção de práticas, de uma construção que pode ser chamada de experimental com uma pedagogia mais compatível com os objetivos de resgate, de memória, preservação, manutenção e projeção para a escolarização de ensino intercultural e bilíngue que preserve e edifique modos de ensinar também baseados nos valores do Povo Pataxó.

Desta forma, foi realizada uma pesquisa qualitativa que é um método de investigação científica que afirma Bicudo:

...é importante uma pesquisa qualitativa que tenha participação e engajamento: Muitas correntes continuaram apelando para recursos oferecidos pela estatística, outras trabalharam com relatos, tomando-se como tal para embasar afirmações importantes na pesquisa efetuada. Os valores tidos como positivos por essa ciência são participação e engajamento, procedentes em relação à importância das concepções de história e cultura que assumem. (BICUDO, 2011, p. 21):

Ainda em concordância com a questão acima verifica-se que:

Posso fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que faço desses dados estarão sempre presentes o meu quadro de referência, os meus valores e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas que eu faço nos meus instrumentos estão marcados por minha postura teórica, meus valores, minha visão de mundo”. Sendo assim a pesquisas qualitativa e quantitativa uma complementa a outra. (ANDRÉ, 2012, p. 21)

Essa pesquisa metodologicamente está composta de entrevista narrativa. Segundo a professora da UFMG Inês Teixeira:

... este tipo de pesquisa se desenvolve ao ordenar e atribuir sentidos aos acontecimentos, articulando-os em uma sequência temporal significativa, permite ao/a narrador/a a elaboração de imagens de si, do outro e do mundo e a atribuição de significados às suas experiências, constituindo-se como uma forma discursiva privilegiada para a compreensão das interpretações dos sujeitos sobre si mesmos, numa possível invenção de si. (TEIXEIRA, 2006, p.3)

A entrevista narrativa abrange um contexto infinito de interpretações na conjuntura de experiências e transformações da memória humana, sem dúvida a narrativa representa um desabrochar constante de ideias do eu, do outro e de nós.

Ainda em concordância com Inês Teixeira:

A narrativa, da mesma maneira como prospera longamente no círculo do trabalho artesanal - agrícolas marítimo e depois urbano - é ela própria algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro “em si” dá coisa, como informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro. (TEIXEIRA, 2006, p. 3)

Assim, dez importantes nomes de comunidade indígena de Aldeia Velha foram convidados para serem entrevistados. As narrativas estão aqui apresentadas com o intuito que falem sobre a sua participação e percepção sobre o crescimento da Escola. Que revelem memórias de como aconteceu sua chegada e seu trabalho na Escola e o crescimento de seu campo de atuação nesta comunidade. Para cada encontro com os entrevistados, foi preparada uma abertura de fala com o propósito de explicar os objetivos e a razão de querer ouvi-los, bem como um roteiro explicando que as entrevistas seriam abertas.

As questões norteadoras das entrevistas:

1. Como você vê o currículo Indígena Pataxó?
2. Você poderia comentar porque a língua materna, no caso o Patxôhã, sendo uma disciplina tão importante para o Povo Pataxó, tem sua carga horária menor em relação à Língua Portuguesa?
3. Qual a principal característica da relação professor-aluno nesta Escola? Qual a importância ou não do laço ou vínculo indígena entre o professor e aluno?
4. Como o professor trabalha, no ano letivo, as ações e eventos da cultura indígena no calendário escolar?

5. Desde que se construiu a Escola de Aldeia Velha o quadro de funcionários mudou várias vezes. Qual o motivo de tantas mudanças já que a maioria dos funcionários, ou quase todos, são da própria Aldeia?
6. Quais são as temáticas que se referem a Educação Escolar Indígena que existem no currículo da Escola de Aldeia Velha? Essas temáticas são discussões constantes no planejamento?
7. Na Escola de Aldeia Velha, quais são os materiais didáticos indígena de outros povos, além do Pataxó, e como eles são trabalhados em sala?
8. O que o Ipê representa no contexto da Educação Escolar Indígena e na Comunidade de Aldeia Velha?
9. Você, como professor indígena, como faz dentro de um contexto de uma escola indígena onde são apresentados os conteúdos não indígenas?
10. Você poderia comentar se houve conquistas de 1999 aos dias atuais, em relação a Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha? O que você diria que ainda falta conquistar?
11. Diante da especificidade da Educação Escolar Indígena, onde o currículo próprio e diferenciado é o principal eixo temático da Escola Indígena, como os professores da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha dialogam com esses saberes no contexto cultural?

Os entrevistados convidados foram: Antônia Maria Santos, Atais Andrade Nascimento, Aline Silva de Andrade, José Roberto dos Santos, Juciara Novais Pereira, Maria Aparecida Alves da Conceição, Rosimar Valério dos Santos, Silvino Lopes do Espírito Santo (Ipé), Gilzimar Santos Silva e Antonildo Silva de Lira. As entrevistas tiveram início em dezembro de 2022, e conclusão em janeiro de 2023.

Justificativa

Tal objeto de estudo deve-se a sua relevância diante das conjecturas atuais da sociedade brasileira na qual a educação, sobretudo o professor, a todo o momento, precisa estar preparado para lidar com os desafios plurais que se apresentam para exercer seu papel de acordo as necessidades da sociedade. Tratando-se de uma cultura quase que invisibilizada frente ao contexto nacional, pretende-se apresentar e analisar as abordagens acima expostas, partindo

inicialmente do levantamento de dados seguido por uma reflexão sobre a importância da Educação Indígena e Escolar Indígena em Aldeia Velha para, na sequência, verificar o processo de construção e crescimento desta escola e seus profissionais, relatado pelas diferentes histórias de vida e como se desenvolvem em relação ao plano de estruturação de aula e desenvolvimento curricular.

O currículo da Escola de Aldeia Velha sofreu amplas mudanças nestes 24 anos, desde o início de sua história. Neste tempo, o quadro de funcionários foi ampliado várias vezes, em constante disputa por vagas. Também há professores da língua materna, o Patxôhã, professores indígenas. Neste trabalho, analiso os ofícios e solicitações que formalizaram estas conquistas.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro trata da fundação da Aldeia Velha, enfatizando a sua história e a retomada do território que hoje é habitado pela comunidade, algo sagrado por todos os Pataxó. Abordamos também o crescimento populacional dessa comunidade com seus impactos, assim como os desafios e conquistas da mesma, com destaque para os recentes anos, muito marcados pelos diversos impactos da pandemia do covid-19 e pelos sucessivos incêndios e enchentes no território da aldeia.

No segundo capítulo, são trazidas informações sobre a origem da Escola e a contextualização de como a escola e cultura Pataxó estão ligadas. Aborda-se a história da escola, a comunidade, as dificuldades para fundação da escola, além de uma breve história sobre a trajetória dos professores em relação às suas formações no contexto da educação escolar indígena dessa comunidade, e no Brasil. Também neste capítulo apresentamos análises sobre a cultura tradicional e suas sucessivas mudanças e apropriações.

No terceiro capítulo, Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha, mostramos que tem sido feito o enlaçamento da Cultura Pataxó com a cultura do não índio em busca de marcar o território curricular da escola indígena como uma escola onde a cultura está presente em cada cantinho de aprendizagem. Desde o início desta pesquisa, percebe-se que é relevante o trabalho que o corpo docente desta escola vem desenvolvendo. Trata-se de atividades e exercícios pensados para que sejam desenvolvidos pelos alunos em sala de aula ou em sua casa, e que levam em consideração o contexto indígena, ora da língua, ora da questão escrita, que estimulam o conhecimento de sua cultura originária como, por exemplo, o reconhecimento dos frutos ou dos animais que estão na reserva, dos acessórios e práticas culturais. Assim, espera-se que o material utilizado na Escola tenha também a possibilidade de

colocar em evidência imagens do cotidiano e dos valores indígenas, valorizando-os como parte da construção e manutenção da etnia.



Fig.1 – Exemplos de materiais desenvolvidos para atividades dos alunos da Educação Infantil.

Estamos trabalhando para melhor organização do material, já desenvolvido, para que tenhamos um material didático específico que fale de nossa cultura, que ensine nossos costumes e possa estar inserido nos materiais didáticos que nos chegam através das diretrizes curriculares do Município.

Temos uma escola, muitas vezes imposta, já que não podemos nos desassociar das matrizes curriculares cujas diretrizes são indicadas pelo MEC, Diretrizes Curriculares Nacionais, e com pouco espaço para inserção de conteúdos diferenciados da nossa cultura. Podemos incluir Cultura Indígena, conforme a diretriz curricular, na carga horária destinada as disciplinas de Língua Materna, História e Arte e quem sabe nas demais disciplinas com exemplos, porém, ainda que não tenhamos nossa cultura incluída no material de estudo que nos é encaminhado pelo governo, fazemos modificações ou inclusões para que o material que nos é distribuído possa ficar mais próximo da nossa identidade, com as nossas características, no sentido de fazer a interculturalidade acontecer principalmente no material didático. O material didático que recebemos não faz nenhuma menção a cultura pelo indígena e mantém a ideia do indígena como foi muitas vezes visto, errônea e preconceituosamente narrada. Procuramos desenvolver a compreensão e identidade de nosso povo, de nossa cultura, com um olhar que se

propõe ser diferenciado ao entrelaçar e interagir conhecimentos em materiais que propiciem nosso estudo.

Assim, criamos materiais, bem como estruturamos esta pesquisa no sentido de identificarmos e evidenciarmos nossos princípios de estudo e, procurando demonstrar como a base curricular pode também considerar a nossa educação e cultura estruturada no currículo escolar.

No quarto e último capítulo, é falado sobre a afirmação e construção legítima da existência dos Sambaquis Curriculares, efetivamente, na realidade da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. Através da entrevista feita aos convidados da pesquisadora deste trabalho, foram descritas algumas necessidades para esta execução com base na realidade e história do Povo Pataxó, especificamente da Comunidade Escolar de Aldeia Velha. Os conhecimentos ou cultura dos brancos, ou de qualquer outra etnia, são tão importantes quanto os nossos. Assim, também nos propomos a elaborar um primeiro produto que será oriundo de estudos e experimentações de exercícios e atividades para que os alunos desenvolvam, e que ajudarão a compor a pesquisa e projeto que estamos denominando de Sambaquis Curriculares.

O nome Sambaqui se deve pela associação aos sambaquis encontrados em nosso território e que comprovam que a área era originariamente habitada pelo Povo Pataxó. São os sambaquis que atestam nossa existência em determinada área e documentam nosso direito de apropriação em determinado território. Com os Sambaquis Curriculares, queremos impregnar, adensar esse conhecimento e pertencimento do povo em nossa cultura e, mais especialmente, queremos que as crianças cresçam reconhecendo seu lugar de pertencimento na cultura do Povo Pataxó e na nação Brasileira.

Os povos indígenas possuem sua história marcada por profundo desrespeito à sua forma de vida, crença, cultura e língua, e essa violação dos códigos culturais conduziu a um verdadeiro etnocídio, que teve início com colonização portuguesa e a formação de aldeamentos jesuítas na região:

...as várias etnias eram confinadas e obrigadas a conviver com culturas e inimigos históricos, em exíguos espaços no mesmo núcleo, apesar de tal prática estar impedida pela legislação vigente (VIEIRA, 2007, p.29). Aos povos indígenas eram negadas as singularidades de suas etnias, o que ensejava na homogeneização destes em projetos desestruturados que simplificava a diversidade indígena em uma “única categoria, a um único conceito. (ATHIAS, 2007, p. 127).

Desta forma, a história da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha se manterá viva, também pela escrita. Outras aldeias, outras culturas, que não seja só a Pataxó, poderão conhecer parte de percurso e da atuação da escola dentro da comunidade. Os filhos e parentes vindouros poderão lembrar das lutas e conquistas de seu povo, bem como dos esforços de aperfeiçoamento, crescimento e busca por uma educação que valorize a interculturalidade e seja inclusiva e respeitosa com as origens do Povo Pataxó.

CAPITULO 1 – O POVO PATAXÓ: ALDEIA VELHA E SUA HISTÓRIA

1.1 O Povo Pataxó

Antes do contato com o não índio, nosso povo era livre, nossas matas e nossos rios sempre saudáveis. Nossos sustentos vinham das raízes, frutos, caças, peixes e mariscos. De acordo com a memória de nossos anciãos, chegamos a ocupar desde os rios da região de Porto Seguro e Belmonte, no extremo sul da Bahia, litoral adentro até o rio São Mateus, no norte do Espírito Santo. Nosso povo não foi exterminado na época da invasão dos portugueses (erroneamente tratada na história como descoberta) porque éramos nômades e vivíamos nos centros das florestas. Toda floresta era nossa casa, porque o território que habitávamos não tinha cerca, não tinha muro e nenhum outro tipo de divisão. Nosso povo já habitava esse território há muito tempo, porém só encontramos registros e relatos escritos a partir de viajantes que escreveram documentos a partir do século XVI, já que nosso povo não tinha desenvolvido a escrita e baseava-se pela história oral. Como a história do povo branco baseia-se em documentos escritos e de territórios ocupados, o imaginário que se constituía era o de terra sem donos e de povos que não desenvolveram a escrita e que estariam, portanto, em estágios de cultura ainda não avançados pela classificação que faziam dado os povos que conheciam até então.

O viajante alemão Wied-Neuwied, que passou por essa região, no período entre 1815 e 1817, relata que:

Os Pataxó já viviam nas margens do rio mucuri. Nessa região, habitavam também outros povos. como Amixocori, Kumanaxó, Kutaxó, Kutatai, Maxakali, Malali, Makani, além dos Kamakãs e Botocudos. Os Pataxós ocupavam outras áreas como os rios de Contas e Pardo, e ainda havia agrupamentos entre São Mateus e Santa Cruz de Cabrália. Como eram nômades, transitavam por todo esse território. Nesse relato, o viajante informa que, possivelmente, os Pataxós, entre esses, fossem mais numerosos e guerreiros. Tinham grande habilidade em atirar flechas, o que os colocavam em destaque nas guerras que ocorriam entre os grupos indígenas da região. (UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA. ANAI/CESE/MEC. 2007.p.7.)

Nesta época, início do séc. XIX, quando o texto acima foi escrito, já tínhamos contato parcial com o povo branco, colonizadores, e vivíamos em constante conflitos visto que desejavam nos escravizar, catequisar e prender em aldeias, muitas vezes junto a etnias diferentes que também eram obrigadas, como nós, a obedecer a ordens muito distintas de nossas crenças, valores e cultura.

No entanto, podemos dizer que o coração do território Pataxó é uma ampla região que ficava em torno do Monte Pascoal, que abriga, ainda hoje, algumas aldeias entre as quais a Aldeia de Barra Velha, chamada “aldeia mãe”, na qual os Pataxó foram reunidos, oficialmente, em 1861. Ao longo de todo o período colonial, esta região já era o reduto da resistência de povos indígenas.

Sabemos que o Povo Pataxó vive hoje no extremo Sul da Bahia nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia, Itamaraju, Prado. Também vivem nos municípios mineiros de Carmesia, Arassuaí, Açucena e Itapeçerica, territórios estes, cuja ocupação se deu pelo deslocamento dos Pataxós que viviam próximos ao Monte Pascal, no ano de 1951, quando sofreram um grande ataque conhecido entre os Pataxós como “fogo de 51” mas que foi nomeado e divulgado pela mídia nacional como a “Revolta dos caboclos de Porto Seguro”. Trata-se de um ataque das polícias de Prado e Porto Seguro ao último refúgio dos Pataxó naquela época. A aldeia foi totalmente incendiada e abandonada por todos os moradores desencadeando assim uma grande dispersão dos Pataxós.

Lê-se em PEDREIRA (2013) que um posto da FUNAI foi estabelecido em Barra Velha, em 1969, dando início a uma série de acordos entre a Fundação Nacional do Índio e o IBAMA, gestor do Parque Monte Pascal. Em 1980, uma estreita faixa de 8.600 foi reservada para os Pataxó, superposta ao longo do limite norte do Parque. Tal movimentação fez surgir com diferentes motivações, indivíduos que se destacavam como lideranças e lançavam as bases para a organização de novas aldeias, convocando aliados entre os indígenas na diáspora ou oriundos de outras aldeias.

Foi somente nos anos de 1990 que os Pataxós vivenciaram uma nova e importante fase do seu processo de reconstituição territorial. Nesse período, as ações de retomada viriam consolidar uma estratégia eficaz para o reconhecimento oficial de parcelas territoriais antes expropriadas.

Hoje, no estado da Bahia, os Pataxó encontram-se distribuído em 36 Aldeias organizadas, em seis terras indígenas nomeadas da seguinte forma: Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha. As regiões ainda em processo de

demarcação e já ocupadas pelos Pataxó são: Barra Velha do Monte Pascoal e Comuruxatiba (Cahy-Pequi).

Foi nesse contexto que a Aldeia Velha foi reinserida no território Pataxó, através da mobilização de famílias indígenas, que viviam no Arraial d'Ajuda e vizinhanças, lideradas pelo Cacique Ipê e com o apoio do Conselho de Caciques Pataxó (Sampaio 2000) como trataremos adiante.

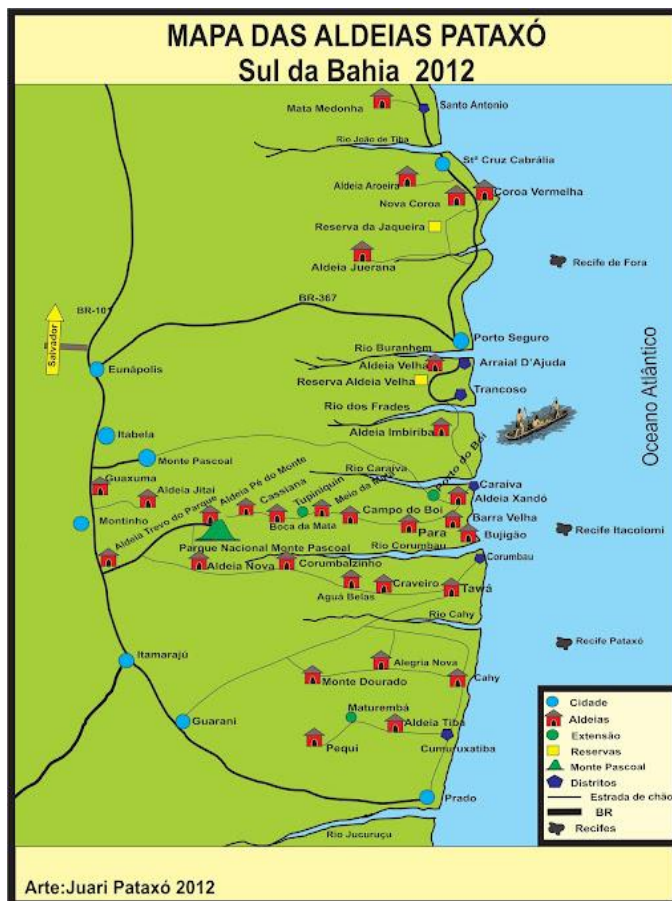


Figura 2 – Localização das Aldeias Pataxós no sul da Bahia.

<http://superintendenciaindigena.blogspot.com/2012/10/localizacao-das-aldeias-pataxo-do-sul.html> acesso em 06 de out. 2022.

De acordo o site acima e o documento DCRM 2022, p.26-27, temos no extremo sul da Bahia 36 aldeias Pataxó.

Pedreira relata que:

Utilizando-se de suas relações próximas com os índios residentes no Arraial d'Ajuda, Ipê começou a reunir algumas famílias com a intenção de informá-las sobre os seus direitos e organizá-las para “fazer uma aldeia”. Após a segunda ação de retomada na Aldeia Velha, em 1998 – cinco anos após uma primeira tentativa frustrada –, a comunidade se estabeleceria ali definitivamente. Algumas das famílias envolvidas neste movimento haviam sido expulsas do local, anos antes; as outras, suas aliadas, provinham, sobretudo, da região do Monte Pascoal. (PEDREIRA 2013, p.31-42)

Neste trabalho trataremos mais especificamente do povo Pataxó da Aldeia Velha localizada no distrito de Arraial d´Ajuda, Porto Seguro.

Esta Aldeia:

...está separada dos bairros da periferia do Arraial pelo leito de uma rodovia e por um estreito corredor de mata que se alonga até o remanescente florestal que ocupa mais da metade da Terra Indígena Aldeia Velha. Está TI abriga apenas uma aldeia e foi declarada de posse permanente do povo Pataxó no início de 2011, com uma área de pouco mais de 2.000 ha. (PEDREIRA 2013, p.31-42)

1.2 A Retomada do Nosso Território, o Início de Tudo



Figura 3. Entrada da Aldeia Velha 2022. Foto do acervo pessoal da autora e seu esposo.

Muitas pessoas perguntam de forma curiosa, por que retomada? A retomada nada mais é do que a entrada de alguns indígenas em um determinado território, originariamente indígena e que foi abandonado ou tomado por posseiros ou fazendeiros por um longo período. Como é que se sabe que se trata de uma área realmente indígena?

Antes de afirmar que determinado território é indígena, são feitas várias pesquisas pelas pessoas mais velhas, também se questiona e investigam as pessoas que já moravam no lugar e saíram, vizinhos próximos daquela área, leva-se em consideração os vestígios ali encontrados e muitas investigações acontecem no próprio território em questão. Esta comunidade de acordo o antropólogo conhecido como Guga, que fez o estudo da terra, afirma que essa Aldeia sempre existiu como território indígena, são palavras dele em diálogo com a comunidade.

Segundo os mais velhos, a história que sempre foi contada é que essa sempre foi uma área indígena. Com a chegada dos colonizadores, os Jesuítas vieram e começaram a catequisar os indígenas e, em homenagem a Santo Amaro, deram o nome a este lugar. Depois dos contínuos massacres que aconteceram com nossos antepassados, esta área foi abandonada e ficou como posse dos fazendeiros. Depois foi registrada na comarca de Porto Seguro como fazenda de Santo Amaro, exatamente o nome dado pelos Jesuítas ao aldeamento aqui existente. (UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA- ANAI/CESE/MEC, 2007, p. 55)

Conforme boletim ANAI/Bahia, n. 19, desde 1567 esta área foi uma aldeia, um dos lugares preferidos, onde os indígenas gostavam de morar por ser uma área litorânea e fácil de encontrar alimentos nos mangues e praias. Com a chegada e invasão dos brancos os indígenas foram expulsos, mortos, escravizados ou ainda morreram com doenças desconhecidas por aqui, e que foram transmitidas pelo branco.

É fato que a comunidade de Aldeia Velha já existia porque já moravam indígenas nessas terras. A grande referência era a presença viva e depoimentos da indígena Dió que já habitava a parte baixa da Fazenda Santo Amaro. Era considerada a indígena mais velha de Aldeia Velha, não de idade, mas de tempo de moradia. Quando houve a retomada ela já habitava no local com seu filho Damião. Ela fazia telha e produzia dendê. Amava mexer com barro e participou de alguns importantes eventos de intercâmbio entre escolas indígenas contando sua história em 2002. Dió nos deixou em 2007, mas continua viva na memória de nosso povo e na nossa história. Ela também esteve muito atuante e disponível junto à Escola da Aldeia. Também é importante ressaltar os depoimentos de alguns moradores mais antigos como Seu Boaventura, seu Josa.

Silvino Lopes do Espírito Santo, o Ipê, começou a pesquisar sobre esse território indígena em 1992. Ipê começou a observar tudo e todos que estavam relacionados com esse território.



Figura 4 – Foto da Índia Dió (de cocar) ao lado de sua filha. Acervo de Lindinalva.

Nos anos de 1960 e 1970 moravam no local cerca de 20 famílias indígenas, tendo as terras que ocupavam passado por um processo de grilagem. Surgiram fazendeiros que afirmavam que as terras eram deles e foram expulsando os indígenas que ali habitavam. Porém os fazendeiros não conseguiram expulsar a todos, resistindo ainda no local Dió, uma das anciãs componentes do grupo, que ali permaneceu com seus filhos apesar das ameaças e da pressão dos fazendeiros. A sua resistência foi uma referência importantíssima para todos os outros e foi a partir da sua casa que os Pataxó penetraram novamente no território, numa tentativa frustrada de retomada no ano de 1993 e em outra bem sucedida, no ano de 1998. (Diário, Oficial da União Terra Indígena de Aldeia Velha, publicado em 17 de junho de 2008).

Ipê já conhecia boa parte da história pois inclusive sua família residia em Arraial d’Ajuda há muito tempo:

Ipê nasceu em 1956, na região do Monte Pascoal, Ele foi o primeiro a deixar a casa dos pais, estabelecendo-se no Arraial d’Ajuda aos catorze anos, na casa de um tio. Algum tempo depois trouxe a sua família. Seus pais permaneceriam no Arraial, mas Ipê e os irmãos continuariam migrando para outros lugares na região, em busca de trabalho. (PEDREIRA 2013)

Na época o Ipê, em visitas aos seus pais que moravam em Arraial d’Ajuda, sempre ouvia histórias sobre a fazenda Santo Amaro, e ele sempre ouvia com máxima atenção. A fazenda Santo Amaro sempre foi um ponto de referência e um lugar onde muitas famílias indígenas, especialmente de Vale Verde, procuravam para se estabelecer.

Sobre as terras serem indígenas os pais de Ipê falavam, os amigos, os vizinhos, pessoas que já tinham morado na área. Então o Ipê ficou muito curioso e passou a pesquisar e investigar sobre o território. Os mais velhos dizem que Arraial d’Ajuda era todo um território indígena, do Arraial ao Vale Verde. Vale Verde era chamada aldeia Patativa. Muitos indígenas

passaram para o fazendeiro sua parte de terra por “preço de banana” na esperança de saírem da aldeia, achando que poderiam ter uma vida melhor, outros eram incentivados ou mesmo obrigados a saírem da fazenda. Ipê então resolveu pesquisar por que os indígenas saíram da Aldeia? Qual o motivo do fazendeiro estar em posse dessas terras? Ele foi pesquisando, conversando com os mais velhos, e assim foi juntando um pouco de informações ali, um pouco aqui e a reunir documentação. Começou a interagir com os moradores do território cada vez mais certo que de fato, esta era realmente uma área indígena.

Assim que Ipê teve a certeza de que se tratava de um território indígena, reuniu alguns indígenas que estavam desaldeados, juntamente com outros parentes indígenas de outras aldeias, procurou a FUNAI para ajudá-lo no reconhecimento da terra, o CIME e a ANAI como colaboradores. Também passou a interagir com outros parentes de outras aldeias para troca de informações e fortalecimento.

É importante esclarecer que desaldeados são considerados os indígenas que sabem de suas origens, porém, por alguma razão, não se encontram mais dentro de sua comunidade de origem ou da comunidade com a qual se identifica e onde gostaria de estar. Geralmente esses indígenas saíram da comunidade por motivos de expulsão de suas famílias do território no passado, mas também por mudanças devido a casamento, estudos, de indígenas que não moravam na aldeia, mas que sabiam de suas raízes indígenas e às vezes também de indígenas que sabem de suas raízes, mas não conhece sua etnia.

É importante explicar que fazer uma retomada não é simplesmente entrar em um determinado território. É muito mais complexo que isso. Deve-se ter toda uma logística de investigação e tratativas legais, uma pesquisa, um estudo avaliando todo e qualquer indício da área em questão. Assim, depois de todo esse processo de levantamento histórico e reconhecimento do território vieram dois antropólogos Jorge Luís de Paula, (Guga) e Leila Silva Burger Sotto, que fizeram um estudo mais amplo e detalhado do território para que fosse possível realmente comprovar tudo que todos já estavam cientes, mas era necessário um laudo técnico, que responderia a critérios solicitados e exigidos pela lei para a comprovação do território que é hoje ocupado.

Os antropólogos, então, estudaram a área e afirmaram que se tratava de território indígena pelos vestígios aqui encontrados, como sambaquis, montantes de ostras, conchas e fornos antigos, bem como campo de mangabas que é uma fruta nativa, que é de origem indígena. Assim, Aldeia Velha foi então reconhecida e demarcada em 2007, só faltando apenas ser

homologada. De acordo com o Ipê, primeiro cacique de Aldeia Velha, esse território tem 2.010 hectares, porém no documento do diário oficial de 2008, está delimitado como 2.001 hectares e fica localizado no Município de Porto Seguro, limitando-se ao Norte a margem direita do rio Buranhém e lagos sujeitos a inundações pela chuva e maré. Na parte alta fica toda mata preservada que é chamada de Reserva Indígena Pataxó.

Com Ipê, no dia 22 de maio de 1993 foi feita a primeira retomada, com aproximadamente 46 famílias indígenas e foi feita pela parte baixa da aldeia. Segundo ele, foram feitas algumas cabanas de palhas em uma área aberta; “mas não ficamos ali muito tempo, pois o fazendeiro enviou uma liminar e fomos expulsos do lugar. Professores Formadores, Leitura Pataxó (2005, p.39).

Porém, o pouco tempo que ali estiveram foi o suficiente para conhecer os sambaquis, e os fornos antigos o que confirma que ali existiam vestígios da existência de povos indígenas naquele lugar, informações passadas pelo Ipê em rodas de conversa com a comunidade indígena.

Acredita-se que em 1993 não tivemos sucesso na retomada porque a experiência era pouca e precisavam de mais pessoas para reforço, pessoas que reivindicassem seus direitos e apoiassem esta luta. Mas o Ipê não desistiu, continuou a pesquisar ficou mais forte em relação ao apoio de outras pessoas, outras Aldeias vizinhas bem como de outros órgãos competentes e foi novamente a luta. Cinco anos depois, no dia 9 de março de 1998 comprovou-se então que o território é indígena, através da pesquisa do Ipê e agora com apoio da FUNAI, então iniciou a segunda retomada, desta vez, com sucesso.

...foi feita a segunda retomada da Fazenda Santo Amaro, a retomada foi feita por Ipê e algumas famílias da primeira retomada, com outras famílias indígenas do litoral de Porto Seguro que se juntaram a nós. A área ocupada foi a parte baixa da aldeia que fica logo próximo ao mangue, em 1,5 quilômetros da margem do rio Buranhém. O fazendeiro lutou para nos expulsar mais dessa vez não conseguiu. (CONCEIÇÃO,2003)

A terra já foi demarcada, porém não saiu ainda a homologação que a reconheça, legalmente, como terra indígena. Portanto, antes que aconteça uma retomada, é necessário um longo processo de pesquisa e recolhimento de evidências que comprovem tratar-se de um território indígena. Precisa-se ter uma vasta documentação organizada e eficiente que respeite todos os parâmetros exigidos pela lei para que se abra o processo para a entrada no território.



Figura 05 – Indígenas que lutaram para a retomada de Aldeia Velha. Acervo do Índio Buriti, Manoel Meira.

É quase impossível relatar sobre a Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha sem relatar sobre a retomada, porque foi justamente em 1998 em que tudo começou a ser pensado para a fundação da escola. Aldeia e Escola nasceram praticamente juntas, Comunidade e Educação Escolar Indígena fazem parte da história inicial de nossa Aldeia como trataremos no Capítulo 2. Por ora. É importante ainda relatar sobre a consolidação da Aldeia Velha: crescimento, desafios e conquistas nestas poucas décadas de existência.

1.3 Crescimento Populacional de Aldeia Velha e seus impactos



Figura 6 – Indígena Potira, em sua casa na parte baixa da Aldeia durante a Primeira retomada. Acervo de Manoel Meira, Buriti. A indígena Potira é sogra da autora.

Logo depois da retomada, percebeu-se que quase todas as casas eram de tábuas, uma ou outra de lajota. Logo passou-se a fazer casas de taipa, ou seja, barro. Madeiras e cipós

utilizados eram pegos do próprio território para construir as casas. A comunidade Aldeia Velha teve início com poucas famílias, conseqüentemente poucas pessoas, mas depois da retomada definitiva de 1998, os indígenas que antes tinham dúvidas do trabalho que o Ipê estava realizando em prol da retomada, agora estavam acreditando neste trabalho e muitos indígenas passaram a pedir para vir morar na aldeia, desta forma foram chegando mais e mais parentes de outras aldeias e até mesmo os indígenas que moravam no Arraial.

Cada vez mais outras pessoas indígenas e até mesmo não indígenas procuravam o Ipê, querendo morar na Aldeia. Porém o Ipê pensava muito e reuniu as lideranças antes de trazer outros parentes para aldeia. Mesmo assim a comunidade ia crescendo e, conseqüentemente, a construção de mais casas implicava em tirar madeira para as construções, o que causava desmatamento. Mesmo que não quisessem desmatar, com a construção das casas havia desmatamento porque tiravam varas para fazer o enchimento das casas para depois barrear, ou seja, jogar barro nas paredes envaradas e para as casas de taipa, também precisavam de madeira para cobrir. Retirada de árvores para a obtenção de madeiras vai contra os valores indígenas. Por isso o Ipê não concordava com a entrada de muitas pessoas na aldeia porque, de acordo com ele, havia crianças na aldeia e em breve estas crianças estariam crescidas (homens e mulheres), casando-se e formando novas famílias, e cada família vai formando outra, assim a comunidade vai continuar crescendo e assim seria melhor não colocar muitos parentes, e também porque com um número menor de famílias indígenas parecia ser mais fácil resolver os problemas complexos desta comunidade. Porém, mesmo assim, sempre vinham outras famílias indígenas para a comunidade, visto que alguns parentes ainda se apresentavam no intuito de voltar a vida na aldeia. Toda vez que isso acontecia o cacique sempre fazia uma reunião, com o objetivo de que todos da comunidade pudessem dar sua opinião e a decisão ocorria coletivamente sobre a entrada de uma nova família na Aldeia, procedimento que acontece até hoje. Mesmo assim, com a cautela e o desejo de crescer aos poucos, o crescimento era notório.

O cacique e as lideranças da época da retomada preocuparam-se com o crescimento e procurou o órgão competente, fazendo um documento e solicitando ao Governo Federal casas populares, ou seja, moradia que possibilitasse uma boa moradia com igualdades sociais. Fazia sentido o fato de estarem vivendo na civilização e pensarem em viver segundo novos costumes. Importante ressaltar também que os parentes desaldeados já viviam na cidade em casas de alvenaria e toda vez que foi solicitado apoio ao governo, às vezes eles apoiam com benefícios cujos modelos obedecem a critérios estabelecidos ao povo brasileiro, sem levar em consideração variações étnicas e de costumes do povo indígena.

Assim, essas casas, cuja construção poderia ter apoio do Governo não poderiam ser do jeito que os povos indígenas estavam acostumados ou do modo que idealizassem. Esses projetos chegam e são aceitos tal como são oferecidos ou mais precisamente dito, impostos. Para a construção na Aldeia Velha o projeto foi feito em 2010, sendo na época construídas 120 casa populares. Tais construções evitam as derrubadas de madeiras, para que haja um espaço de abrigo, de moradia.

De acordo com a dimensão populacional crescente também havia necessidade de uma arquitetura escolar maior que atendesse a necessidade da comunidade. Consequentemente, mais indígenas passaram também a buscar formação e mais conhecimentos para terem mais capacitação para exercer a função de educador na escola indígena.

Em relação as construções na Aldeia que são financiadas pelo governo, são edificações modernas, frente ao costume indígena para espaços de convivência, escola, posto de saúde e moradias que alteram o modo de usufruir tais espaços ressignificando nossos hábitos. Ocorre também pela necessidade de integração às normas nacionais, o apoio é necessário e para nós também se dá a partir da necessidade de continuar a preservar com maior intensidade a Mata Atlântica, especialmente a que está em território da reserva indígena que ainda apresenta área verde e que é importante preservar para o bem da comunidade e do entorno.

Assim, foi aceito que a Escola fosse tal qual o modelo que as prefeituras projetam e constroem nacionalmente, sem nenhuma diferença em seu projeto de uso e divisão de espaço. A construção da escola na Aldeia previa as mesmas divisões e dependências de qualquer escola construída em território nacional e aprovada pela federação como ideal como projeto arquitetônico para o bom funcionamento de escolas.

É preciso dizer que a relação entre o crescimento populacional e o correspondente número de jovens que seriam encaminhados para a Escola foi crescendo, ampliando consideravelmente o montante de matrículas e que surgiu a necessidade de, cada vez mais, ampliar o quadro de professores e funcionários Tal fato também exigia melhores instalações que permitissem receber os alunos e para que, efetivamente, fosse possível trabalhar os conteúdos curriculares que são estabelecidos nos programas de aula.

1.4 Os Desafios e Conquistas da Comunidade

Os desafios foram muitos, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento do território como terra indígena, ou seja, a luta para demarcação, reconhecimento de escola

indígena que, até 2006, fazia parte das escolas do núcleo do distrito de Arraial d’Ajuda, a luta pelo currículo próprio, pelas licenciaturas interculturais, lutas para termos professores da língua materna Patxôhã, cabanas para rituais, luta pela construção da escola, luta para conquistarmos uma sede que estava na região de Eunápolis para Porto Seguro, luta para organizar as associações de etnoturismo e da comunidade, o que ajudaria na conquista de projetos e também para a construção de duas cabanas dentro da reserva para receber turistas. Foi decidido então fazer trabalho de etnoturismo na reserva. Para isso, foi preciso abrir uma associação de etnoturismo que facilitaria todo o processo de organização e recebimento de doações ou projetos.

Toda infraestrutura era precária já que na fazenda Santo Amaro, que ocupava a área antes da retomada, só tinha uma sede, ou seja, um espaço grande, que ficou sendo a casa do cacique e alguns barracos de tábuas para abrigavam várias famílias logo no início da retomada do território.

A aldeia foi inicialmente formada com alguns indígenas desaldeados e que, portanto, não tinham a prática de tradições e costumes indígenas da mesma forma que tinham os aldeados. Os indígenas que vieram para cá eram originalmente de Arraial d’Ajuda, Vale Verde, Porto Seguro, Ilhéus, Itabuna e outras regiões que tinham raízes indígenas, mas, por algum motivo, moravam fora da aldeia e já conheciam e praticavam outras culturas.

Houve, então, um processo de troca e comunicação com os aldeados de outras aldeias para ajudar e incentivar a reafirmar a cultura Pataxó, através da troca de conhecimento no que se refere a confecção de artesanatos, modos de vestir, práticas de usos festivos bem como com pinturas corporais que no período da retomada eram diferentes, feitas apenas com o traçado do dedo indicador já que não dava tempo fazer detalhes. É usado o carvão o urucum, o barro nas pinturas corporais que hoje estão cada vez mais detalhadas e sofisticadas em diferentes traçados que refletem a geometria cultural de nosso povo.

Segundo a fala da Indígena Potira, mesmo diante de tanta luta, desafios e necessidade de reconstrução, a frase mais usada por muitos era, ao sentir o ar puro da mata, o canto dos pássaros em cada amanhecer: “só quero viver e desfrutar essa oportunidade que Tupã está me dando de voltar para minhas origens”.

Depois de alguns meses, aqueles que retornaram às suas raízes se encontraram com pessoas da cidade e perceberam que não sentiam falta do estilo de vida que tinham fora da Aldeia, mas muitas coisas ainda estavam a ser compreendidas e construídas. Um bom exemplo

seria a falta de energia elétrica que só existia na casa sede. Inicialmente foi feita uma distribuição através de gambiarra para as casas que não tinham energia elétrica, mas que resultava em uma luz muito fraca. Faltava fiação, ficar sem energia era comum porque distribuía para muitas casas, e quando as máquinas da farinha eram usadas, por exemplo, não podia usar nenhum outro ponto de eletricidade nas casas. Porém as principais rede elétrica do Arraial d’Ajuda passam dentro do território. Depois tiveram que fazer casas de taipa para abrigar mais parentes e seguir as tradições indígenas.

A água também foi um desafio porque todos tinham que descer uma grande ladeira para limpar a fonte e um poço pequeno que tinha na parte baixa do território da Aldeia. Ter água encanada chegando nas casas foi uma conquista e na Escola ainda maior, pois permitiu que um grupo de crianças tivesse condições de saneamento básico. Ter água e luz elétrica na escola, além de banheiros, sem dúvida ajudou muito no desenvolvimento e funcionamento da escola.

Provavelmente, entre todas essas conquistas as principais e mais importantes foram a demarcação do território e o reconhecimento da escola da aldeia. No início de sua criação a Escola Indígena Pataxó, fazia parte do núcleo das escolas do Arraial d’Ajuda.

Logo no início a língua materna indígena passou a fazer parte do currículo da escola e havia um professor específico para o ensino do Patxohã. Tínhamos ainda na Aldeia uma cabana para fazer os rituais na comunidade e outras duas cabanas dentro da mata, na reserva. Alguns projetos foram conquistados e ganharam espaço para fazer os rituais, receber turistas na comunidade tais como: uma cozinha comunitária, o criatório de cabra, o ponto de cultura, uma biblioteca escolar.

Percebe-se também com o crescimento da aldeia, que foram feitas duas ampliações de moradia na comunidade, uma na parte alta, e outra na parte baixa.

É importante destacar que enquanto a Aldeia ia se estruturando, os que receberam a incumbência de serem os primeiros professores, bem como os que também foram se aproximando e dedicando-se a esta profissão, foram se capacitando e se interessando cada vez mais em ter formação superior. As licenciaturas interculturais, proporcionaram grande melhoria na interlocução entre todos os envolvidos diretamente na educação não só dentro da Aldeia, mas também como os setores governamentais envolvidos.

Trazer a Funai de Eunápolis para Porto Seguro também foi uma conquista. Há também, como resultado de luta, um setor indígena na Secretaria de Educação do município, onde todo corpo escolar pode solicitar apoio quando necessário e uma constante busca de meios legais para assegurar para as Escolas Indígenas um currículo próprio e diferenciado, junto ao currículo municipal. Esse setor indígena é um elo com a Secretaria de Educação de Porto Seguro e valorizamos muito ter hoje dois funcionários indígenas neste setor.

É demonstrado aqui, que os desafios e conquistas da comunidade da Aldeia Velha estão interligados ao crescimento da Escola de Aldeia Velha. O crescimento foi junto com a comunidade. Escola e comunidade caminham juntas em prol da melhoria educacional indígena. A Escola de Aldeia Velha tem em seu entorno uma das cidades mais turísticas no Brasil. Hoje, a região também é conhecida entre os turistas como *Rota do Descobrimento*, nome que muito nos desagrada por manterem e perpetuarem a ideia do descobrimento, porém, hoje a Escola tem a responsabilidade de manter a Cultura Pataxó viva em cada espaço ali existente.

Acredita-se que há a necessidade de trabalhar amplamente as duas culturas: a do homem branco, vigente em todo o território nacional, e que permite dialogar enquanto povo da mesma nação, e faz também com que nossos jovens conheçam e se aproximem cada vez mais da sociedade na qual ele continuará seus estudos, e a do Povo Pataxó. O ensino de nossa língua, nossa história e cultura fortalece como etnia e como povo e a luta para que essa cultura também seja cada vez mais conhecida, reconhecida e respeitada.

1.5 Dois Anos de Grande Impacto na Comunidade, Pandemia, Incêndio e Enchente

Dois anos que ninguém imaginava viver. Tudo aconteceu de uma forma lenta e aterrorizante, um vírus chamado Covid 19 foi se aproximando cada vez mais de nossa cidade e Aldeia. Os noticiários mostravam pessoas usando máscaras para se protegerem. De uma certa forma, achávamos muito estranho ver todas aquelas pessoas usando máscaras, mas pensávamos que era em outro país, e que estava muito longe do Brasil. Achávamos que não chegaria até aqui, ou que os médicos e cientistas logo encontrariam um remédio eficaz, mas logo o Covid também se aproximou de nossa Aldeia. Foram dois anos de medo, incerteza, insegurança, traumas, perdas, choro, tristezas e alegrias. A alegria quando chegava era ver parente que viu a morte tão próxima ter sobrevivido, mas muitos parentes não tiveram o mesmo destino. Na comunidade de Aldeia Velha, não tivemos morte por Covid 19, mas parentes de Aldeias próximas tiveram a tristeza da perda de alguns indígenas. Em meio a todo esse medo e

sofrimento, com a ciência do homem branco pesquisando para criar uma vacina eficaz para combater o Covid19, porém com a política do Ministério da Saúde péssima na compra e distribuição das vacinas, atrasou muito o processo de vacinação da população indígena e não indígena. Todo esse processo, se realizado de forma mais responsável e rápida, teria certamente evitado muitas mortes.

A vacina foi a solução para salvar vidas. Acreditamos que pela adesão e inclusão dos indígenas como prioritários para serem vacinados muitos Pataxó foram salvos. Aqui em nossa Aldeia foi uma luta para que pelo menos 75% dos indígenas tomassem a vacina. Muitos não acreditavam na gravidade da doença e tinham medo da reação da vacina em seu corpo. Essa pandemia causou grande número de desemprego na maioria das comunidades e na nossa Aldeia não foi diferente. As escolas fecharam e houve enxugamento na folha de pagamento com demissão de vários profissionais de educação. Como muito dos parentes vivem da produção e venda de artesanato na praia ficaram também economicamente muito prejudicados, já que não havia mais nenhum movimento de turistas para fazer a compra, além do próprio medo do contato e da possibilidade de contrair o vírus que era muito grande.

Diante de tantas dificuldades e medo, vinha a tristeza de perder o emprego e a dificuldade em viver em uma situação ainda mais dramática. A pandemia causou um grande impacto na comunidade de aldeia velha e na continuidade do processo de educação na nossa Escola. Assim, o tempo foi passando, até chegar a proposta para o início das aulas remoto, onde os professores teriam que produzir apostilhas e entregar na escola para que o pai ou responsável de cada criança viesse retirar na escola onde eram depositadas em uma caixa como era o caso da turma do fundamental II. Alguns professores passavam atividades para os alunos no celular dos pais, o que causava grandes problemas e empecilho, pois os alunos não possuíam celulares com acesso à internet, os pais estavam desempregados e não podiam pagar suas contas. Assim, o ensino à distância mostrou-se muito distante de nossa possibilidade de implementação naquele momento. Na mesma época, para agravar ainda mais a situação, aconteceu um incêndio na parte baixa da aldeia, não se sabe se foi propositadamente ou acidentalmente, mas vimos vários animais sendo queimados por não conseguirem escapar do fogo. Infelizmente, uma boa parte da mata na parte baixa foi queimada.

A comunidade se esforçou para apagar o fogo. Chamamos a Brigada Federal - PREVFOGO, o Centro Nacional de Prevenção aos Incêndios Florestais, IBAMA. As Brigadas Federais do PREVFOGO/Ibama (BRIFs) são formadas por brigadistas treinados e contratados,

temporariamente, para atuarem em áreas da União, tais como Terra Indígenas, Territórios Quilombolas e Assentamentos Federais ou em locais importantes para a preservação da natureza e com risco de incêndios florestais. Como os brigadistas não conseguiram apagar o fogo foi solicitado a presença dos bombeiros para ajudarem no combate ao fogo. Como a fumaça se espalhou pelo distrito de Arraial d’Ajuda, logo apareceram colaboradores de vários lugares para ajudarem a apagar o fogo e esta não era uma tarefa fácil, porque o incêndio era em uma área de difícil acesso, e quando parecia ter apagado, ele se renovava. Foram vários dias de trabalho e a Escola se mobilizou para preparar as refeições daqueles que lutavam sem cessar para apagar esse incêndio. Depois de muito esforço e garra conseguiram conter o incêndio. Durante aqueles dias era quase impossível dormir porque a fumaça se espalhou por toda aldeia e muitos indígenas reclamaram que não conseguiam dormir e até falta de ar sentiram. Em meio a este episódio o medo do covid-19 continuava, cada dia aumentava os casos e a quantidade de mortos no país. Alguns meses se passaram, a atenção era redobrada por causa pandemia e ainda tínhamos a tristeza por ter perdido animais e agora observar um campo todo devastado pelo fogo.



Figura 7. Registro do fogo na parte baixa da Aldeia Indígena Pataxó de Aldeia Velha – Registro de Puhuy Akuã

Tendo-se resolvido o problema do fogo, parecia que a única questão agora continuava sendo a pandemia. Engano de todos desta comunidade, veio outro grande dilema agora, água muita água, na frente da aldeia que não permitia nossa entrada e nem saída, não se podia passar, a não ser que você quisesse ficar com a água até os joelhos. Nem mesmo os carros conseguiam passar, sem falar na parte baixa da aldeia onde muitos ficaram desabrigado ou ilhados e só podiam sair de suas casas em barco a motor ou canoa. A parte baixa da Aldeia virou um verdadeiro rio. O Ipê havia feito um plantio enorme de verduras e legumes, do lado

da sua casa na entrada da aldeia e foi tudo devastado pela água, toda aldeia sofreu muito. Assim tivemos nestes dois anos momentos de grande provação e dificuldades; a pandemia, o incêndio, e a enchente. Em meio a tantas tribulações e necessidades recebemos ajuda de muitos lugares. Teve também pessoas, ongs, igrejas que se mobilizaram para trazer alimentos e colchões.



Figura 8- Foto de Puhuy Akuã da enchente 2021, igreja e entrada da aldeia.

Os parentes não estavam acreditando, em tanto sofrimento, e foi preciso muita resignação e determinação. Segundo os mais velhos essa foi a primeira enchente que alagou totalmente as ilhas da parte baixa da aldeia. Em 2004 houve uma grande enchente, porém a parte baixa não sofreu tanto quanto agora, nesta enchente ocorrida no ano de 2004 foi apenas a entrada e saída da aldeia que sofreram grande inundação, sendo preciso passar de canoa. Na enchente de 2021 a entrada e saída também ficaram prejudicadas, como o barco encontrava-se na parte baixa da Aldeia, ficamos todos ilhados por mais de uma semana.

A pandemia mudou todo um cenário social, emocional de cada ser humano. Alterou a direção e trajetória criada antes desse estado pandêmico. Afetou demasiadamente o processo de ensino-aprendizagem de nossa Escola como veremos abaixo. As universidades tiveram que reinventar suas estratégias de ensino e muitos de nossos professores que avançavam em seus estudos ficaram sem contato direto com seus respectivos cursos e processos de pesquisas, muitas vezes estagnados. Porém, é bom dizer que, mesmo em meio a todos esses acontecimentos, nossa escola que é comunitária, foi o grande elo com toda a comunidade. No espaço da Escola, a comunidade e lideranças se reúnem para tomadas de decisões. Foi lá, também, que os bombeiros encontravam abrigo quando voltavam da luta contra o incêndio, fazendo em frente à escola as reuniões e montando estratégias para continuar o combate ao fogo.



Figura 9- Foto da pesquisadora- 2021, bombeiros e brigadistas missão combater o fogo.

CAPÍTULO 2 – ALDEIA VELHA: ESCOLA E CULTURA

Para contar a história de Aldeia Velha, a vivência e interlocução direta com os principais nomes que aparecem nos relatos desse trabalho foi primordial, porém houve uma busca também em algumas pesquisas realizadas por indígenas Pataxó, bem como alguns autores que pesquisaram e relataram parte de nossa história como PEDREIRA (2013).

Logo após a retomada, o Ipê, assumiu a liderança como cacique da Aldeia reunindo em torno de si toda a comunidade que passou a reconhecê-lo como tal. O poder dos caciques é importante na administração da Aldeia, e também possui grande relevância frente as situações que determinam a interculturalidade que era pretendida desde a organização como aldeia. O papel de Ipê foi muito importante como mediador das relações da comunidade de Aldeia Velha com outras comunidades indígenas, com aldeias Pataxó da vizinhança, bem como com a população não indígena na luta pela terra, pelo reconhecimento de nossos direitos, na solicitação de melhorias e diálogos com as secretarias do município.

De acordo com muitos que fizeram parte da retomada e também de alguns autores estudados, o Ipê, primeiro Cacique da Aldeia, iniciou prontamente o processo para a fundação da escola, pois acreditava que a escola ajudaria na conscientização das lutas, já que promoveria conhecimento e fortalecimento da cultura, memória e a valorização do povo indígena, e ajudaria também no reconhecimento dos direitos culturais específicos bem como dos direitos como etnia, frente ao povo e cidadania brasileira. A escola daria à comunidade a oportunidade de reconhecimento de nosso povo como comunidade com suas diferentes características que deveriam ser ensinadas, mantidas para serem preservadas, e a oportunidade também de diálogo com o entorno, com a cidade e a possibilidade das crianças seguirem seus estudos e estarem futuramente cada vez mais preparados para vida dentro e fora da Aldeia.

A comunidade reunida se preocupou pensando onde seus filhos iriam estudar, pensavam em uma escola como um espaço que poderia ser utilizado para afirmação cultural, pois inicialmente, alguns indígenas que estavam desaldeados, precisariam desse reforço mesmo que vivenciassem o dia a dia da comunidade. Pensavam que esse espaço se fazia necessário e ajudaria na recepção e propagação da cultura Pataxó. A ideia do Ipê era inverter a escola do branco, para um espaço escolar indígena com “nossa cara”, marcando território, com traços verdadeiramente indígenas com as músicas, culinária, histórias, rituais, e todo esse repertório cultural serviria de elo entre a comunidade e a escola. Essa ideia de marcar território procurando deixar claro as diferenças e especificidades frente às escolas não indígenas persiste até hoje, principalmente porque essa comunidade que chegava precisava de fato reafirmar-se e reintegrar-se com alguns indígenas que já conheciam e viviam em outras culturas. O Ipê via a escola como um espaço propício para o diálogo sobre os conhecimentos tradicionais do Povo Pataxó para que estes conhecimentos pudessem ser registrados para novas gerações e que resistissem enquanto cultura da etnia. Por todas estas razões a comunidade reuniu-se e determinou que deveriam implantar a escola no mesmo ano da retomada em 1998, ano este da fundação da Aldeia.

Txaywã Pataxó, um dos indígenas que estavam na retomada no ano de 1998, afirmou, em conversa recente, que saíram da primeira área ocupada que era na parte baixa da aldeia, onde não tinha água limpa para consumo, e também porque quando chovia alagava tudo principalmente os kigeme (casa). Por isso o sábio Ipê em reunião sugeriu que fossem para o centro da mata, um espaço fechado e de difícil acesso e, por isso, mais seguro. Lá construíram duas cabanas uma para rituais e reuniões e a outra para funcionar como escola já no ano de 1999. A escola seria um lugar para dialogar, falar sobre os conhecimentos e registrar tudo que nossos anciãos ensinavam, pois havia a consciência que seria uma educação transformadora em valorização e conhecimento cultural e que possibilitaria a todos, conhecer bem as leis de nosso país, bem como as que dizem respeito à população indígena para que, conhecendo-as, saber quais são de fato os direitos já conquistados e para lutar pelos direitos que ainda eram considerados necessários e fundamentais. O Txaywã ainda relata que seu trabalho de percurso da UFMG contou um pouco sobre o assunto acima (2019, p. 17, 18).

Muitas famílias integrantes da Aldeia Velha vinham do perímetro urbano da própria cidade, Arraial d’Ajuda, Porto Seguro ou arredores. Já estavam de algum modo inseridos no contexto social fora da Aldeia onde as crianças já estudavam em escolas da cidade. Se esse, por um lado era um desafio, o prazer de apresentar a cultura e costumes indígenas para

as crianças da Aldeia fazia pensar em estratégias pedagógicas e desejar aprender mais para realizar, da melhor forma possível, o ofício de professor.

De um modo geral, nas Aldeias as crianças aprendem na vivência social com os mais velhos. Antes da escola, eram os mais velhos, chamados de anciões, que faziam rodas de conversas para dialogar contando sua história, suas vivências e possibilitando que as crianças interagissem normalmente sem fronteiras. As crianças indígenas saíam para pescar e caçar com seus pais, estavam presentes aprendendo o tempo todo e executando as tarefas junto aos seus, porém sem obrigações como existe na escola do branco. Isso não quer dizer que não eram avaliados e nem que as avaliações em formato de provas sejam boas ou de fato eficientes. As avaliações das crianças eram feitas pelo empenho do “guerreiro” ou “guerreira” nos afazeres cotidianos da aldeia. Vale explicar que o termo guerreiro continua sendo usado como uma herança cultural e que nos dias de hoje assume um significado de forte, corajoso, valente. E muitos desses meninos querem ser iguais a seus pais ou antepassados, querem ser guerreiros!

É preciso manter as normas e a legislação consideradas como base nacional para vivermos a vida social desta nação. O modelo de escola nos é, de certa forma, imposto, pois para sermos reconhecidos como Escola, e para que tenhamos os apoios e benefícios do governo, devemos seguir as condutas normativas que não especificam ainda, de modo efetivo, as questões indígenas. Tais normas tem nos trazido várias questões a nosso favor já que a escola formal nos auxilia no diálogo, a expor nossas ideias, buscando reafirmações culturais específicas e diferenciadas dentro do contexto que chamamos Escola. Exemplo da positividade neste processo é o ingresso dos povos indígenas e principalmente os da Aldeia Velha nas universidades, em buscas de diversas licenciaturas e formação em cursos como medicina, direito, fisioterapia, entre outros e vários de nossa comunidade que estão em processos de especialização, bem como mestrado e doutorado. A escola como conhecemos é criação do homem branco, torna-se aqui uma escola indígena, como um meio de resistência na medida em que avançamos em conhecimento e na interculturalidade que desenvolvemos em nosso currículo.

Assumir a escola no modelo proposto pela sociedade brasileira e suas diretrizes, responde a uma necessidade de promover a interculturalidade tão necessária para a sobrevivência e inclusão de povo Pataxó na realidade do país. No entanto, temos trabalhado para que a escola de nossa Aldeia seja de fato intercultural e bilíngue. Uma das especificidades na escola indígena é o ensino da língua materna, ou seja, a língua indígena, que nós, Povo

Pataxó chamamos de Patxôhã. O professor, que é indígena especificamente da etnia Pataxó, de nossa comunidade que entende e sabe falar um pouco o Patxôhã é quem ensina pelo menos o básico para nossas crianças. Em nossa comunidade todos estão em processo de aprendizagem da língua até mesmo nós os professores. Os professores indígenas responsáveis por lecionarem outras disciplinas também possuem autonomia para inserir e passar seus conteúdos em língua materna, não deixando apenas o professor de Patxôhã com essa responsabilidade.

“A língua que falávamos antigamente, com certeza é da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macrô-jê. Ainda hoje é possível fazermos comparação de sons e significados iguais entre as duas línguas. Podemos afirmar então que havia semelhanças não só nas linguagens, mas também nos costumes desses povos. Sabemos das dificuldades e limitações que enfrentamos no trabalho com a língua Patxôhã, se assim que podemos chama-la. Mas, acreditamos que ao tentar fazer a revitalização da língua pataxó será sempre um motivo de pensarmos em nosso jeito de ser Pataxó. Não porque achamos que para alguém ser índio é preciso saber falar uma língua indígena. Acreditamos que a língua é importante. Porque ela carrega em si, muitos segredos e valores de um povo. A língua leva o povo a fazer maior resistência às mudanças de costumes.” Coordenação de Pesquisa da Língua e História Pataxó. ATXÔHÃ,2010. p.4.

Desta forma, pudemos iniciar a história da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, e assim todos, filhos netos e parentes, poderão não só relembrar as lutas e conquistas dos Pataxó de Aldeia Velha para construir uma Educação Indígena específica, diferenciada, e de maior qualidade, já que parte de nosso olhar indígena, para também o incluir nos estudos e conteúdo da BNCC.

Sendo assim, segundo o escritor indígena LUCIANO, (2006) a Educação Indígena é apresentada como uma educação voltada aos valores culturais de cada etnia. A educação escolar indígena é de fato a aproximação da cultura de nossa raiz e a aquisição de conhecimentos científicos. Trata-se de uma junção de conhecimento.

Importante destacar ainda que a luta por uma educação mais estruturada no que diz respeito à inserção dos ensinamentos da cultura Pataxó, apenas começou e que deve ser contínua, principalmente, quando se trata de educação indígena. O Povo Pataxó busca, constantemente, uma educação que integre de modo mais eficaz diretrizes indígenas, e que as normas reconhecidas e sugeridas pela legislação do ensino levem em consideração nossas necessidades étnicas e culturais, abrindo cada vez mais espaço em nossos programas de ensino para conteúdos relacionados a nossa história, cultura e etnia. Temos nos manifestado através de reivindicações sobre nossos direitos a melhorias na educação, saúde e utilização das terras tradicionais.

Os professores que permanecem lecionando na escola indígena acreditam em mudanças e crescimento por meio da educação, mesmo que as políticas públicas da educação indígena apresentem limites e impossibilidades cuja compreensão exige um grande esforço de análise devido às múltiplas dimensões de problemas que necessitam que nos debruçemos, com cuidado e afinco, a fim de resolver questões legislativas e burocráticas que nos permitam maior participação no projeto pedagógico, no programa de ensino das nossas escolas..

Ainda hoje, depois de 522 anos de lutas, aqui em nosso município ainda não existe um concurso público voltado aos povos indígenas, não existem ainda materiais pedagógicos próprios, pensados para nosso povo. O material pedagógico estruturado e distribuído para uso das Escolas no Brasil contam uma história euro centrista onde os indígenas continuam sendo vistos de modo pejorativo e mal qualificado. O Brasil continua sendo descoberto pelos Europeus e não se leva em consideração nossa existência. A prova disso é que, para o governo, o indígena só é indígena se habitar dentro de uma comunidade indígena. Isso só para dizer de nossa invisibilidade ou imagem negativa nos livros e materiais didáticos ofertados. Também é importante encontrarmos espaço para que possamos produzir nosso próprio material escolar, capaz de dialogar com nossa cultura, valores e a realidade que nos cerca, além de introduzir nestes materiais figuras e imagens capazes de retratar nosso povo, conforme sugestão publicada no terceiro capítulo desse trabalho

Desde a fundação de nossa comunidade, a formação contínua de professores indígenas, que assumem aulas em nossa Escola, contribui muito para que a nossa cultura seja preservada e, principalmente, que ganhe força e se estruture melhor frente às diretrizes curriculares e planos de ensino.

A formação de professores indígenas em faculdades interestaduais e federais, e que estão hoje desenvolvendo dissertações de mestrado e pesquisas de doutorados, especialmente em programas da UFMG e UFSB, que analisam cada vez mais profundamente a cultura indígena, vieram para auxiliar na busca e fortalecimento da história do Povo Pataxó. Nestes trabalhos acadêmicos nós, professores, organizamos cada vez mais nossos saberes, nossa história, nossa cultura e nosso futuro. Refletimos sobre possíveis experiências e adensamos nosso conhecimento sobre a própria etnia, aldeia e vida social. A Educação continuada na formação de nossos professores articula vários saberes e nos favorece enormemente para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem em nossa comunidade.

Na Escola de Aldeia Velha trabalhamos a interculturalidade. Ensinamos nossa cultura e também levamos nossos alunos para conhecer as escolas fora da Aldeia, bem como para vivenciar a cultura dos não indígenas. Falamos e refletimos juntos (professores e alunos) sobre o que trazemos de fora e vivenciamos juntos neste encontro social entre indígenas e não indígenas. Explicamos que a estrutura social da cidade fora da Aldeia pode nos influenciar muito e sabemos que, sem dúvida, devemos nos inserir cada vez mais no crescimento de nossas crianças e jovens que seguem seus estudos em Escolas Estaduais ou Municipais fora de nosso espaço da Aldeia e que trabalharão também nas cidades. No entanto, desde cedo, tentamos prevenir sobre os grandes problemas que estarão expostos como as drogas, os ritmos de músicas mais agressivos e, que pela nossa visão, prejudicam a harmonia com a natureza, bem como a própria internet que se não souber usar, causa danos irreparáveis, vício, dependência química, problemas familiares

Na escola de Aldeia Velha, ainda é realidade ao término do nono ano, os alunos do ensino médio estudarem fora da aldeia, pois não se tem professores concursados pelo Estado para acompanhá-los. A Constituição Brasileira e a LDB reconhecem legalmente os direitos dos indígenas. Afirmam que necessitamos de uma educação diferenciada dos demais segmentos da população brasileira, mas falta ainda uma melhor aplicação das políticas públicas para que isso aconteça de fato e de forma mais atenta e cuidadosa. Falta maior empenho governamental nos âmbitos federal, estadual e municipal e estamos atentos, com representantes ativos nas discussões e procurando melhores soluções para os indígenas. Temos avançado significativamente e “continuamos na luta”.

Nos Artigo 210, 74 e 79, da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, de 1996, se estabelece que a articulação dos sistemas de ensino para a oferta da educação escolar e intercultural aos povos indígenas, deve propiciar a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências e o acesso as informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas. (BRASIL,1996).

Na Escola de Aldeia Velha se trabalha a relação do conhecimento indígena com os conhecimentos científicos. Por exemplo, quando falamos das plantas medicinais, geralmente vamos até o quintal de nossa Pajé, lá ela explica sobre seus conhecimentos e a cura que essas ervas trazem. Então vamos para a pesquisa a fim de aprender de forma científica o que fomos informados por meio do conhecimento indígena. Assim, se consegue estruturar o nosso

currículo escolar (que se encontra em anexo) e fortalecer os ideais de uma educação escolar indígena específica, diferenciada e de qualidade, para crianças, jovens e anciões. Todos caminham de mãos dadas. Por isso, precisamos de professores indígenas que abracem a educação indígena, porque só quem vivência essa realidade é capaz de compreender a fundo a diferença existente nos tratamentos dado em relação ao uso de material didático que recebemos e daquele que procuramos aqui desenvolver, porque nosso empenho está em buscar estratégias para deixarmos de nos apoiar apenas nos materiais dos livros convencionais que, ainda hoje, é a realidade na nossa escola já que são eles que recebemos. Tais livros não dialogam com a nossa realidade. Sabemos da existência de vários livros didáticos e de literatura indígena que parece ser de interesse crescente para a publicação nas editoras, que possam chegar nas escolas indígenas em diversidades e quantidade. As escolas muitas vezes escolhem os livros dentro de uma pré-seleção feita pelo governo. Nem mesmo esta possibilidade nos chega até o momento para que possamos fazer nossas escolhas dos livros indígenas que gostaríamos de trabalhar com nossos alunos.

Hoje, entendemos que é preciso ter as duas instâncias de conhecimento, o conhecimento tradicional/cultural, aquele que você constrói desde os primeiros anos de vida e se insere nas raízes de sua história de origem, e o conhecimento científico, oriundos dos livros científicos e das diversas áreas de conhecimento da vida acadêmica e universitária. Gostaríamos, de algum modo, de estarmos reconhecidos e inseridos também nos livros didáticos utilizados como material de base para as escolas nacionais.

A educação escolar indígena é um processo de reflexão e junção da escola que queremos, com autonomia e reconhecimento dos direitos culturais, específicos, aplicando os saberes tradicionais juntos ao conhecimento científico. Neste contexto é importante destacar que a educação ofertada por professores indígenas, contribui para a formação da cultura desse povo, pelo simples fato de parentesco e conhecimentos culturais. Porém, percebe-se que haverá muitos desafios a serem enfrentados, um deles é o encontro com a mudança cultural para alguns jovens o que pode ser tanto positivo como negativo pela exploração rápida e imediata que fazem em momentos de curtas viagens. Porque, recorrentemente, nos aparecem situações diferentes principalmente por convivermos perto de uma área turística, que é Arraial d'Ajuda. Ainda que com o passar do tempo tenha ocorrido muitas mudanças, no espaço físico, dos educadores, é possível o professor dialogar com seus conhecimentos, mesmo que seja na língua portuguesa.

Falar da educação é também falar de trabalho de profissionais com diferentes níveis de experiências e com vários desafios a serem vencidos. Percebe-se que na educação indígena, os professores expõem seus conhecimentos tradicionais de forma simples, explanando os conteúdos e deixando os alunos a vontade para colocarem suas ideias, e instituindo o debate, na coletividade. Dentro do contexto escolar o trabalho do educador é compartilhar conhecimentos com direito ao respeito e valorização dos seus saberes tradicionais, do próprio processo de ensino/aprendizagem, garantidos pela legislação brasileira. O artigo 215 da constituição federal diz que:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e a integração das ações do poder público que conduzem à:(Incluindo pela Emenda Constitucional nº48, de 2005).

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

II produção, promoção e difusão de bens culturais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48 de 2005)

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

IV democratização do acesso aos bens de cultura; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

V valorização da diversidade étnica e regional. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005).

Assim, tudo é um processo de conhecimento e reconhecimento diário, tanto no desenvolvimento da aprendizagem, tanto no espaço escolar que é direito garantido, porém não se constrói facilmente, principalmente em área indígena. Esses direitos, no entanto, já foram assegurados na Constituição de 1988, como estabelece os seguintes artigos:

Art.210- Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artístico, nacionais e regionais. O ensino fundamental regular será ministrado em língua português, assegurada às comunidades indígenas. Também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 231- São reconhecidos aos índios suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo á união demarca-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 2001.p.207).

Os referidos dispositivos constitucionais são fundamentais para a história da educação indígena e trouxeram grande avanço em relação ao processo educacional, pois passou a ser um marco legal e significativo para possibilitar que os povos indígenas tivessem reconhecido a educação indígena na carta magna de 1988.

Apesar de muitas línguas indígenas terem sido apagadas ao longo de 522 anos de colonização, de acordo com o estudo feito pelo censo do (IBGE) 2010, é possível afirmar que existem 274 línguas indígenas no Brasil. Sabe-se que a língua é uma importante referência cultural, porém não é o único meio de identificação e reconhecimento de um povo.

Reconhecemos assim que:

A escola precisa tornar-se culturalmente sensível para lidar competentemente com as variações linguísticas de nossas crianças. As formas de implantação da pedagogia culturalmente sensível são múltiplas: aproveitar as experiências que as crianças trazem consigo, reproduzindo padrões interacionais que lhes são familiares; respeitá-las as peculiaridades; desenvolver recursos que façam a distinção entre eventos de oralidade e de letramento; implementar estratégias de envolvimento, permitindo que a criança fale, retificando-se como falante legítimo; acolher suas sugestões e tópicos, incentivá-la a manifestar-se fornecendo-lhe modelos de estilos monitorados da língua e mostrando-lhe como, quando e por que usar esses estilos. Enfim, a escola tem de aceitar a diversidade e torná-la funcional. (BORTONI, 2001. p.102).

Neste sentido acreditamos que aceitar às diferenças ainda é algo complexo, porém muitas coisas já mudaram em relação a alguns anos atrás. Hoje as escolas trabalham mais as diferenças, e em Aldeia Velha não é de outro modo; trabalhamos a diferença porque existem indígenas casados com não indígenas, e alguns estranham porque o parente é mais claro, ou mais escuro e ainda tem aqueles que não se consideram indígenas, por ter só o pai ou só mãe indígena.

Principalmente hoje que muitas vezes as crianças se deparam com diferenças culturais, características e hábitos diferentes e isto, algumas vezes, gera um pouco de desconforto, até a criança entender que aquele parente teve um convívio antes de viver na Aldeia ou, às vezes, é a própria criança indígena que viveu na Aldeia e agora observa a diferença do seu parente em relação a alguns costumes e à cultura. Essas diferenças são enriquecedoras e como dissemos, nossa localização se insere na dinâmica de uma cidade. A comunidade Indígena de Aldeia Velha fica em Arraial d'Ajuda, distrito do município de Porto Seguro, cidades essencialmente turísticas, onde os indígenas convivem inseridos à vida social e urbana da cidade e encontram-se diariamente em contato com outros povos, outras culturas de outros estados bem como outros países através de viajantes que frequentam ou vivem nesta região. Desta forma, precisamos nos apropriar de outros entendimentos, além de nossa Cultura Pataxó para

poder lidar com as diferenças que certamente existem e ainda outras que ainda virão, e neste sentido, a Escola é também muito significativa e importante para traçar caminhos de entendimento do outro bem como do nosso pertencimento.

Assim, se por um lado a escola é lugar de aprender os valores e a cultura do branco, para que os Pataxó possam conhecer a lei e se inserir na sociedade brasileira consciente de seus direitos e para que não sejam mais enganados, a escola também é um lugar privilegiado para o fortalecimento da cultura indígena, para as crianças que ali estudam, bem como para a comunidade que ali se reúne. Consideramos que nos dois casos existem a possibilidade de crescimento e valorização de nossa cultura que permite também o envolvimento social e político uma vez que cada vez mais a causa indígena vem ganhando espaço e precisa estar em sintonia como um todo em prol de nossas necessidades e lutas.

Temos visto muito interesse dos nossos jovens de nossa Aldeia e de outras vizinhas, em conhecer e pesquisar nossa cultura e que tomam a frente em iniciativas de visibilidade e fortalecimento cultural e político. Essas iniciativas de pesquisa dizem respeito ao estudo da nossa língua e história bem como diversas manifestações culturais; cantos e danças, artesanato, grafismo, pintura corporal, grupos de apresentação. Todo o levantamento e registro de nossa cultura tem sido amplamente documentada por meio de fotos e vídeos, mas a Escola e a formação advinda da vida acadêmica na qual os indígenas estão inseridos, permite que tudo vá sendo registrado em apostilas, livros, em trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. O reconhecimento de nossa cultura, história e tradições tem por base a memória das gerações mais velhas, os anciões, mas estamos hoje abertos para outros modos de acesso aos conhecimentos e de nos aproximar e saber mais sobre a nossa cultura e etnia. Nos reunimos junto a outras aldeias da mesma etnia ou não, nós reconhecemos conjuntamente ao povo indígena junto a várias etnias que hoje ainda vivem no Brasil e juntos conhecemos, cada vez mais, nosso direito de pertencimento. Muito material escrito e em audiovisual vem sendo produzido acadêmica e politicamente também com bastante seriedade. Todo esse movimento de pesquisa e reconhecimento da nossa cultura que valoriza cada vez mais sua condição de indígena e a nossa cultura. Este movimento de inserção indígena na sociedade, o conhecimento que se amplia por meio da escolarização e pesquisa, o resgate de nossa identidade e cultura vem configurando novos espaços de protagonismo aos nossos parentes. Assim começamos com a Aldeia e a Escola, preparamos para o reconhecimento de nossa cultura e valores e para a possibilidade de frequentarem cursos superiores interculturais ou não, e ainda podemos

mencionar com orgulho a formação de grupos de cultura que estudam e divulgam nossas músicas e dança fazendo com que sejamos cada vez mais conhecidos em nossa região.

2.1 A História da Escola de Aldeia Velha

A comunidade que daria origem a Aldeia Velha já se reunia e trocava muitas informações antes mesmo da retomada. Sabemos que o nome de nossa Aldeia já havia sido escolhido no período destas reuniões.

“O antropólogo Rodrigo Grunewald (2000: 71-73), que entrevistou Ipê um ano antes da retomada definitiva da Aldeia Velha, informa-nos que o nome da aldeia já havia sido escolhido e que os índios liderados por Ipê já o consideravam cacique antes mesmo da conquista da terra, o que também ficou registrado na declaração dos “Índios Pataxós Sem Terras”, escrita em 1993. Devemos levar em conta, portanto, que a Aldeia Velha enquanto comunidade política é anterior ao seu definitivo estabelecimento no território. (PEDREIRA, 2013, p. 31 – 42)

Porém, é especificamente em 1998, pós retomada que se inicia a história da Escola desta comunidade, já que o Cacique Silvino Lopes do Espírito Santo que tratamos até agora como o Ipê, nome pelo qual ele é mais conhecido, acreditava que a escola poderia ser muito positiva para a comunidade, e também ajudaria a reafirmação cultural desta Aldeia como vimos acima. É importante considerar que a Escola foi organizada por muitos parentes desaldeados, ou seja, indígenas que já não viviam em aldeias, mas sim em cidades e que, portanto, acumulavam os saberes e modo de vida indígena de seus antepassados e alguns hábitos que continuavam praticando em suas famílias, mas também se inseriam nos saberes e modos de vida da comunidade de brancos da cidade. Assim estes dois saberes (indígena e branco) eram conhecidos e conjuntamente operavam nas ações e fazeres de nossos parentes que conheciam os saberes tradicionais de nossa cultura, mas também aprendiam cada vez mais a cultura do branco e as questões da ciência uma vez que as crianças frequentavam as escolas das cidades.

Os saberes tradicionais indígenas são ensinados de geração a geração, os modos de fazer, os usos e costumes sempre foram ensinados pela sabedoria anciã que é transmitida principalmente através da oralidade. Os valores e a cultura científica são representados pelo pensamento e escrita do homem branco com base na filosofia, na história e valores de conhecimento que prioriza a ciências, e o levantamento de teorias e hipóteses que se comprovam.

O respeito aos mais velhos é fundamental em nossa cultura. Na educação indígena os alunos e professores são parentes, nos identificamos como parentes os que são da mesma

Aldeia, etnia ou ainda de outras etnias indígenas. Os professores são considerados liderança, porque estão todos envolvidos no processo comunitário com um papel de importância social, e participam ativamente na revitalização da cultura em ações educativas e na preservação do costume tradicional do povo Pataxó além da relação com o conhecimento social legalizado pela nação brasileira a qual nos inserimos. No modelo da educação escolar das cidades, no entanto, não existe relação de parentesco nas estruturas do ensino, portanto o distanciamento das relações entre professores e alunos é muito mais evidente seguindo outro modelo de prática.

Chegando no final desse mesmo ano de 1998 o Cacique reuniu a comunidade e lideranças falando da importância da Escola para uma aldeia que estava renascendo. Juntos então, o Cacique e a comunidade, decidiram organizar uma cabana na reserva territorial para a fundação da Escola. Desde este momento o Cacique Ipê junto às lideranças passou a solicitar da Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro, mobiliário adequado para a implementação da escola: cadeiras, mesa, quadro negro, materiais didáticos e o contrato para um professor.

O Ipê já havia chamado a parente Vânia Santos Meira a ‘Many’, para ser professora, porém Vânia não aceitou porque não se achava preparada para assumir tão grande responsabilidade. No final de 1998, na reserva, os anciões foram de fato os primeiros professores pois ensinavam seus conhecimentos tradicionais para as crianças.

A Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha passou a funcionar de forma oficial, no dia 06 de fevereiro do ano de 1999, em uma cabana da reserva, onde funcionavam dois turnos com aproximadamente 20 alunos, filhos das primeiras 12 famílias aldeadas. Nesta data acima a escola passa a funcionar pela licença e registro obtido junto a prefeitura de Porto Seguro do dia 06 de fevereiro de 1999. O nome dado a escola é o mesmo da comunidade, Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, e foi dado pelo Cacique Ipê.

Em 1999, a Secretaria Municipal de Porto Seguro contrata a nossa primeira professora chamada Alzenir e que lecionava da 1º a 4ª série. Uma turma multisseriada. Alzenir muitas vezes fazia sua aula acontecer na área de plantio onde as crianças aprendiam brincando a arte do plantio com a ajuda dos anciões.



Figura 10. A cabana da reserva. Primeiro espaço que funcionou como escola. Acervo da professora Alzenir.

No ano seguinte, pelas inúmeras dificuldades encontradas no acesso, manutenção e permanência das crianças na Escola na cabana, passaram a oferecer aulas na casa do Cacique Ipê. Alzenir continuava sendo a professora e a turma contava com 34 alunos naquele ano. A indígena Maria Aparecida estava iniciando o magistério indígena e oferecia suporte inclusive como professora substituta quando Alzenir precisava se ausentar.

Com todo esse movimento de criação e registro da Escola, no ano de 2000 vieram para a Aldeia dois indígenas; Roberto e Marialva (a autora e seu marido) que logo foram escolhidos pela comunidade para também participarem ativamente da vida escolar e lecionar. Também é importante dizer que os alunos apresentavam baixa frequência e percebia-se naquele ano, que os alunos estavam desmotivados por ficarem alternando o local das aulas (da casa do cacique para farinha, e da farinha para casa do cacique) por não terem um lugar fixo ou adequado para o estudo.

Alguns comentavam que gostavam de estudar ao ar livre, mas que isso nem sempre era possível devido os dias chuvosos. Logo que os dois novos professores assumiram, Roberto e Marialva, lecionaram alguns meses na farinha. A farinha era um espaço de fazer farinha um galpão grande. Esse espaço de fazer farinha servia como espaço de moradia e de escola, é um galpão grande onde existem algumas máquinas para triturar a mandioca e fazer farinha e beiju.

No ano de 2001, as aulas iniciaram no dia 05 de março na casa do Cacique, mas poucos meses depois a Escola mudou-se para a farinha (galpão onde ficavam algumas máquinas para o preparo da farinha) e ali permaneceu até 2003. Neste período ainda por algumas vezes, a casa do cacique abrigava as aulas porque na farinha tinham muitas goteiras, pois algumas telhas de Eternit estavam quebradas. Lecionava-se da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental I no período matutino e Educação de jovens e adultos no período noturno tendo como professores Marialva e José Roberto, que tinham aproximadamente na época 74 alunos.

Nestes espaços (farinheira e casa do Cacique), de acordo com os próprios alunos, e também alguns pais, se aprendia, mesmo em meio a tantas dificuldades já que o mesmo galpão era usado para a produção de farinha, moradia quando o indígena entrava na comunidade e ainda não tinha casa.

Na época da farinheira os professores falavam mais de sua cultura, e contavam muitas histórias. O que mais se aprendiam eram a fazer os trajes, as primeiras palavras na língua materna passaram a ser inserido como conteúdo curricular. Exemplo *kuyuna* significa farinha, *tahão* significa café, *miãga* significa água, *kumãdá* significa feijão, *sirnã* significa arroz, *kitor* significa menino, *Kitok'ihé* significa menina. Aprendiam também a trabalhar com o barro que resultavam em pequenas peças produzidas pelos alunos. Também trabalhavam o currículo escolar convencional para a capacitação na leitura e escrita da língua portuguesa.



Figura 11 - Farinheira onde funcionou a escola da comunidade

Em 2003, foi construída uma sala de aula pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) em um terreno no outro lado da rua, quase em frente a farinheira. Sendo ampliado em 2005 pela prefeitura, no final do mesmo ano houve uma reforma por parte do Estado.



Figura 12 - Construção da primeira escola – acervo da autora

De 1999 a 2004 recebíamos alunos de 1º a 4º série, incluindo os inscritos na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Em 2005 decidimos abrir uma sala de alfabetização, equivalente a educação infantil, de 2006 a 2007 também implantamos o 5º, 6º, 7º e 8º ano, e, em 2008 a alfabetização para a modalidade EJA, na qual jovens e adultos poderiam se inscrever, tudo na modalidade EJA noturno.

A Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha fica localizada no centro da aldeia, com infraestrutura razoável. Construída e ampliada em número de salas, porém, ainda hoje, conta com algumas inadequações. Não temos calha que faz com que chova na parte interna e não há banheiros adequados para as crianças menores da Educação Infantil. O prédio possui nove salas de aula, uma biblioteca com um acervo de mais de 3.500 livros, uma tv de 50 polegadas, um aparelho de vídeo, 20 ventiladores sendo dois em cada sala, seis computadores conectados com internet, uma impressora pequena. A Escola possui cozinha equipada com freezer, geladeira, forno elétrico, fogão, armário e também uma dispensa para guardar alimentos. O prédio possui três banheiros com acabamento de cerâmica e também possui espaço administrativo e almoxarifado.

Em 2010 o total da área construída era de 680m. A construção teve início em 2008 e término em março de 2010. A escola é de alvenaria de bloco e cimento, as paredes de lajota todas rebocadas e pintadas, no seu interior. Há pinturas com traços indígenas interna e externamente. Portas de madeiras, suas janelas todas de vidros transparentes, o piso de cerâmica, as salas são forradas com PVC. O telhado é coberto com telhas de cerâmica e madeira, portão de ferro galvanizado. Em 2015 tivemos a ampliação de mais nove salas, assim, atualmente o total da área construída é de 876m.

Implantamos o Ponto de Cultura da Bahia, um projeto que foi conquistado junto a Tribo Jovens com as associações comunitária e etnoturismo com parceria com a escola. O Ponto de cultura é um espaço onde os parentes se reúnem para discutir sobre a cultura, eventos e realizarem palestras culturais, ele funciona em uma sala da primeira escola construída pela FUNAI, ao lado da escola atual.

Em 2010 tínhamos uma horta escolar numa área de 240m, estudavam em nossa Escola cerca de 203 alunos, cursando a educação infantil e o ensino fundamental nos três turnos. Segundo o PPP, Projeto Político Pedagógico da escola, que foi construído em 2010, a escola que almejamos é a que tenha ensino fundamental completo, no diurno e que volte a EJA

(Educação para jovens alunos) no período noturno. Queremos um corpo docente de indígenas qualificados e capacitados e que tenham, no mínimo, o ensino superior completo.

Temos hoje em funcionamento, o ensino fundamental II completo, lutamos pelo ensino médio que ainda não temos. O ensino médio dentro da aldeia continuaria a luta pela preservação de nossa cultura, porque continuaríamos inserindo nossa cultura na prática cotidiana o que, certamente, nossos alunos não verão na escola convencional, pois moramos ao lado de um centro urbano na qual a nossa comunidade fica totalmente exposta (as drogas, prostituição, discriminação, preconceito e outros).

As escolas não indígenas ainda não possuem professores indígenas, e ainda que existam visitas e disponibilidade de alguma parceria, existe ainda pouco diálogo entre as escolas conosco o que não permite ainda uma maior aproximação e troca efetiva. As Escolas não indígenas, portanto, não tratam a diversidade cultural com o mesmo afinco que nós tratamos aqui, nesta comunidade. Ressaltamos mais uma vez que o compromisso desta unidade escolar com os princípios pedagógicos que fundamentam a prática pedagógica dos professores da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha, estão expressos nas Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (MEC .1993), reafirmando no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (MEC: 1998).

Os temas diversidades e escolarização indígena demonstram aspectos singulares na formação de professores que dizem respeito aos múltiplos desafios postos pela perspectiva da educação inclusiva. Discutir o tema educação de povos indígenas com professoras/es e com pesquisadores/es do campo de formação de professores significa reconhecer que diversidade é um tema recorrente nos estudos sobre as multiplicidades que estão presentes cotidianamente no contexto da educação escolar. Por isso, nos interessa o percurso histórico desse debate até o momento em que as produções sobre diversidades se depararam com as questões indígenas implicadas na demanda pelo ensino escolar. (Natalia Cristine, 2021, p. 3.)

Ainda segundo Natalia Cristine, acima citada, é imprescindível tratarmos inicialmente sobre o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas estruturado em 1998, com reflexões e planejamentos educacionais para que as escolas indígenas possam se orientar com as demandas de cada etnia, mas sem deixar, no entanto, de seguir uma organização de educação institucional. Contudo mesmo que neste documento a formação de professores faça parte do debate, foi necessário que outro documento fosse elaborado para tratar exclusivamente do âmbito formativo que sem dúvida representou e ainda representa um enorme desafio para nossa comunidade. O Referencial Nacional para a formação de professores Indígenas foi publicado em 2002, após encontros organizados entre o Ministério da Educação e os coordenadores de formação de professores indígenas para regulamentar a formação em

nível médio e superior, além de cursos para a formação continuada desses profissionais. Além de tudo, tínhamos a perspectiva e necessidade de implantarmos o ensino médio e assim fortalecer a especificidade de nossa educação diferenciada, pois os nossos alunos depois do nono ano necessariamente precisam ir estudar fora da aldeia sendo então inseridos em um contexto escolar, e sócio cultural muito diferente e distante de nossos saberes e referências culturais.

2.2 As dificuldades para a Fundação da Escola em Aldeia Velha



Figura 13. Primeira Escola construída de alvenaria em 2004, construída com recursos da FUNAI. Acervo pessoal da pesquisadora.

Percebe-se que os desafios foram muitos e entre eles, podemos começar citando o difícil acesso até o local onde a cabana estava localizada porque a mata era fechada. Sabíamos que as aulas se iniciaram em um espaço maravilhoso no meio da natureza, ao redor de muitas árvores e pássaros, porém tínhamos consciência que aquele espaço era provisório porque ainda estávamos no processo de retomada e não podíamos, ainda, avançar. Logo a Escola passaria para a parte alta da aldeia que seria o local onde também seriam construídas as moradias, porque a mata fechada era, e ainda é, território de preservação. Na cabana da reserva, o problema maior além da distância e da mata era quando chovia, porque era aberta nas laterais e por isso molhava a todos que ali estavam.

A cabana era totalmente comunitária e era usada para tudo, escola, reuniões e até para atendimento de saúde. Ali começamos a pensar na necessidade de termos um espaço físico para uso da escola. Na comunidade não havia um local para dar aula, por isso decidimos provisoriamente ficar na casa do cacique Ipê, onde tinha uma área no fundo. Ali ainda que

temporariamente, também começaram a aparecer dificuldades como; paredes úmidas, escuridão devido a quantidade de árvores ao redor da área onde funcionava a sala de aula.

Depois da Escola ter funcionado no fundo da casa do Cacique, mudamos para a farinheira, um galpão grande cheio de máquinas para fazer farinha. As dificuldades ali eram primeiramente a preocupação de as crianças se machucarem porque elas ficavam curiosas e queriam brincar próximas às máquinas em funcionamento. Além disso, a farinheira era cheia de goteiras, e as crianças necessariamente tinham que ficar se deslocando de um lugar para outro no interior deste espaço. Também não havia cadeiras suficientes para todos os alunos, quem chegasse cedo sentava e os outros tinham de trazer banquinhos de casa ou sentar em tronco de árvore. Houve momentos em que as crianças passavam mal por causa do forte cheiro do resíduo da casca da mandioca podre que ficava no fundo da farinheira e que quando chovia piorava ainda mais a situação. Também é importante mencionar que neste espaço não havia banheiro.

Decidiu-se dividir a farinheira com bambu para que as crianças não ultrapassassem uma determinada área e não se machucassem e, ao mesmo tempo, não atrapalhassem a produção de farinha para a comunidade. Importante lembrar também que o barulho das máquinas deixava as crianças inquietas. Percebíamos que as crianças estavam sempre gripadas.

A merenda era feita em fogão a lenha no fundo da farinheira e a merendeira, às vezes, pegava água na nascente. O espaço da farinheira também servia de moradia na época para a família de Sr. Boaventura, porque ele ainda não tinha casa para morar em nossa Aldeia. Professores também não tinham experiência de trabalho na escola indígena, mesmo o professor sendo indígena era tudo muito novo e desafiador. Alguns possuíam formação no magistério e ciências contábil, mas não tinham experiência em trabalhar com os parentes indígenas por terem vivido muitos anos fora da aldeia, e outros que tinham o magistério indígena também estavam em busca de oportunidade de experiência para trabalhar com a educação escolar indígena e então era a primeira ocasião que este encontro se dava.

Muitos professores da época relatam que quando chegavam na sala só queriam falar da cultura, dos artesanatos, pinturas, música, da espiritualidade indígena, na vontade de ampliarem o conhecimento da cultura Pataxó, porém haviam muitos auto questionamentos e avaliações além do desejo de melhorar nosso desempenho junto aos alunos.

Não havia material didático, os alunos foram divididos em duas turmas multisseriadas sendo 1º e 2º, 3º e 4º no mesmo espaço em 2003. Em 2004 a primeira escola foi

inaugurada, mas as dificuldades continuavam pois faltava mesa do professor, faltavam ainda cadeiras, fogão adequado, até painéis precisávamos, principalmente das painéis grandes, enfim tudo estava ainda a ser estruturado na pequena escola, que já contava com 99 alunos. Neste ano de 2004 eram três professores contratados. Todo início de ano, tínhamos dificuldade para fazer os novos contratos pela Secretaria de Educação de Porto Seguro. A dificuldade começava no processo seletivo onde os interessados entregam os documentos exigidos, e depois tinham que esperar o resultado, na entrega sempre enfrentavam filas enormes. A luta para contratar professores, coordenadores e diretor indígena são grandes porque a secretaria de educação exige que o professor tenha, pelo menos, a formação no magistério ou pedagogia e a maioria não tinha esta titulação pois estavam frequentando cursos de formação ao mesmo tempo em que estavam em serviço. Os professores ainda estavam cursando o ensino médio, ou licenciatura ou pedagogia, porém já exercendo o cargo ou função de professor, sem sua titulação ou formação. Por isso formação em serviço

Em 2007 precisávamos de um espaço físico maior porque as turmas haviam aumentado. Outro problema que atrapalhava bastante era a energia, pois quando lecionava a EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno, a energia era fraca e inúmeras vezes faltava. Outro grande desafio era a água, porque tínhamos um poço, mas, com a comunidade crescendo, o poço já não era suficiente e já não estava dando conta de atender a todos e assim, muitas vezes faltava água. O reservatório da escola não era suficiente. Outra dificuldade era a vida escolar das crianças, como os pais não ficavam muito tempo na aldeia, estavam sempre indo para outra aldeia e voltando, as crianças não terminavam um determinado ano letivo ou não traziam a declaração escolar ou histórico e, às vezes, decidia-se fazer prova de amparo ou seja, a criança que não tinha documentação suficiente, ou não tinha como comprovar que estava cursando aquela série, fazia uma prova constando conteúdos de todas as disciplinas indicadas para serem ensinadas no determinado período, se ele conseguisse atingir a média exigida, cursaria aquela série na qual foi solicitada.

2.3 Os Professores e Suas Formações

São muitos os percursos feitos pelos professores indígenas desde a fundação desta escola nesta comunidade. Para mostrar o longo caminho desses professores e da comunidade, será necessário fazer uma linha de tempo do início da Escola até os dias atuais. Desenvolveremos passo a passo os degraus destes profissionais que trabalhavam e trabalham na Escola Indígena de Aldeia Velha, contando um pouco da trajetória desses professores que, mesmo sem experiência, enfrentavam esta jornada de dedicação ao estudo e de formação.

Muitos dos nossos professores lecionavam e faziam sua própria formação em serviço. Muitos não tinham pedagogia nem mesmo o magistério, mas já estavam ingressando na área de educação no processo de caminhada para alcançar formação até conseguirem, quem sabe ser concursados, que é o objetivo de muitos, e que até hoje não foram alcançados tais colocações. A importância da formação do professor indígena é ampla e inclui várias possibilidades de atuação como está dito na legislação de 2015.

A resolução CNE 1/2015 (BRASIL, 2015) busca atender ao que foi identificado nas teses e dissertações. O documento expressa que a formação de professores deve compreender o trabalho docente como uma ação educativa agregada ao processo pedagógico intencional, voltado à valoração cultural, ético, estético e política “em diálogo constante entre diferentes visões de mundo”. (BRASIL, 2015, p. 03). A resolução expressa o direito à formação continuada do professor indígena e para a educação indígena, a fim de assegurar a produção e difusão dos conhecimentos essenciais para a escolarização dos alunos pertencentes a esses povos. (ARLINDO e IVAN, 2018, p. 53)

No entanto, é importante mencionar que na Escola de Aldeia Velha o quadro de funcionários estava em constante mudança, sabendo-se que a maioria dos professores eram contratados temporariamente o que implicava na renovação de contrato todo ano, ou seletiva, que para muitos é uma verdadeira humilhação no leva e traz de documentos, sem saber ao certo se seu trabalho teria continuidade ou não, além de que o professor contratado não ganha o mesmo percentual dos concursados. Essa é uma questão dramática que precisa ser revista.

... segundo a informação do documento educação Escolar Indígena - orientações e procedimentos para interlocutores nas Diretorias de Ensino (2020), os professores indígenas são majoritariamente contratados com prazos determinados segundo legislação da rede, há uma parcela que configura a chamada categoria (F), composta professores sem ensino superior, mas autorizados pela Secretaria de Educação do Estado a lecionar. (CRISTINE, 2021, p. 7)

Ainda segundo a autora acima citada, esse regime de trabalho nos apresenta uma questão sobre o reconhecimento da importância do docente e a qualidade desse trabalho que se dá em formato precário na formação e contratação, dado que o plano de carreira de professores

indígenas é também um campo de debates e disputas ainda em formulação. Trata-se de uma situação frágil, cujo cenário se modifica com muita rapidez e deixa nos professores uma situação de muita incerteza e pouca possibilidade de vislumbre de continuidade de carreira apesar dos esforços na formação e de ampliar seus conhecimentos.

Como vimos no momento de abertura da Escola, que ocorreu conjuntamente à fundação da Aldeia após a 2ª retomada em 1998, tivemos a primeira professora contratada em 1999 chamada Alzenir. Maria Aparecida fazia magistério indígena e entrou como assistente, assumindo a turma quando a professora se ausentava e assim foi adquirindo experiência. No ano 2000 Alzenir continuou dando aula e a estudante do magistério indígena Maria Aparecida, sempre que possível, auxiliava a professora Alzenir.

Em 2001, José Roberto (Puhuyakuã) e sua esposa, Marialva (Mayná Pataxó) (autora desta pesquisa) depois de uma reunião com a comunidade foram escolhidos para lecionar. Puhuyakuã ficou responsável pelo EJA (Educação de jovens e adultos) que, como já foi citado, funcionava no período noturno nesta época. Puhuyakuã tinha concluído o ensino médio e estudou ciências contábeis. Ele possui amplo domínio nas disciplinas exatas e posteriormente concluiu graduação na área. A outra professora, Marialva, tinha formação concluída no magistério e também em contabilidade. Sendo assim, ampliava-se o quadro de professores e a trajetória de luta nesta comunidade pela educação escolar indígena continuava com mais força e com mais membros participando ativamente na proposta de crescimento da Escola.

Em 2002, os professores contratados eram apenas três para a escola toda: Maria Aparecida retorna à escola agora contratada pela Secretaria de Educação e os outros dois eram Roberto e Marialva. Os três davam aulas para todas as séries. Alzenir só lecionou de 1999 até o ano 2000.

Em 2003 e 2004, continuávamos com o mesmo quadro de professores, apenas os três mencionados acima. Em 2005, com o aumento das matrículas, contrata-se outros professores agora José Carlos Santana dos Santos Souza que tinha ensino médio completo, Atais Andrade Nascimento também com o ensino médio completo e Lucinei Nobre de Souza também ensino médio completo e que ficou responsável como professora para o ensino de cultura.

Fato é que a necessidade de formação de nossos professores é fundamental para que possamos nos organizar e também oferecer ensino de qualidade, compatível com os níveis educacionais que queremos atingir.

Sabemos que atualmente muitas instituições de ensino superior bem como programas de Pós Graduação em várias Universidades Federais oferecem oportunidades de ampliar a pesquisa e a formação de nosso povo e Dener (2020) cita em artigo o curso de Formação Intercultural de Educação Indígenas (FIEI) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), programa no qual esta pesquisa se insere como um exemplo de formação docente indígena, já que este abrange a pluralidade de conhecimento. Este programa de formação foi iniciado em 2009 e recebe alunos indígenas de várias etnias selecionados através de processo específico para povos indígenas. A ideia desse curso é justamente a formação de professores indígenas para atuarem em suas próprias aldeias de origem. Este programa é só um exemplo, mas podemos afirmar que:

‘Atualmente muitos programas e instituições públicas estimulam a formação de educadores indígenas, buscando que esses povos tenham em suas escolas professores qualificados e defensores da cultura e de suas tradições. Como de programas e cursos como destaca Ferreira (2001) “para os índios, a educação é essencialmente distinta daquela prática desde os tempos coloniais, por missionários e representantes do governo. Os índios recorrem à educação escolar, hoje em dia, como instrumento conceituado de luta” (apud & Nascimento, 2010, p. 54). São necessárias políticas públicas que possibilitem a população ameríndia um diálogo com a sociedade civil de modo a planejar e construir currículos e programas de formação docente que considerem as especificidades étnicas, linguísticas e culturais desses povos. (Dener Guedes Mendonça 2020, p. 11)

Além da necessidade de formação como bem cita o autor acima, a estruturação de nossa Escola e o fortalecimento de nosso ensino intercultural é fundamental para a continuidade da luta do nosso povo, reconhecimento de nossos direitos, aproximação das cidades com o objetivo de inclusão de nossos jovens onde a etnia passa também a ser vista como vínculo cultural e de defesa de nossos direitos. Vimos que é indicado para um bom programa de políticas públicas ter nível cultural e de educação com preparo para convivermos e reivindicarmos nossos direitos, participando cada vez mais e de modo adequado da vida social brasileira sendo respeitados como etnia e cultura indígena, no nosso caso, Pataxó, o primeiro povo a ter contado com o branco invasor e que os livros de história e de estudos aqui no Brasil insistem em nomeá-los como descobridores.

Entendemos que o currículo para a formação de professores indígenas deve ser flexível e GUEDES (2020) defende que tenha pluralidade de conteúdos e conhecimentos específicos da comunidade indígena que devem contemplar temas como:

...territorialidade, conhecimento e memória indígena, expressão cultural, ensinamentos dos mais velhos e lideranças, interculturalidade e língua materna (bilinguismo/multilinguismo). É importante também que os professores tenham acesso a informações sobre a realidade social do país para que sejam capazes de

fomentar discussões sobre o contexto histórico de suas comunidades.” (GUEDES, 2020 p. 11)

Segundo Natalia Cristine:

...a formação dos professores almeja que se formem professores pesquisadores aptos a realizar pesquisas sobre as particularidades que fazem parte da escola de sua comunidade, e possam então elaborar materiais didáticos e paradidáticos sobre eles. Portanto, o perfil, objetivos e as competências conferidas ao professor indígena lhe atribuem um status específico dentro de sua aldeia que o acompanha desde o início, dado que majoritariamente os professores são escolhidos pelas lideranças e pela comunidade e se espera que ele possa atuar para além da escola estabelecendo relações de organização e fortalecimento da comunidade além de ser um porta-voz da comunidade com a sociedade não indígena. (CRISTINE, 2021, p.7)

Assim, vemos que a formação e preparo dos professores indígenas é essencial para a continuidade e sucesso da nossa Escola. Os professores tem se mobilizado no sentido de ampliar seus conhecimentos e pesquisas e o resultado tem sido muito satisfatório, uma vez que podemos verificar e citar nossos parentes em suas pesquisas que organizam nossa história, refletem sobre nossos processos e constroem parte de nossos saberes como resultado de várias pesquisas concluídas ou ainda em andamento em diferentes cursos nas universidades brasileiras.

Muitas questões ainda pairam sobre a formação de professores indígenas, a flexibilização curricular e as pautas relacionadas a seus próprios estudos e pesquisa pois são temas centrais em nossas discussões e nos oferecem a oportunidade de repensar nosso fazer, nossa missão e o futuro de nossa Escola. Por outro lado, é importante dizer que apesar deste esforço de muitos parentes em ampliar seus conhecimentos e formação, temos a dificuldade de contratação e efetivação frente a uma rede de seleção e de dificuldade na continuidade de trabalho que é fragmentada e descontínua, prejudicando o avanço na formação do corpo docente especializado na nossa Escola.

2.4 Uma Breve Trajetória Sobre a Formação do Corpo Docente Indígena na Aldeia Velha

Como foi dito inicialmente, a autora deste trabalho esteve inserida no grupo de formação da Escola desde seu início e o conteúdo apresentado abaixo tem como fonte suas

próprias memórias compartilhadas com amigos, comprovado e complementado através de outros olhares após a realização das entrevistas propostas nesta pesquisa,



Figura 14 - Reforma da escola 2005 patrocinada pela Prefeitura de Porto Seguro, e Secretaria do Estado da Bahia. Foto acervo da autora e seu marido.

Em 2000 resolveram sair do centro da mata para irem para a sede da comunidade, área onde se estabeleceriam definitivamente, deixando a mata preservada. Esta parte da Aldeia, para onde a Escola foi transferida se tornaria parte de moradia. Foi aí que surgiu a necessidade de fazer um espaço que serviria para a reafirmação cultural e, no caso, a Escola nascia justamente com esta visão de preservação e manutenção de memória, de estudo e oportunidades de vínculos e inclusão social e de potencializar nossos valores e cultura.

A Escola na comunidade então foi abrigada na casa do Cacique que fez de tudo para inserir uma escola na nossa comunidade. E depois seguiu para dividir espaço no galpão da farinha. A professora até esse momento foi a Alzenir Martins.

Em 2001 iniciamos uma nova fase na comunidade onde Roberto e Marialva assumem a escola como professores e responsáveis pela escola porque ainda não existia ninguém na função de direção ou coordenação. Porque a escola passou a fazer parte do núcleo do Arraial.

No ano de 2002 continuávamos na farinha, (casa de farinha), lecionando ainda de 1º a 4º série, mas agora éramos três professores: Maria Aparecida Alves Conceição entra para dividir as turmas que então deixam de ser multisseriadas ficando 1º e 2º com a Profa. Marialva e 3º e 4º para a Profa. Maria Aparecida. À noite era apenas o Prof. José Roberto que lecionava conteúdo de 1ª a 4ª série para alunos da EJA.

Em 2003 a luta continua e os três professores buscavam incessantemente orientações para avançar no ensino e propiciarem boa qualidade na aprendizagem das crianças, principalmente porque os três professores não tinham ainda, naquela época, experiência

suficiente na prática pedagógica e na educação, mas estavam prontos e muito disponíveis para dialogar em busca de direção norteadora para a Escola e buscavam dialogar com todos na comunidade e também entre os parentes de outras Aldeias sobre a educação que gostariam de ter para os nossos *kitor* e *kitor' ihé* (meninos e meninas) da Escola Pataxó da Aldeia Velha.

No ano de 2004, a primeira escola de alvenaria foi construída por três grandes homens de nossa Aldeia, pelo professor José Roberto dos Santos, pelo Cacique Ipê e o vice cacique Nadinho, com recurso financeiro da FUNAI. Agora os professores eram Carlos, Marialva, e Maria Aparecida. José Roberto por motivos pessoais neste ano não lecionou.

No ano de 2005, não foi diferente. Todos estavam engajados na luta para consolidar a Escola cada vez mais e fazer com que se oferecesse cada vez mais subsídios sócio culturais para a nossa comunidade. Neste ano tínhamos várias crianças com 5 anos de idade e implementamos uma sala de alfabetização. Foi então que a Luciana Gomes dos Santos, iniciou seu trabalho em nossa Escola, como professora dessa turma. No mesmo ano, entra também a primeira professora da língua materna, a Profa. Lucinei Nobre de Souza, Wagner. Agora éramos seis professores que ali trabalhavam pois José Roberto retorna do seu afastamento em 2004.

Em 2006, outros professores ingressam nesta jornada, Prof. Ataiane Santos Correia possuía o ensino médio concluído, Prof. Ronald Goivado dos Santos com formação no ensino médio completo e que passa a ser o novo professor da língua materna.

Em 2007, mais três professores ingressam na escola, Ângelo Santo do Carmo com magistério concluído, Cláudio Alcântara e Hudson Nascimento não indígenas e que se dedicaram ao Ensino para Jovens e Adultos (EJA). O quadro de funcionário aumentava ou diminuía, dependia muito da matrícula a cada ano.

No ano de 2008 três professores passaram no concurso Público, Marialva Dias dos Santos, Ângelo Santo do Carmo e Maria Aparecida Alves da Conceição os três, agora concursados, tinham magistério. Maria Aparecida concluiu o magistério indígena, Marialva foi a primeira da Aldeia a ingressar na universidade de pedagogia. Alguns meses depois os dois outros concursados também entraram na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), na modalidade de curso em EAD, Educação a distância. Neste mesmo ano, entra Gabriel Florêncio Ferreira de Jesus, indígena de Coroa Vermelha, para lecionar no EJA e Manuel Manoel Domingos Soares concursado, não indígena, também entra como professor da EJA, e Antonildo Silva de Lira conhecido como Txawã como professor da língua materna. Antonildo foi nosso aluno na época da farinha e voltava para Escola, agora como docente. Cacique e lideranças

da época decidiram colocar a primeira coordenadora indígena na Escola, Luzivânia de Jesus Souza parente da cacica de Aldeia Juerana. Essa Aldeia fica depois da Aldeia da Jaqueira em Porto Seguro.

Em 2009, entraram novos professores, Marly Silva de Lira com ensino médio completo, Fernanda Almeida Agliardi não indígena, com ensino superior completo, Elsi Ferreira Batista conhecida como Poá, foi a nossa segunda coordenadora, designada pelo setor de Educação Escolar Indígena, com formação em Pedagogia. Também foi feita a primeira eleição para o cargo de direção onde assume uma professora Pataxó. Neste mesmo ano resolvemos mudar para o prédio da escola nova que ainda não tinha sido inaugurado, mas como a quantidade de alunos aumentou decidimos ingressar no novo prédio da Escola ainda que faltassem alguns detalhes para que a obra fosse de fato concluída.



Figura 15 - Escola construída pela Prefeitura de Porto Seguro em 2009. Foto do acervo da autora e seu marido.

A Prefeitura de Porto Seguro, em 2008, decidiu construir esta escola depois de muitas solicitações. Porém, o projeto já chegou aqui estruturado, quando o engenheiro mostrou a planta, nós só tínhamos duas opções aceitar ou rejeitar. Como nossa Aldeia não era ainda demarcada nesse tempo, nenhum prefeito queria assumir a responsabilidade de construir uma escola em uma área não demarcada. Porém, o prefeito da época resolveu assumir a responsabilidade. O local no centro da Aldeia foi ideia de onde inserirmos a Escola e todas as lideranças e comunidade aceitaram a decisão.

Em 2010, novamente novidades no quadro de professores. Entraram mais dois funcionários. Rosimar Valério dos Santos com formação no ensino médio e Rodrigo Merelles Guedes, também com o ensino médio completo. Neste ano já tínhamos no quadro de funcionários uma diretora graduada em Pedagogia, Marialva Dias dos Santos, uma auxiliar de secretaria graduada em Pedagogia Vânia Santos Meira, e fazendo o magistério indígena, e mais duas professoras cursando o magistério indígena. Ataiane Santos Correia e Lucivânia Santos do Nascimento. Atais Andrade Nascimento ensino médio completo, Maria Aparecida Alves da Conceição já tem magistério indígena, e cursando Pedagogia. Ângelo Santo do Carmo cursando a LICCEI (Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena). Tínhamos também uma dois professores de cultura Antonildo Silva de Lira fazendo o ensino médio. Duas merendeiras; Antonia Maria Santos e Marly da Silva Lira, dois funcionários para os serviços gerais Jaiane Moreira Borges e Josineide da Silva Souza, três porteiros Jozivaldo Alves do Bomfim, Admilson Conceição dos Anjos e Aurení da Silva Conceição. Devido ao aumento das matrículas e o funcionamento da turma da EJA, Educação de Jovens e Adultos, agora a escola funcionava os três turnos com mais alunos portanto necessitava de um quadro de funcionários maior e que oferecesse mais estrutura e apoio.

Em 2011 entra Aline Nascimento Andrade, estudante da UFMG e Ubiraci Silva Matos, estudante da Licenciatura Intercultural da Educação Escolar Indígena.

No ano de 2012 entrou na Escola da Aldeia Velha a professora Iara da Conceição Ferreira, da Aldeia de Barra Velha como professora, também como estudante da LINTER, Ana Paula Souza dos Santos da Aldeia de Coroa Vermelha, Josué Costa Santos de Aldeia Velha formado em Letras e Gilzimar Santos Silva, com o ensino médio concluído. A cada ano tínhamos um quadro de funcionários diferente e que se ampliava.

Em 2013 eram, efetivamente, onze professores, três auxiliares de classe, quatorze funcionários de apoio, uma diretora, um coordenador. Tínhamos no total trinta funcionários.

Em 2014, haviam 17 professores, sendo três deles concursados, Ângelo Santo do Carmo, Maria Aparecida Alves da Conceição e Marialva Dias dos Santos. Neste ano a prefeitura, juntamente com um parceiro chamado Toninho faz a ampliação do prédio. Devido a ampliação entraram mais funcionários, Ilzeni Oliveira Silva e Taiane Ferreira do Espírito Santo.



Figura 16 - Ampliação do prédio na gestão da prefeita Claudia Oliveira, 2014. Foto acervo da autora e seu marido.

Em 2015 ingressaram dois professores não indígenas, Elaine Rodrigues Fernandes e Lucimar totalizando então, dezenove professores.

No ano de 2016 não houveram mudanças no quadro de funcionários.

Em 2017 os professores que atuavam eram Aline Andrade Nascimento, superior completo em linguagem na UFMG, Antonildo, cursando ensino superior na UFMG, Kevin Robert Dias Santos, cursando ensino superior na UFMG, Lucinei Nobre de Souza, cursando Licenciatura Intercultural Indígena pelo IFBA, Laura da Graça Lima, com superior completo não indígena, Mariceia Meirelles Guedes, cursando superior LINTER, Marly Silva Lira, cursando ensino superior em Linguagem na UFMG, Rodrigo Meirelles Guedes, cursando ensino superior na LINTER, Juciara Pereira Novais, cursando ensino superior em Pedagogia, Ilzeni Oliveira Silva, cursando ensino superior em Pedagogia, Taiane do Espirito Santo, cursando curso superior LINTER, Wenderson Meirelles Guedes, cursando Educação Física, Marialva Dias dos Santos, superior completo em Pedagogia e totalizando, então, 21 professores. Vale ressaltar como a formação do nosso quadro de professores estava em expansão e crescimento no processo de formação e adequação curricular.

Em 2018, o quadro de professores eram 18 pois saíram três que atuavam do ano anterior.

Em 2019, foi o ano de eleição para diretor. Aline Nascimento Andrade foi eleita, e o quadro de professores contava com 15 professores. De acordo o professor José Roberto (Puhuyakuã) são vários fatores que levavam o quadro de funcionários a mudar com frequência, uma delas era o aumento das matrículas, mais alunos, mais professores consequentemente mais funcionários, implementação de novas turmas e, com isso, a necessidade de novos professores

com o nível maior de escolaridade ou experiência na área. A figura abaixo mostra a quantidade de alunos matriculados de 1999 a 2023 na Escola de Aldeia Velha.

ANO	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
MATRÍCULA	30	34	74	80	80	84	99	151	162

ANO	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
MATRÍCULA	172	218	210	175	208	214	219	250	259

ANO	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
MATRÍCULA	274	275	280	272	260	270	269

Figura 17. Alunos matriculados por ano. Fonte secretária da escola: Luciene Nobre de Souza

No início do ano de 2020 haviam muitas dúvidas, já que o COVID 19 estava avançando na China e em outros países. Acreditávamos que não chegaria no Brasil e muito menos em nossa Aldeia. Muitos professores tinham planos e expectativas de cursar o ensino superior além de vários outros sonhos, porém em março a grande surpresa, o COVID-19, antes visto fora do país, agora já estava presente no município de Porto Seguro. Assim vivemos um período de grande preocupação, medo, alerta e de muitas reuniões na Escola, mas também com toda a comunidade. As perguntas eram constantes. Os 15 professores atuantes questionavam o tempo todo como deveriam proceder. Se as aulas iriam continuar e de que modo afetaria a nossa comunidade. Nos preocupávamos também com os professores com mais idade, com a continuidade dos estudos de nossos professores e jovens que acontecia fora da Aldeia bem como das crianças de nossa Escola, pelas quais éramos diretamente responsáveis. Foram muitos os questionamentos, foram muitas as incertezas.

Em reunião com o cacique Carleoni, (Tuquinho), lideranças e alguns profissionais da saúde decidiram fechar a Aldeia fazendo um portão para evitar contato com outras pessoas de fora da comunidade. O portão controlava a entrada e saída. As lideranças, o Cacique e os agentes de saúde ficavam medindo a temperatura dos indígenas e outras pessoas que por algum motivo precisavam entrar na comunidade. Mesmo ainda não havendo casos da doença na Aldeia, o medo não cessou e a pressão aumentou a cada dia na escola. Percebia-se o medo estampado no rosto dos professores e demais funcionários, ainda mais porque existiam pessoas com problemas de saúde. Sabendo que os casos estavam aumentando muito rápido, a preocupação era ainda maior. No dia 17 de março veio um decreto da Secretaria de Educação de Porto Seguro pedindo suspensão das aulas. Assim, além das incertezas e o medo, ficou a preocupação dos professores, o que deveríamos fazer com os alunos para que não fossem prejudicados?

Nesta época, após duas semanas do fechamento da Escola na Aldeia começaram as pesquisas na comunidade para saber quem tinha celular e internet a cabo para verificarmos a possibilidade de continuidade de estudos de nossos alunos via EAD. Quando todos estavam nesta preocupação, surgiu o primeiro caso da doença na comunidade, um homem não indígena que namorava com uma parente indígena foi diagnosticado com o vírus. Alerta total na Aldeia, o homem infectado em questão ficou isolado na casa da indígena e depois voltou para seu país de origem.

Todos os professores estavam em choque e muito preocupados com os alunos. O que fazer? Como transmitir as aulas para os alunos? A professora da educação infantil passou a entregar as atividades no caderno para cada um dos alunos até ter uma solução precisa de como agir nesta situação, porém por motivo dos casos estarem aumentado na comunidade, teve que parar de entregar as atividades por medo de ser contaminada através delas e também propagar o vírus já que recebia e distribuía as atividades a todos os alunos. Fomos orientados a fazer aulas remotas. Como? De que forma? Então veio a pesquisa, desta vez feita pela Secretaria de Educação on-line para obter informações sobre os professores, quem tinha conhecimentos tecnológicos suficientes ou notebook, para que começassem a preparar suas aulas. Aí percebemos que muitos dos jovens que tinham celular nem sempre tinham internet, e os familiares que tinham precisavam levar para o trabalho. Depois do isolamento e, muitas vezes da falta de trabalho, ficou difícil continuar pagando energia, internet, ou mesmo colocar crédito no aparelho móvel. Muita insegurança e incerteza. Ficou muito claro a questão da desigualdade no acesso à tecnologia por parte da nossa comunidade.

Em 2021, mesmo em meio às incertezas, iniciamos o ano letivo que, no entanto, apresentava o conteúdo referente ao ano letivo 2020. A proposta da Secretaria de Educação de Porto Seguro foi de fazer dois anos em um e de forma remota, o que seria quase que impossível, como explicamos acima. Sugiram alguns critérios para que os alunos maiores participassem de grupos para receberem as tarefas, e na dúvida procurar a escola e, os pais ou responsáveis virem buscar as tarefas das crianças, sempre nas datas prevista de entrega e devolução. Alunos poderiam entrar em contato com os professores com antecedência para resolver questões que não conseguiram, e os pais dos menores iriam até a escola, de preferência na data prevista, ou justificassem o não comparecimento naquela data.

As tarefas deveriam sempre ser feitas pela criança, com orientação dos pais e professores de forma online, se caso a escola da aldeia o fizesse. Era recomendado que os pais

tirassem foto ou fizessem vídeos mostrando a criança executando as atividades. Sendo assim, a criança receberia presença e conseqüentemente na metade do ano ou de acordo o cronograma estabelecido na sua escola, a criança avançava para a série seguinte. Claro que surgiram muitas questões neste processo e imensos desafios, questionamentos dos pais e dos alunos principalmente em relação a falta de recursos tecnológicos e também as dificuldades de acesso a aplicativos para normatizar o uso da tecnologia. Como a possibilidade digital estava fora de nosso alcance, os professores deixavam a atividade na escola e o responsável pegava e devolvia na data prevista.

Pudemos perceber a responsabilidade e compromisso de alguns pais, e como estava sendo difícil para eles agora, se verem no lugar do educador de seus filhos. Neste momento a professora foi vista como uma parceira na educação de seus filhos e não a única responsável por tal ato.

A professora de educação infantil achou por bem entregar a atividades semanalmente, na esperança que os pequenos não perdessem o vínculo com a escola. Agora estávamos em apenas 10 professores, houve “enxugamento” da folha. Antes da pandemia tínhamos 15 professores, depois da pandemia apenas 10. Neste ano, Antonildo Silva de Lira, o professor de cultura, não retornou para a escola.

Com a chegada de mais um ano, 2022, ano de esperança e sonhos de que tudo pudesse finalmente ser diferente em relação a pandemia, educação e política enfim, um mundo mais justo e igualitário para todos que acreditam na força da educação desses profissionais que engajam cada vez mais neste desafio de buscar qualidade de vida através de um ato tão simbólico e tão eficaz que é a educação.

Segundo Paulo Freire (1979, p.84) “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo...”. Começamos neste ano um novo ciclo da educação em Aldeia Velha, esperando o processo seletivo para contratar novos professores e equipe de apoio; merendeira, serviços gerais, porteiro etc. Até o presente momento podemos mencionar apenas cinco professores concursados na escola, sendo que um deles, está em desvio de função na Secretaria de Educação de Porto Seguro portanto, somos apenas quatro atuando na escola, Marialva Dias dos Santos, Maria Aparecida Alves da Conceição, Rosimar Valeiro dos Santos, Juciaria Pereira Novais, uma auxiliar administrativa Vânia Santos Meira e duas de serviço gerais Antônia Maria Santos e Ataciane Santos Correia. Acreditamos ser este um número muito baixo de profissionais atuando na Escola de nossa Aldeia e temos nos

empenhado e dedicado no caminho para que tenhamos força e profissionais suficientes em número para dividir responsabilidades e oferecer maior atenção aos alunos.



Figura 18. Escola atual, 2022. Acervo da autora e seu marido.

Podemos dizer que, depois de muita luta, esta escola é uma grande conquista, porém ainda nos resta lutar frente as necessidades de adequação do prédio já que, ainda hoje, a obra apresenta problemas como por exemplo, no inverno, ou nos períodos de chuva, molha todo o corredor interno por razão de não terem colocado calha no espaço de uma sala para outra. Hoje o prédio está precisado de reparo e pintura.



Figura 19. Escola atual 2023, arquivo da pesquisadora

Neste prédio funciona da Educação Infantil ao 9ºano. Como não temos uma divisão específica para a Educação Infantil, o acesso e permanência dos pequenos no corredor da escola nos intervalos, ou momentos de entrada e saída, são prejudicados porque os maiores tomam uma grande parte do corredor. Acreditamos que Educação Infantil precisa ter seu espaço, inclusive desejamos ter um espaço aberto para as crianças brincarem que seja delimitado ou cercado para que as crianças não corram risco. Hoje o prédio da Escola está pintado e algumas calhas foram colocadas.

2.5 Nossa Cultura Tradicional e Suas Transformações

Acredita-se que o crescimento da Comunidade Aldeia Velha está sempre junto com a reafirmação cultural, onde o artesanato, as pinturas, os jogos indígenas e rituais reafirmam a nossa identidade. Os artesanatos passaram por modificações e aperfeiçoamentos desde a retomada até os dias atuais. Antes eles eram bem mais simples, e não tinham muito cuidado no acabamento, já que muitos indígenas de nossa comunidade estavam desaldeados, e nem usavam mais acessórios característicos de nossa cultura. Mas com o tempo isto foi mudando.

Na época da farinheira em 2001, era muito divertido e animado o exercício criativo de todos se pintarem do seu jeitinho, as crianças agiam naturalmente, mesmo já se tendo um padrão de pintura próprio da Cultura Pataxó, estamos também sempre livres para criarmos outras formas de pintar o corpo ou as paredes ou inovar em nosso artesanato em formas e materiais.

Até os adultos se pintavam usando o dedo indicador naturalmente quando tinha festa; cada um queria ficar mais bonito que o outro com seus adereços e pintura. Sabe-se que o Puhuy, José Roberto dos Santos, o professor de matemática, em uma festa estava precisando de uma tupisay, ou seja, a saia indígena e resolveu fazer uma de palha de coco. Sua saia ficou bonita, os alunos gostaram e acharam interessante, ele também fez uma pintura diferente com carvão no corpo e no rosto usando os dedos. As pinturas eram rústicas sem muito detalhes. Pegava-se o carvão, o barro, o urucum e passava-se no corpo e no rosto. Era uma simplicidade só! O professor José Roberto dos Santos pintava rápido e os meninos achavam engraçados porque ele fazia bolinhas no corpo das crianças e outras pinturas rápida e falava “vapt vupt”. Nós estávamos, nesta época, nos preparando para os jogos indígenas, momento importantíssimo na comunidade, e falaremos sobre eles posteriormente.

Também haviam outros pintores a Nei, Txaywã, Rony, Idália, Mara. Todo o processo de preparar as crianças e a aldeia para as festas sempre foi muito divertido. Esses pintores citados acima já estavam se aperfeiçoando na pintura, procurando detalhes e usando a talisca de coco para fazer a pintura corporal, mesmo assim era totalmente diferente do que fazemos agora. Hoje as pinturas corporais são feitas com muitos detalhes. Eles inspiram-se nos animais, besouro ou pássaros. Pegar a talisca da palha de coco para trabalhar esses detalhes, de

preferência aquelas de ponta finas porque detalha melhor os traços é hoje uma prática usual. As crianças indígenas de hoje não querem mais apenas bolinhas no corpo, elas querem pinturas bem feitas igualmente as dos adultos, eles querem ficar bem bonitos.

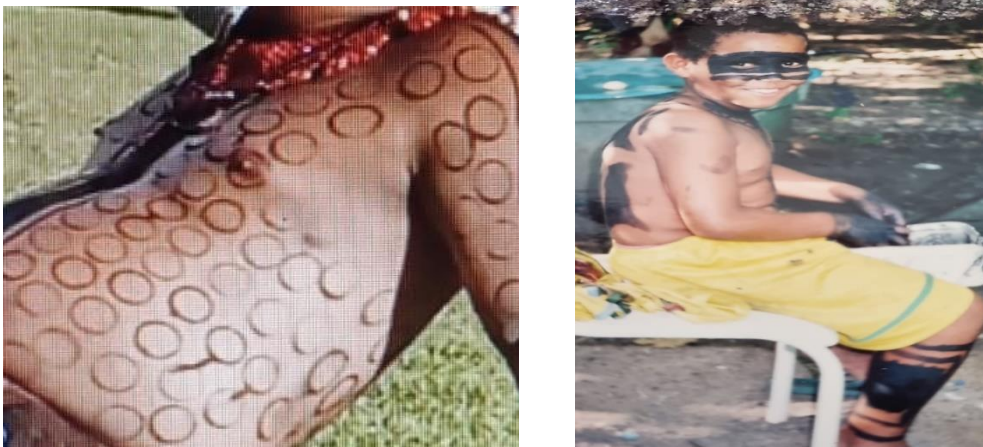


Figura 20- Pintura corporal. Foto de Adriel, Acervo da pesquisadora

Segundo o Puhuy, as transformações foram muitas, quando olhamos para o passado e observamos o presente ficamos felizes e imaginamos como será o futuro, porque as transformações e os avanços na pintura, na produção dos colares, nos cocares, nos tops, são constantes, e de forma positiva pois estão cada vez mais bonitos e detalhados.

De fato, um bom exemplo são os tops que as meninas usavam na parte de cima, para cobrir os seios. No início da retomada usava-se a parte do top do biquini. Depois Adelaide fez um top de imbiriba ou imbira, que é a casca retirada da árvore da imbiriba e logo decidiram criar novos tops, de estopa e crochê, o que fez as indígenas se preocuparem mais em inovar e criarem novas propostas.

Outros indígenas também fazem artesanato, pai do índio Genilton fazia cesta de cipó, esse parente era muito inteligente, eram belíssimos seus produtos de artesanato.

Em relação aos cocares, os professores e alguns alunos iam para a granja, pegavam várias penas, lavavam pintavam para confeccionar os cocares dos homens e das mulheres. Os cocares das mulheres eram tiaras. Os dos homens eram falhados porque estavam aprendendo cada um a fazer o seu próprio cocar e um ensinava ao outro. Nesta época era tudo feito com animação e as crianças gostavam de ficar virando as penas pintadas para secarem em frente de sua casa. As mulheres e as crianças aprendiam de forma prazerosa a confeccionar as tiaras. Alguns meses depois o Antonildo Silva de Lira foi para Coroa vermelha e observou alguém de Coroa fazendo os cocares, então passou a tentar fazer com esta nova técnica utilizada pelos

parentes e, aos poucos, ele foi se aprimorando. Hoje produz cocares perfeitos e muito bonitos. Atualmente, outras pessoas da comunidade também sabem fazer cocar: Kevin, Coi, Rodrigo, Rony, Katyré, Gleisse, Roberto e vários outros, mas o de Antonildo é único em qualidade e técnica primorosa.



Figura 21- Cocares Indígenas Pataxó. Foto da pesquisadora.

Nesta época as tiaras e os cocares ainda nem eram bordados, mas todos achavam bonito, todos estavam aprendendo e experimentando formas de confeccioná-los. O Miltoninho era um aluno que ama a cultura e sempre estava com o cocar na cabeça, quando percebia que estava chegando visita, sempre incentivava os colegas a usar. Ele falava; “somos indígenas por isso temos que está trajados e bonitos”. Miltoninho sempre foi um exemplo de menino. Percebia-se na época da farinha que todos pareciam bem mais interessados em aprender. Hoje é muito satisfatório lembrar as transformações e avanços que esses artesanatos tiveram aqui em nossa comunidade, acredita-se que a chegada de novos parentes e a visita a outras aldeias, fizeram com que todos passassem a se envolver mais com os novos conhecimentos, com o desejo de usar nossos adereços e aí veio o interesse de querer inovar, fazer coisas diferentes ou melhorar aquilo que já faziam. Acreditamos que o ato de cada parente querer aperfeiçoar a técnica e a estética apresentando detalhes cada vez mais perfeitos, desenvolva a nossa capacidade criativa, a capacidade de inovar, de criar e, assim, estar levando os parentes a serem protagonista de sua própria história e muitos encontrando no artesanato uma forma de prosperar e obter uma renda para manutenção de sua vida e de seus familiares.

CAPÍTULO 3. OS SAMBAQUIS CURRICULARES DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE ALDEIA VELHA



Figura 22. Formatura da turma do ensino fundamental I 2006. Crianças devidamente vestidas em traje indígena marcando território no espaço escola. Foto do acervo da autora e seu marido.

O objetivo deste capítulo é contar sobre as atividades que desenvolvemos no âmbito de nossa Escola procurando criar espaço para Educação Pataxó, para uma cultura que se reconhece e se solidifica indígena. Assim, estabelecemos o dia festivo próprio de nossa cultura no dia 29 de abril, quando comemoramos a retomada de nossa Aldeia. Desenvolvemos e aperfeiçoamos o nosso artesanato, contando principalmente com o apoio da Aldeia de Coroa Vermelha, desenvolvemos também material didático com maior aproximação à cultura, linguagem e grafismo Pataxó. Falaremos aqui sobre o funcionamento de nossa Escola e discorreremos sobre os avanços já conquistados. Temos desenvolvido materiais próprios para uso como recurso em sala de aula e esperamos que tal iniciativa possa, de fato, encontrar lugar de intersecção junto ao currículo obrigatório das escolas brasileiras. Necessitamos que nossa história, nosso modo de pensar e fazer sejam inseridos oficialmente no currículo de nossa escola e temos nos esforçados neste sentido.

Temos muitos fatores positivos e outros tantos negativos em nossa prática e disponibilidade pedagógica que serão apontados e discutidos a seguir.

3.1 A Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha

A Escola é um espaço que foi construído dentro de um território indígena e que carrega consigo toda a legislação vigente na educação brasileira. Nós entendemos que, no caso das escolas indígenas, tais espaços precisam ser transformados culturalmente, para que de fato seja uma escola intercultural. Precisamos sair da “assinatura” dos brancos que traz a imposição curricular e seleciona e impõe nosso material de estudo/didático para construir uma “assinatura” indígena, ou seja, para que tenhamos a possibilidade de participar dos currículos escolares de nossas Escolas.

Desejamos que as mudanças e transformações construídas ao longo do tempo por esse povo guerreiro, resistente, chamado Pataxó possam ser expressas e ensinadas para as gerações vindouras e que este saber se constitua em material de ensino que promovam a cultura e demarquem nosso lugar de pertencimento. Ao desenvolvermos material didático e plano de aula mais próximos à nossa cultura, estamos criando resistência étnica, espaço de inserção cultural e abrindo espaço para oferecermos novas oportunidades de lembrar e reviver nossos saberes através de metodologias de ensino e material didático específico que trate especificamente a nossa cultura indígena.

Estamos hoje inseridos em um contexto de trabalho e de ensino que nos obriga a atuar frente um fazer pedagógico muito diferente da maneira com a qual nossas crianças aprendiam em tempos passados em nossas Aldeias. Entendemos a necessidade de promover entre os indígenas o ensino reconhecido pela legislação brasileira em nossa Aldeia mas, também, pretendemos oferecer meios de conectar os dois saberes e as duas culturas de modo a promover a integração e a inclusão por meio da interculturalidade.

Denominaremos esse movimento, que esperamos ser transformador na Escola de Aldeia Velha, de **Sambaquis Curriculares**. A pesquisa em curso, proporcionou condições de refletir e de buscar informações e materiais importantes para o desenvolvimento e para a conclusão deste trabalho.

O nome Sambaqui foi adotado para apresentar, futuramente, as conclusões deste trabalho para que ele ofereça base curricular e de estudo onde a aprendizagem possa ser verificada e se constituindo por meio de materiais que represente a comunidade indígena como cultura, e que dê a possibilidade aos alunos de se aproximarem de conhecimentos que os representem. Estamos de fato revendo nossos documentos e os materiais já produzidos com o intuito de criar uma base organizada do que nos propomos a preparar para nossos alunos e os

que ainda estão por vir, de modo que nesta organização de materiais criemos uma base para o estudo da Cultura Pataxó que deverá ganhar um futuro mais pleno e potente.

Os Sambaquis, como foi dito anteriormente, são uma forma de assentamento de grupos de caçadores, coletores que preservam diferentes resíduos de sua estadia e vida naquele território como, por exemplo, conchas de moluscos, de extensão variável e que também acumulam outros materiais no território e que demonstram ser este um território habitado:

Segundo alguns pesquisadores, as conchas não são apenas os resíduos da alimentação baseada, principalmente, em mariscos. Para a construção dessas colinas de conchas também houve coleta de espécime malacológicos, destinados exclusivamente para este fim, haja vista que não foram abertos para extração da parte comestível. Nos sambaquis é possível encontrar vários tipos de vestígios enterrados, como fogueiras, instrumentos de pesca, pontas de projétil, quebra-cocos, sepultamentos, pequenas esculturas em pedra e em ossos de baleia, recipientes cerâmicos etc. <http://www.bahiaarqueologica.ufba.br/wp-content/uploads/2013/09/SEP88.pdf>

Sabemos que na região hoje denominada Aldeia Velha, foram encontrados materiais que comprovam ser este um território indígena. A presença de sambaquis na região proporcionou o reconhecimento de nossas terras, da existência de nossa história e cultura na região como vemos abaixo:

Alguns sambaquis foram encontrados na área do Recôncavo Baiano, no entorno de Camamu, no Litoral Norte, **e também adentrados sobre o Rio Buranhém, em Porto Seguro**. Ainda existem notícias de sambaquis sobre o Rio João de Tibas, por Valentín Calderón, no final da década de 1960 (CALDERÓN, 1969, p. 162). (destaque nosso)

Entendemos esses sambaquis como prova ímpar de nossa cultura, o que nos dá muito orgulho e simbolicamente muita força de pertencimento ao lugar e a etnia. Assim, denominaremos de Sambaquis Curriculares o que podemos, com base nos resultados desta pesquisa, desenvolver como metodologia e material escolar, a fim de manter nossa cultura e raízes impressas por meio da educação escolar formal. A assinatura indígena consiste, então, no trabalho que os professores estão construindo e desenvolvendo, praticamente desde o início do funcionamento de nossa escola como por exemplo, a inclusão de festas Pataxó no calendário escolar, as alterações e adequações curriculares como a inclusão de aulas de Patxôhã (nossa língua mãe), aulas de artesanato, a aprendizagem dos jogos, danças, culinária, medicina, pesca e tudo mais que nos represente, que “fale” de nossa cultura, que faça parte de nossa identidade e que vão formando esses sambaquis curriculares quando adentram à sala de aula da Escola Pataxó de Aldeia Velha e vão se sedimentando não só no conhecimento e valores de cada um de nossos alunos, mas também de nossa comunidade, que participa ativamente de nossa Escola.

Nossa luta é por ampliarmos o número de aulas de conteúdo cultural indígena no currículo, é por diários de classe onde possamos lançar nossos conteúdos e especificidades indígenas como matéria dada, onde os sábados letivos que constam no calendário do município de Porto Seguro e que para nós não funcionam, já que a adesão é baixíssima, possam ser trocados com o que instituímos ser a “Noite Cultural”, valiosíssimo encontro que reúne crianças, pais e a comunidade como um todo.

Nestas noites, denominadas como “Noite Cultural”, a proposta é reunir a comunidade na Escola e organizar, por exemplo, a Roda de Conversa com os Anciões quando estes contam histórias vividas por eles ou relembram fatos e histórias ancestrais de nossa etnia e nossa cultura. Também propomos projeções de nossos próprios filmes indígenas gravados em nossos eventos culturais e festividades. Queremos que os encontros que realizamos em dias de semana, à noite, sejam aceitos e registrados de acordo com as regras impostas pelo calendário do branco substituindo o horário curricular imposto para atividades no sábado. Entendemos que os Encontros Culturais realizados à noite, ou qualquer outro evento que envolvam crianças e comunidades no turno proposto, são de grande importância para a comunidade como um todo e reforça a importância de união entre a escola, a família e os alunos.

Construímos, como foi relatado anteriormente neste documento, a escola praticamente como primeira ação da comunidade na retomada territorial, mas precisamos fazer dela uma escola diferenciada onde fique clara nossa cultura, os nossos sambaquis dentro do território escolar que herdamos dos brancos. Temos que implementar ali a indigeneidade, transformando a paisagem como nos relata BALÉE

... paisagem arqueológicas terrestres e marítimas nessas regiões foram criadas pelos ancestrais dos povos a que hoje nos referimos como indígenas, ou povos indígenas. Com a globalização, o exato significado e identidade de indigeneidade é frequentemente subordinado a critérios e valores locais”. (WILLIAM BALÉE, 2008, p. 20)

Assim sendo nós, professores e professoras, construímos dentro do território da escola aquilo que estamos aqui chamando de Sambaquis Curriculares, marcando nosso território cultural nesse espaço. Os traços feito nas paredes, as músicas indígenas ao iniciamos das aulas, a presença dos anciões na escola, a festa do dia 29 de abril, data da nossa comemoração da retomado do nosso território, e em tributo ao Gaudino da tribo Pataxó Hahahãe que foi queimado em uma Praça em Brasília no dia 19 de abril, data imposta no Brasil como dia do índio de uma forma genérica sem nenhum reconhecimento das várias culturas e

etnias que representamos como população indígena. Por isso, nós nos negamos a comemorar esta data, já que este dia traz lembranças sofridas especialmente sabendo que esse território foi reconquistado com muita luta e sofrimento para nosso povo.

Ainda pensando em nossos Sambaquis Curriculares, propomos e participamos de intercâmbios que são encontros festivos, de atualização e debates junto a outras Aldeias. Cada escola organiza um grupo com alguns professores e alunos de diferentes idades que partem então para esse evento onde diferentes aldeias se encontram. Nesses intercâmbios a Aldeia que sedia recebe o evento faz uma festa chamada Aragwaksã resistência indígena, ritual de vitória, batismo, danças, casamentos, caçada de guerreiro, corrida com tora etc. Neste encontro são discutidos vários temas de interesse para o desenvolvimento e aperfeiçoamento curricular indígena. Temas culturais e atuais como: território e sustentabilidade. O restante dos alunos que ficaram na Escola também se organiza para o seminário com os seguintes temas: racismo, deficiências e inclusão escolar, questões que foram explanadas no seminário deste ano de 2022. Junta-se os dois grupos, os que saíram para o Aragwakã e os que ficaram na escola. Após o encerramento de cada intercâmbio o grupo de professores e alunos voltam com a missão de preparar seminários que serão apresentados trazendo conhecimento sobre os temas discutidos e também sobre as percepções do encontro.

Temos também como processo, a visita a escolas indígenas e também nas escolas de branco da região. Visitamos e contamos sobre nossa cultura para professores e alunos que nos convidam, e também recebemos estas mesmas escolas para que venham encontrar e conversar com nossos alunos.

Também é importante destacar que produzimos, na escola, em sala de aula, artesanatos especialmente no mês dos jogos, que acontecem em novembro e que envolvem toda a escola e também a comunidade. Muitos dos acessórios utilizados nos jogos são produzidos pelos próprios alunos em equipes e dentro do espaço da escola com a orientação e participação dos professores.

Os jogos são muito importantes em nossa cultura e recebemos outras Aldeias para as competições esportivas. Nossa Escola se divide em várias equipes misturando alunos de várias séries que possuem objetivos diferentes ou se preparam para provas diferenciadas. Nesta ocasião todos os alunos usam traje indígena. Nas salas de aulas preparamos itens que serão usados pelas equipes bem como incentivamos a desenvolverem cânticos ou “gritos de guerra”. Toda a comunidade participa ativamente dos preparativos.

Sendo assim, os Sambaquis Curriculares da Educação Escolar Indígena nesta comunidade especificamente, está também pautado na diversidade cultural e específica, característica de nosso próprio território como, por exemplo, quando se trata do mangue existente aqui na região, a andada dos caranguejos, período reprodutivo em que os caranguejos saem de suas tocas e andam pelo manguezal para acasalamento e liberação de ovos cujo período começa em dezembro e vai até abril. Por outro lado, o reconhecimento de nossa história através dos fornos antigos que são achados que retornam para nosso conhecimento e tornam-se sambaquis culturais expostos e ensinados dentro do espaço escolar.

Temos na escola de Aldeia Velha, uma educação escolar indígena de qualidade. Precisamos melhorar sim, porque toda a educação precisa a cada dia ser ampliada, ser revisada, e ter melhoria constante. Não acreditamos que exista uma educação perfeita, visto que esta segue um movimento contínuo, vivo e pulsante da sociedade que se transforma a todo instante. Entendemos que a educação que oferecemos é de qualidade, pela qualidade e comprometimento dos profissionais que temos e sabemos que a educação na escola envolve todos os que, de alguma forma, participam deste processo de compartilhar conhecimento, principalmente no nosso caso de uma direção e coordenação abertas à comunidade.

O diretor e coordenador juntos são a base administrativa e da gestão da estrutura da escola. O trabalho de ambos é muito próximo e devem interagir constantemente para que desenvolvam um trabalho coeso e que faça a diferença no desenvolvimento de novas propostas junto aos professores e entre todos do corpo escolar.

É importante ressaltar que o diretor é eleito a cada 2 anos por toda a comunidade indígena que é convidada a votar, pais, alunos e todo corpo escolar. Qualquer um dos professores que estejam atuando na escola da comunidade que tenha perfil ou deseje assumir este posto, pode se inscrever como candidato.

O coordenador por sua vez, quase sempre era indicado pela professora ou professor eleito no cargo de direção. Porém aqui, nesta comunidade, já teve eleição para coordenador. Atualmente, depois de muito diálogo, a comunidade prefere que a coordenação também passe por esse processo eleitoral democrático, onde a coletividade prevalece, professores, alunos e pais votam.

Segundo o regimento interno de nossa escola, mais especificamente no capítulo II, & 1” - Cabe a Direção juntamente com o Colegiado Escolar definir as organizações escolares, assegurar a integração das Organizações e promover condições de funcionamento. &.2” -

Quando da falta do Colegiado Caberá à Direção convocar as lideranças e cacique para definições pertinentes à Unidade Escolar.

O Colegiado é formado pelo corpo docente, discente, setor administrativo, o conselho escolar e a parte jurídica, que é a unidade executora.

O coordenador precisa estar muito próximo aos professores e ao que acontece dentro da sala de aula. Ele está ciente e acompanha os programas de aula de todas as séries, conhece os conteúdos que serão trabalhados pelos professores, acompanha e oferece suporte. É importante também que o coordenador acompanhe os novos professores que são contratados temporariamente e que não conhecem ainda muito dos objetivos e trabalho. Os professores possuem autonomia em sala de aula, mas, todo conteúdo, situação de aluno e acompanhamento de conteúdos são exaustivamente discutidos em reuniões de professores que acontecem semanalmente, ou quinzenalmente. Todos os planejamentos, conteúdos e processos para todas as séries, são discutidos com a comunidade docente e é o coordenador quem centraliza essas informações, analisa questões junto aos professores, verifica a adequação do conteúdo junto ao Projeto Político Pedagógico e também às normas da BNCC e propõe mudanças, quando necessárias. O coordenador ainda acompanha a implementação dos projetos e a verificação de aproveitamento dos alunos. O diálogo entre professor e coordenador deve estar sempre aberto e alinhado para que obtenhamos bons resultados e para que o corpo docente trabalhe em sintonia. No final de cada unidade o planejamento é discutido e verifica-se se está funcionando ou precisa ser reestruturado em alguns pontos ou integralmente.

Os professores estão em contato direto com os alunos em sala e aplicam o plano de aula e ensino estabelecido a cada semestre. A escola possui profissionais altamente disponíveis para melhor desempenho de sua profissão mesmo que a formação para a docência ter acontecido aos poucos e ainda estar em formação. Precisamos estar atentos a melhoria constante e a formação de nossos docentes para cumprirmos, cada vez mais, com competência o compromisso e missão que assumidos perante a comunidade.

Assim, diretor e coordenador são parceiros no que visa garantir na escola e comunidade uma educação de qualidade. Precisam dialogar ininterruptamente com profissionais professores, refletindo as propostas de ensino, as questões de classe, a formação e as estruturas de base ao nosso ensino. Para que isso aconteça, temos regularmente encontros que nos permitem detalhar problemas, discutir possíveis soluções, trocar ideias, falar sobre problemas do dia a dia em sala de aula e etc. Precisamos estar juntos para fazer a diferença e

solucionar juntos os problemas que certamente virão, considerando os dois anos de pandemia, onde professores e alunos se sentiram perdidos com várias incertezas, e onde os docentes tiveram que reinventar e acumular funções ao logo desse período. Mas, sem dúvida, este foi mais um motivo para professores, coordenadores e diretores estarem em sintonia constante em prol da qualidade da educação, e se agirmos sempre assim, em parceria e apoio mútuo, alcançaremos o objetivo maior para benefício de todos.

O coordenador, principalmente ao que se refere as séries iniciais no processo de aprendizagem, dedica-se com maior ênfase na orientação para atividades diversas ou até mesmo trocas de conhecimentos onde os planejamentos precisam ser eficazes. Espera-se que o coordenador seja capaz de trazer novas ideias, de incentivar práticas pedagógicas diferenciadas, novas atividades educativas ou seja novos projetos e ideias para que sejam discutidos juntos aos professores, mas que ofereçam a oportunidade de pensarem e conhecerem novas propostas, novos subsídios para pensarmos ao ensino em sala de aula para que inovemos estratégias no planejamento, principalmente por falta de livros didáticos para a educação infantil. Os dois anos em que tivemos livros didáticos apropriados para a turma da Educação Infantil, mesmo sendo do branco, proporcionou uma boa condição de trabalho.

No início no ano de 2001, a coordenadora Sandra Caries (não indígena) trabalhava com as escolas do núcleo do Arraial, e a escola de Aldeia Velha também fazia parte deste mesmo núcleo. Ela marcava reuniões pedagógicas fora da aldeia, os nossos professores participavam e encantavam-se com a disponibilidade dela em relação as atividades propostas e orientações que ela dava individualmente para cada turma. Sandra trazia muitas ideias de atividades, de novos projetos, mas sempre dizia: “Estou apenas sugerindo a decisão é de vocês, só conto algumas experiências para que vocês tenham uma visão mais ampla do que é educação básica fundamental”. Isso porque ainda não havia Educação Infantil naquele ano na escola de Aldeia Velha. Os professores naquela época trabalhavam com várias disciplinas e ela demonstrava parceria e fazia o possível para atender a todas as solicitações que fazíamos a ela, percebíamos que ela amava o que fazia e almejava ver todos profissionais satisfeitos, principalmente na qualidade da educação em foco. Seu modo de trabalhar e incentivar o nosso trabalho era muito inspirador.

Hoje, percebemos que em nossa comunidade está faltando mais isso. Pessoas para dialogar e compartilhar ideias, inspirações e possibilidades de vislumbrar modos de fazer o aprendizado acontecer. Principalmente para quem está iniciando como educador, este apoio em

troca de informação, conversas e ideias é fundamental. Os professores também precisam de espaço de formação e de troca.

É importante lembrar que os professores eram, inicialmente, escolhidos entre os moradores da Aldeia, considerando os que eram vistos com maior possibilidade para docência e que se dispunham a pensar em realizar este trabalho. Além da Sandra Caries, alguns meses depois tivemos também, o prazer de conhecer a Soraia Perelo, que atuava como Coordenadora Geral das Escolas Indígenas de Porto Seguro, e que também nos deu um grande apoio na escola, inclusive incentivando alguns dos professores a ingressar na faculdade.

Entre várias sugestões e apoios, Soraia Perelo decidiu fundar a unidade executora da escola, como mais uma forma de organização. Foi feita uma reunião onde uma responsável da escola foi indicada, que na verdade era professora para assumir esse novo desafio de ser presidente da unidade executora. Depois de muitas lutas mais uma batalha vencida, a luta foi grande para conseguirmos organizar a unidade executora porque ninguém tinha experiência nem queria assumir essa responsabilidade. Graças ao incentivo da Soraia, um braço direito na educação de Aldeia Velha, conseguimos atingir mais esse objetivo. Os professores comentavam que “nunca esqueceremos sua colaboração e sempre seremos gratos por toda essa dedicação e amor pelo que faz”.

Por todo esse histórico e trabalho já realizado, esperara-se que educadores, coordenadores e diretores das escolas indígenas, principalmente na escola de Aldeia Velha, continuem sendo parceiros e dialogando constantemente, sobre os problemas e possíveis intervenções que favoreçam um objetivo comum: a aprendizagem de nossos alunos. Na escola de Aldeia Velha existe interação de relações diversas de trocas de conhecimentos de experiência, sabe-se que não deve perder esse foco pelo crescimento da escola. Qualquer demanda que venha a influenciar negativamente e, conseqüentemente, criar distância entre esses companheiros constantes de luta que são os professores indígenas, deve ser excluída desde contexto.

Ainda sobre as ações que marcam a escola com nossas características culturais é importante relatar que em determinada época havia um jardim dentro do prédio da escola que as visitas amavam se aproximar pelo perfume das plantas, aroma que exalava nos pequenos jardins que eram cultivados com muito carinho por professores e alunos. O cuidado com as plantas fazia parte de nossa rotina na Escola. Porém, a gestão seguinte acabou logo com o jardim e isso foi um fator negativo para a aparência da escola, perante os visitantes de outras aldeia e

até mesmo para aqueles da comunidade que gostavam do jardim, comentavam que as plantas no interior do prédio resgatavam a essência de sermos uma escola indígena onde respirávamos o ar puro da natureza. Mesmo sendo uma Escola que desenvolvia atividades junto à comunidade, apresenta divergências, discórdias e abusos na relação decisória e de poder. Na Escola tivemos vários coordenadores, a primeira foi Luzivânia indígena da Aldeia Juerana que ficou pouco tempo conosco, a segunda foi Elsi Ferreira conhecida como Poá, e que também ficou pouco tempo, depois veio o Ângelo Santo do Carmo que hoje está em Porto Seguro trabalhando no setor pedagógico. Rosimar Valério dos Santos é o nosso atual coordenador do fundamental I, Wagner Santos Meira, Maria Aparecida da Conceição, Kevin Robert Dias Santos também foram coordenadores do fundamental I e II.

A integração e o trabalho conjunto é o que, de fato, podem trazer resultados satisfatórios para a educação escolar indígena, em relação a mais qualidade. Quando o diretor e o coordenador possuem os mesmos objetivos de idealização da escola e os professores e funcionários apoiam e acompanham as diretrizes, a Escola tem tudo para crescer. Se a direção não interagir com os funcionários, com os professores e coordenação, a escola não tem como avançar. A direção da escola precisa ter visão ampla e aberta para detectar os problemas e propor soluções, precisa ter ideias para que sejam levadas nas reuniões e para que sejam discutidas com todos. Precisa ter uma meta, um plano de trabalho e objetivos a serem alcançados a seguir durante toda sua gestão. A direção é o esteio da escola junto com o coordenador e todos ao redor. A educação passa a ter sentido quando todos estão lutando por um mesmo ideal, e com o mesmo propósito.

Acreditamos que o que oferecemos como educação escolar indígena é de qualidade. Verificamos que muitas crianças que estudaram conosco na farinha, hoje estão cursando faculdade e outros de nossos primeiros alunos, inclusive já concluíram o ensino superior. Entendemos que os professores daquela época influenciaram de forma positiva na aprendizagem dessas crianças e que o que foi proposto por esses professores, durante os anos que atuaram na educação de Aldeia Velha, em um espaço chamado farinha, casa de farinha, tenha de fato sido relevante em relação ao aprendizado necessário para que tivessem continuidade de estudos nas escolas de continuidade escolar do município, nas “escolas de brancos” e que, inclusive, chegassem a cursar o Ensino Superior. Entendemos também que a questão étnica e cultural pode ser forte o bastante para que aqueles primeiros alunos continuassem vivendo na Aldeia ou ajudando nos afazeres culturais da Aldeia onde muitos,

ainda hoje, estão, de algum modo, participando. A evidências é que, uma boa parte dos alunos da farinha hoje estão nas diversas universidades como UFMG, UNEB, UFSB e outras.

Temos hoje na escola professores que foram alunos lá daquele início, lá da farinha. Temos professor de cultura, professor de linguagem, matemática, ciências entre outros, mas também temos profissionais atuando no mercado de trabalho como por exemplo uma advogada já com aprovação no exame da OAB ou como outra nossa ex-aluna estudando medicina na UFMG. Kevin Robert Dias Santos, Formação Intercultural para formadores Indígenas, habilitação matemática, com o tema: O crescimento populacional de Aldeia velha entre 1998 e 2010: Desafios para a comunidade, 2018. Marly da Silva Lira Meira, Formação Intercultural para Educadores Indígenas- FIEI. Com o tema: O Canto Pataxó e sua influência no uso da língua patxôhã, uma prática pedagógica em Aldeia Velha, 2020. Antonildo Silva de Lira, Formação Ciência da Vida e da Natureza em 2019, FIEI- FAE. Julliane Santos Correia cursando Medicina pela UFMG. Julliana Santos Correia Direito na UESB. Gilzimar Santos Silva, formação Ciência da Natureza FIEI-FAE,2019. Kathary Milayne Dias Lacerda, cursando Ciência da Vida e da Natureza.

Olhar para o trajeto desses alunos é um alento para quem lecionou em espaço inadequado para aprendizagem. Quando observamos as dificuldades e barreiras que muitos enfrentaram naquele espaço inóspito onde os alunos correriam para sentar nas poucas cadeiras de verdade, (tinham os banquinhos que muitos carregavam nas costas para não ficar em pé, e outros compartilhavam o tronco de árvores para se acomodarem) para assistirem aula de uma professora ou professor que, como foi relatado, eram inexperientes, não tinham formação adequada para enfrentarem este desafio mas estavam interessados em alfabetizar.

Os professores, desde a fundação da Escola, acreditaram que podiam fazer a diferença na vida da comunidade. Não apenas das crianças, mas de todos os adultos e anciãos uma vez que o objetivo era a retomada do território físico com os sambaquis arqueológicos, mas também a retomada cultural com os sambaquis curriculares, com a força para a retomada de nossa língua, arte e raízes culturais, cantos, jogos, rituais, culinárias etc.

Esta pesquisa é estruturada em forma de registro, que evidencia a história de nossa escola e o papel dos professores para deixarmos um legado para as futuras gerações. Sabemos que sempre terá algo para melhorar e para crescer. Desejamos que as crianças desta geração amem a educação e se esforcem para aprender cada vez mais para que façam a diferença em nossa comunidade, que se proponham a investigar e engajar os nossos saberes indígenas com

toda a força para fazer-se a intervenção, se preciso for, em prol dessa educação intercultural que já transforma a vida de vários jovens desta comunidade.

3.2 Os avanços da Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha

Os avanços que aqui citarei são registros a partir da minha própria convivência e experiência com a comunidade, reafirmados pelas entrevistas realizadas para este projeto. Tivemos avanço na educação em relação aos cursos realizados pelos professores, como as licenciaturas, a produção de alguns exemplares de literaturas indígenas, além de curso de mestrado ofertado pela UFMG, e outras instituições. Outro avanço ocorreu nesta data 18 de abril de 2023 quando o Excelentíssimo Prefeito Municipal de Porto Seguro, Sr. Jânio Natal assinou o PL (Projeto de Lei. que, estabelece o Patxôhã (Língua Materna do Povo Indígena Pataxó) como idioma cooficial do Município de Porto Seguro. Neste mesmo mês e ano dia 20, a Câmara Municipal de Porto Seguro, aprovou a Lei Municipal. nº 1.888/23 que estabelece o Patxôhã como idioma cooficial de Porto Seguro. E, no dia 5 de maio de 2023 publicado no Diário Oficial Municipal de Porto Seguro, Estado da Bahia. A publicação da Lei. nº1.888/23, de 02 de maio de 2023, Dispõe sobre Co oficialização do Patxôhã (Língua Materna do Povo Pataxó) no Município de Porto Seguro e dá outras providencias.

3.3 Os Fatores Positivos com a Fundação da Escola em Aldeia Velha

Segundo os entrevistados os fatores foram muitos, um deles foi a certeza de que essas crianças indígenas teriam um espaço cultural específico para aprendizagem tanto na língua materna, como na língua portuguesa e que a língua materna seria valorizada e revitalizada já que estava adormecida para alguns parentes, que estavam fora de suas aldeias e estavam retornando. Outro fator é que a escola manteria a comunidade em constante elo com todos, já que o objetivo é incentivo a língua materna e a cultura na escola. Outro fator é que as crianças indígenas estudariam com seus próprios parentes e não precisariam estudar fora da aldeia. Segundo o Ipê, a escola é importante pra comunidade.

“Oh, Marialva, é o seguinte, a cultura do índio ela nunca acaba, agora só que hoje em aldeia velha, como os índios não tinha uma localidade certa pra poder, ele está apresentando seu toré, seu awê, anton ficava muito difícil, fraco, mas hoje já existe a

localidade certa, de a gente tá fazendo sua apresentação. Anton através da escola está sendo muito mais reforçada entende? Tá sendo mais reforçada, tá sendo mais reconhecida na verdade né. Através da escola, porque a escola não ensina só a língua portuguesa, ela também, ela incentiva muito os índios pra manter sua cultura, então isso é importante. Anton o que eu vejo é que a escola tá sendo uma base de tá levantando também a cultura indígena entendeu?”.

Realmente falar da escola de aldeia é falar de um patrimônio, de uma referência como afirma Antônia Maria, “A escola é importante sim, né, a escola, sem a escola dentro da comunidade era bem pior, se não tivesse as crianças ter de ir pra longe, ter de estudar, e hoje não, a importância é muito grande essa escola é perto de casa pra os alunos tá estudando, não ter que sair pra longe. Os professores estão todos por perto, conhece todo mundo, então a importância muito grande essa escola, hoje a escola faz parte da aprendizagem, faz parte do desenvolvimento da própria aldeia, a escola é um ponto de referência dentro da aldeia, a escola é uma referência.” Aqui podemos observar alguns fatores importantes pelo qual a escola é reconhecida como um instrumento de incentivo cultural.

3.4- Os fatores que influenciaram de forma negativa na Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha

Sabemos que estamos em uma era digital e que a tecnologia é uma ferramenta de grande importância atualmente e que essa tecnologia favorece de forma positiva quando usada sabiamente, como qualquer outro instrumento que envolve a sociedade em geral. Em nossa comunidade existe o uso inadequado por alguns jovens, o que influencia de forma negativa na Educação Escolar Indígena nesta comunidade, ou seja, o vício constante em estar ligado a um aparelho celular até mesmo no horário de aula, causando um impacto cultural contrário ao que vivíamos antes. Os professores, sabiamente, passaram a utilizar os celulares como instrumento de aula, mesmo assim a inquietação dos alunos para estarem ligados no aparelho constantemente, causa um impacto negativo. Além dos celulares, temos as drogas que também vem influenciando os jovens neste caminho, muitas vezes, sem volta. Muitos dizem que os indígenas já usavam plantar maconha, se usavam era com fins medicinais como afirma o ex cacique Ipê.

“Os índios usavam mais pra remédio, hoje não. Hoje o branco tá usando pra fazer destruição no país né? Aí, a droga eles não sabem usar, quer usar demais, o que acontece aí, eles fumam na intenção de matar as pessoas roubar as pessoas, eles não sabem usar

o produto. A maconha é remédio, mas pra quem sabe usar ela, é, mas pra quem não sabe usar é uma coisa esquisita, de outro mundo né?”

Ainda, segundo Ipê, a bebida e a droga podem prejudicar se não souber usar. “Anton se essa pessoa usa a bebida, usa droga tem que saber usar, saber usar pra não prejudicar ninguém. É porque na verdade o estatuto do índio não pode existir bebidas alcóolica dentro da aldeia.” Então os vícios são algo que influenciam de forma negativa dentro da comunidade e, com isso, influencia na escola porque ambas estão ligadas.

CAPÍTULO 4 A FUNDAÇÃO DA ESCOLA E A ASSINATURA TERRITORIAL NO CURRÍCULO EM DIÁLOGO COM OS DOCENTES INDÍGENAS DA COMUNIDADE PATAXÓ DE ALDEIA VELHA

A escola indígena de Aldeia Velha foi formada, inicialmente, com a proposta da Secretaria de Educação onde o formato de instituição representava somente a cultura do branco mas aqui, em nossa aldeia, por ter sido criada pelo Povo Pataxó, foi assumindo o que nesta pesquisa chamamos de “sambaquis culturais”, ou seja, fomos depositando, incrustando e tecendo uma outra escola com a cultura indígena, como diz Balée, fomos assinando nossas vidas no território da escola, criando uma assinatura de pertencimento de um espaço territorial, marcando território com as transformações, fazendo enlaçamento de ideias e criando um currículo onde o fazer cotidiano das pessoas, professores e alunos, faz a total diferença em dialogar dentro desse espaço onde tudo passa com um olhar atento. E nesse olhar em marcar território, entra o professor como agente social que vai intercalando seus saberes com os saberes culturais onde todos fazem suas assinaturas que estão presente nas paredes, nas músicas, nos conteúdos, nos adereços usados no seu cotidiano. Uma escola com seu olhar para a cultura, onde o currículo é construído em conjunto com uma visão territorial onde a natureza, os campos, o mangue, os rios, as pinturas e os adereços dialogam com os saberes tradicionais e marcam o espaço escolar como um território de saberes culturais. Enlaçados com as ciências do homem branco, que fazem, muitas vezes, confirmar ou ampliar os conhecimentos já existente do nosso povo, os dois conhecimentos funcionam como aprendizagem de

fortalecimento amplo para dentro e fora da aldeia, sem deixar de lado o bem maior que é o tradicional, a cultura indígena Pataxó.

A escola indígena de Aldeia Velha, dentre outras comunidades indígenas, está em terceiro lugar, sendo que a primeira em tamanho e número de alunos é a escola da comunidade de Barra Velha e em segundo Boca da Mata. A Escola de Aldeia Velha é de pequeno porte com número de alunos que oscila durante o período do ano letivo sendo esse um grande desafio a enfrentar devido a saída de alunos que vão estudar fora da aldeia. Como não há ensino médio na aldeia, os pais colocam pra estudar em Arraial d`Ajuda. Atualmente a nossa escola está toda reformada para o período do ano letivo de 2023. Localizada no centro da Aldeia, atendendo uma demanda de 270 alunos distribuídas em educação infantil, fundamental I e II. Ao lado da escola há uma arena para realizar os jogos indígenas, que faz parte do calendário escolar e ações que pertencem aos sambaquis curriculares. Próximo ao prédio principal há o início de uma construção de uma quadra, várias gestões da prefeitura municipal de Porto Seguro passaram e a obra não foi concluída, cujo espaço seria usado para os eventos da aldeia no caso de época de chuva, além da prática de esportes e os jogos indígenas que acontecem todos os anos. Nosso corpo docente e administrativo é composto de 32 funcionários em 2023, sendo que a maioria são contratados e nesse percentual apenas três docentes e 1 administrativo concursado, esse problema de contratação acontece em todas as comunidades Pataxó do município de Porto Seguro.

A escola é a principal instituição para a Comunidade Indígena de Aldeia Velha e também em outras comunidades do Povo Pataxó. Foi após a conquista do reconhecimento da educação indígena que conseguimos conquistar também os espaços nos meios social e cultural. Esses parâmetros se tornam em ações desenvolvidas no ambiente escolar e na comunidade, que é a parceira principal pra ajudar nos movimentos da busca pelos seus direitos na conquista do território. Os conhecimentos adquiridos na escola proporcionam a possibilidade de escolher o caminho a ser trilhado e cada pessoa, professor, estudante ou outra pessoa que mora na comunidade, aprende a lutar pelo seu direito específico escolhido. O ambiente de ontem não é o mesmo de hoje, e a escola de ontem não é a mesma de hoje em relação a infraestrutura, a administração e corpo docente, daí percebe-se a luta constante dos profissionais que trabalham na educação de querer almejar um estudo com direito a formação em cada habilidade que cada um possui. Os professores da Aldeia lutaram e continuam lutando por suas formações como nos relata o professor Roberto:

A questão da profissionalização dos professores, porque os professores não tinham licenciaturas nem pedagogia e hoje nós temos na escola indígena, a maioria dos professores hoje tem licenciatura e tem pedagogia então isso foi uma conquista. Isso começou pelo magistério indígena, e esse magistério indígena hoje é representado pelas licenciaturas e as pedagogias que tem alguns professores que fazem.

Ainda em concordância com a fala acima, a professora Atais diz que:

O magistério indígena foi uma formação de ensino médio, para os indígenas ter uma oportunidade também de emprego na área da educação principalmente, que é uma formação para docente e para que isso fosse possível, foi preciso muitas lutas né, das nossas lideranças, cacique, vice cacique, enfim né, essas pessoas que ficam responsável diretamente da nossa comunidade para que esses projetos bons venham acontecer para nós indígenas. E aí, foi que as lideranças conseguiram para com o governo essas faculdades. Depois do magistério veio a UFMG se não me engano, não sei qual a ordem certa, mais acho que veio a UFMG, veio a LINTER e hoje nós temos o UFMG e temos a LINTER onde muitos dos nossos professores hoje são formados nessas duas faculdades, e outros ainda estão em formação, temos também a pedagogia né, uns tem outros estão em formações.

Em concordância com as falas acima, a professora Maria Aparecida afirma que:

A educação cada dia ela se renova, e se a gente não pegar esse caminho de acompanhamento das formações só vai ficando para trás, perdendo espaço na área principalmente da escola na educação.

No começo, após retomada, ainda era aceitável o professor lecionar numa escola indígena com ensino médio, e atualmente isso não pode acontecer. Essa luta constante de se profissionalizar é para garantir o seu trabalho na escola e na comunidade e assim lutar pelos seus direitos no território indígena. Nessa análise de entrevista com os colegas professores indígenas fica claro o anseio que cada um deles tem e a responsabilidade pra formatar um projeto nos âmbitos curriculares que tragam parâmetros do território e, assim, tornar público o diferencial da educação escolar indígena do povo Pataxó e sua história. Esses bens imateriais que são o conhecimento culturais, saberes de cada professor é explícito em suas formações, é um documento de informação e de divulgação na escola, na comunidade e nas universidades. Essas formações são verdadeiras assinaturas escritas para o fortalecimento, para a conquista do nosso território que almejamos num futuro a sua homologação. O professor indígena já nasce como um ser político, é a principal liderança de uma comunidade indígena, é um elo do cacique para a construção de mecanismos que possam ajudar nos projetos de desenvolvimento de sustentabilidade da comunidade. Isso acontece no dia a dia do cacique na aldeia, com a escola e o corpo docente e o principal é que todos são parentes, e todos pensam e lutam em conjunto com a comunidade. Como afirma o Professor Gilzimar:

A Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha é como se fosse o coração da Aldeia né, porque tudo o que acontece na aldeia a escola sempre está presente sempre a escola está participando de todo movimentos né da comunidade, então é a escola é uma

grande família constituída por funcionários, lideranças, alunos pais de alunos né, que todos são bem acolhidos né, então tanto Professor como aluno é, tem um vínculo né, de parentes porque um cuida do outro né, não é igual a escola ocidental, é bem diferente, os alunos se sentem acolhidos pelos professores né, sempre a escola, os professores sempre estão disposto a ajudar os alunos como também dialogar com os pais para que ande lado a lado né, escola e comunidade e isso é muito importante para o aprendizagem dos alunos porque nós vemos né, quão importante é os alunos né, para a escola, porque se não há alunos não existe uma escola, não existe professor ,não existe diretor, não existe, coordenador né, nenhuma uma função existe na escola, então por isso que é importante alunos e escola tá sempre lado a lado.

Assim, fica claro que a escola indígena caminha junto aos interesses da comunidade e a comunidade com a escola. O comprometimento do professor vai muito além de chegar em sala de aula e dialogar com os alunos, eles direcionam um olhar para além da aprendizagem, olhar como professor profissional, mas também como parente, filho, neto, primo, que anseia pelo melhor para esses laços familiares. É uma educação comunitária porque envolve escola, família e comunidade. Como afirma o professor Antonildo:

Por se tratar de uma comunidade indígena a relação professor e aluno é muito comum. O aluno ser o próprio filho, sobrinho, ou sejam seus próprios familiares e parentes. Isso o torna diferenciado o ensino, à atenção e o cuidado.

Nesta relação de pertencimento, as tradições aos vínculos familiares, vão tecendo uma ideia de que o bem maior é de todos envolvido nesta complexidade de uma educação de qualidade de aprendizagem, onde o professor é cobrado pelos pais, parentes. Não é porque é meu filho, meu neto que vou deixar de orientá-lo ou simplesmente aprova-lo no final de cada unidade, é exigido tanto quanto qualquer aluno em sala de aula, somos profissionais e não deixamos que o grau de parentesco priorize um ou outro, são todos igualmente parentes. Sendo assim, a responsabilidade do professor para com os alunos se dá desde a educação infantil onde começam os trabalhos de respeito e reconhecimento de professores e alunos indígenas.

4.1 A Importância da Liderança Indígena Ipê, no Contexto da Educação Escolar da Comunidade de Aldeia Velha

A presença de uma liderança indígena é de grande importância para nosso Povo Pataxó. A liderança representa uma função de líder, que dá conselho, motiva, influência de forma positiva, está sempre à disposição para contribuir com o povo e busca melhorias para a comunidade junto ao cacique que é a liderança maior, porém trabalham juntos ao encontro de

determinado objetivo. Uma boa liderança tem que ser exemplo na comunidade e principalmente amar sua cultura, ter confiança em si mesmo e em suas decisões, ser sempre comunicativo e honesto. Uma boa liderança é aquela que a comunidade confia e respeita. No contexto da Educação Escolar Indígena desta aldeia já tivemos e temos lideranças que representam a maioria das qualidades acima citadas, porém gostaríamos de enfatizar um grande homem indígena desta etnia Pataxó o qual, além de líder, foi o grande responsável por hoje estarmos nesta Aldeia, além de termos uma Escola na qual temos orgulho de trabalhar e, podemos dizer, esse indígena que confiou em seus sentimentos e foi a luta por esse território que é a nossa vida. Essa liderança é Silvino Lopes do Espirito - Ipê Pataxó, nasceu no dia 05 de janeiro de 1955 nas margens do rio do Norte, próximo a Barra Velha, sendo esse um dos rios que deságuam no rio Caraíva.

Segundo a professora Atais:

O Ipê foi e ainda é, o cabeça da nossa comunidade, ele sempre na frente da melhoria para a nossa escola e comunidade, é uma pessoa respeitada pelas pessoas mais velha da Aldeia, sempre à disposição para ajudar, mesmo não tendo estudo é uma pessoa sabia, e sabe correr atrás de benefício para nossa escola e comunidade, digo mesmo não tendo estudo, porque hoje depois que a comunidade cresceu, os novos moradores que se diz estudados, não chegam nenhum ao dedo mindinho dele, e nunca desistiu dessa comunidade o ex- cacique Ipê. Sempre lutando contra os órgãos para segurar nossa Aldeia e a Escola, memo com pouquíssimas pessoas que acompanhavam ele na época, ele conseguiu.

Ainda em concordância com a fala acima, a liderança Antônia Maria diz que:

O Ipê foi uma liderança forte na época como primeiro cacique aqui da Aldeia, então continua até hoje como uma liderança, as pessoas respeitam consideram ele como liderança forte aqui na aldeia, por ele ter sido o cacique, também até hoje continua sendo presente na comunidade na escola. Foi o Ipê junto com a Dió que começou todo esse processo da retomada da Aldeia Velha. então a Dió também foi uma moradora importante da comunidade, daqui da comunidade que hoje não tá mais entre nós, mas ela foi muito importante, foi junto com Ipê que foi feita essa retomada da terra, teve outros indígenas, mas ela foi uma das moradoras mais velha que foi encontrado aqui nestas terras, então por isso também foi muito importante aqui nestas terras. Então o Ipê continua sendo na verdade uma liderança. Então além de ser uma liderança ele é muito importante na escola, sempre correu atrás, a escola foi feita através dele na época que era cacique e sempre ele nunca faltou na escola, sempre ele ia da palestra por meninos, na hora que precisa, que as professoras precisam, ele tá lá, ali a qualquer hora a qualquer momento pra poder da uma palestra, qualquer coisa então, ele é muito importante na escola.

O indígena Ipê, com certeza, fez história, porém ele não estava sozinho, como mencionou a parente acima, tivemos outros guerreiros, Dió também foi uma grande guerreira que estava ao lado de Ipê, e as outras famílias que lutaram junto. Dió é considerada pelos parentes Pataxó um símbolo de resistência e também um ponto de referência pois foi na casa

dessa guerreira, na parte baixa da Aldeia onde ocorreram as primeiras reuniões quando da retomada. Então Ipê e Dió são marcos territoriais dessa comunidade. A professora Juciara relata que o Ipê representa tudo, ele é o início. Muitos indígenas que já tinham perdido a sua identidade foram resgatados da cidade por ele. Ensinamos aos alunos em Aldeia Velha, todo respeito e gratidão ao Silvino. Onde todos estaríamos se não tivesse sido feita a retomada do território de Aldeia Velha? Essa liderança foi em busca do reconhecimento dessa terra, juntou algumas famílias e foi à luta e venceu. Em seguida foi à luta, junto com as demais lideranças, de espaço onde as crianças conseguissem estudar. E assim foi, mais uma conquista através de seus esforços. O professor Gilzimar relata que:

O cacique Ipê é uma grande liderança para a comunidade indígena de aldeia velha, pois foi o primeiro cacique né, fundador da comunidade juntamente com outras famílias né, que estavam também presentes para vencer a batalha da retomada né, hoje ele é respeitado na comunidade, os eventos que existe é chamado e graças primeiro a Deus né, as famílias que estavam presentes.

Nesse trabalho de entrevistas, ficou claro o que muitos já comentavam sobre esse guerreiro, mas que precisávamos afirmar e deixar registrado para as futuras gerações saberem quem foi Silvino Lopes do Espirito Santo (Ipê), o que ele fez como líder de um povo em busca de seu território e principalmente sua visão pedagógica do que seria uma escola nesta comunidade. Mesmo sendo tão pouco estudado é um sábio em conhecimento, um verdadeiro livro, e esse livro precisa ser explorada por aqueles que o cercam. A homenagem para alguém tão significativo precisa ser feita em vida pois, depois que esse livro fechar, não adianta mais porque as palavras serão como vento, elas são levadas e esquecidas. Somente a escrita fica.

4.2 Dialogando com os conhecimentos tradicionais e as ciências na escola indígenas, avanços ou conquistas, cuidados e perspectivas no olhar docente.

Falar de conhecimentos tradicionais não é difícil, difícil é fazer esse enlaçamento com a ciência, mas isso se faz presente em nossa comunidade, o professor busca subsídios para dialogar com esses saberes. Um exemplo dessa prática são as aulas de campo, muito utilizadas para embaralhar, misturar e juntar os conhecimentos. Esquematizar sobre plantas medicinais por exemplo, onde é ensinado o tradicional na medicina e ir para o científico onde os alunos aprendem os nomes das plantas cientificamente, porém nesse meio tempo é introduzido o Patxôhã, a língua materna e então, juntos, será aperfeiçoado também o dialeto.



Figura 23- A pajé jaçanã em seu quintal, falando sobre as plantas medicinais. Acervo de uma professora.

Nesta aula quase sempre temos a presença da Pajé, falando sobre o tradicional, e depois esses alunos retornam dizendo o que descobriram como ciência do homem branco. Muitas vezes percebe-se que mudam os nomes, mas a essência é a mesma, só com formas diversificadas de apresentação. Uma das formas que faz melhor o diálogo dos professores com os alunos em relação aos dois conhecimentos é a confiança que o professor transmite aos seus alunos, onde eles se sentem à vontade para dialogar perguntando e participando em meio a tantos conhecimentos, exemplo disso é o que relata a professora Atais:

o professor tem que criar um vínculo de afeto, porque se o aluno não gosta do professor não se sentir à vontade para conversar com ele, o professor não consegue passar uma certa confiança para esse aluno, o que pode acontecer é ele automaticamente bloquear, mesmo porque se tratando de comunidade indígena somos a maioria conhecidos e parentes. Acho isso de suma importância. Até hoje na nossa escola nunca presenciei atenção diferenciada em sala de aula por ser parentes sanguíneo, ao contrário trabalhamos sempre para ser bons, exemplos.

Concordando com a fala acima, a professora Maria Aparecida diz que:

O vínculo indígena entre professor e aluno é muito importante até porque a gente consideramos como a família né, diferente de lá de fora, lá o aluno só vê o professor naquele momento ali na sala de aula. Aqui não, todos os tempos que você tá na rua, que você passa, você encontra sempre com seu professor, você conversa com seu aluno. Então você é um vínculo bem mais ofegante né, entre professor e aluno e isso é importante para a gente.

Os nossos alunos quase sempre comentam que não gostariam de estudar fora da aldeia, porque não conhecem nem os professores e nem os colegas e ficam inseguro em um espaço diferente. Porém percebemos que é só insegurança e que a maioria consegue vencer esse anseio sem problemas. Na verdade, não é só o medo, eles comentam que estudando fora da aldeia não irão participar de todos eventos culturais que tem dentro da aldeia, como por exemplo: passeio dos intercâmbios, passeio do mês de agosto para a Reserva da Jaqueira para

o ritual tradicional do Povo Pataxó o ARAGWAKSÃ, que reúne muitas aldeias e onde ocorrem os rituais sagrados, cantos, danças, casamentos tradicionais e a prática de modalidades indígenas. Então eles ficarão afastados desses vínculos, de momentos culturais com a família, com os parentes nesses eventos que a escola indígena proporciona também fora da aldeia. Percebe-se que a escola já trabalhou todo um contexto sobre escola fora do território, e muitos pensam alto em alcançar novos horizontes. A inquietação deles é em relação a deixar de fazer algo que eles gostam de fazer, que eles acham prazeroso. E essa autonomia de segurança de confiança também é um diálogo constante para o enfrentamento futuro desta criança ou adolescente fora da aldeia. O fazer do professor indígena abrange desde o contexto família, cultura, ciências e acima de tudo aprendizagem, onde eu quero que meus alunos cheguem? O que fazer para ele chegar onde nós almejamos? Percebemos então, que as nossas orientações e questionamentos junto aos alunos criam curiosidades e com isso oportunidade de novos conhecimentos e expectativas do que irão descobrir. Aí entra a coletividade e a sistematização dos saberes tradicionais e, embutidos, os conhecimentos científicos, a partir de uma educação diferenciada e intercultural, através dos projetos interdisciplinares como nos relata a professora Ahnã, os jogos infanto juvenis que nós trabalhamos a questão tradicional através do esporte do Povo Pataxó, as modalidades esportivas, é um projeto interdisciplinar porque envolve todo componente curricular. Desde a divulgação do nome das equipes, daí vem as práticas, que é trabalhar o grafismo que são as pinturas, a produção de artesanatos, os adereços dos alunos e com essas oficinas os pais são trazidos para dentro da escola, fazendo realmente a escola ser comunitária. A culminância do projeto trabalha também a culinária do Povo Pataxó como cauim, bolo de puba, a farinha, e os alunos começam a trabalhar esses conceitos do tradicional e do universal, os professores trabalham a geografia, o espaço, a ciência através de extrair a tinta do jenipapo, a língua materna através dos cantos, também dos traços das pinturas, trabalham matemática na quantidade de material de artesanato, a quantidade de pessoas de comida que é produzida naqueles dias. Então assim a gente contempla todo currículo nosso, dentro do projeto. O currículo traz também o intercâmbio cultural quando os alunos saem da própria comunidade e vão para outras comunidades conhecer a realidade do mesmo povo, Povo Pataxó. E, dentro do intercâmbio, há três pontos que de fundamental importância no contexto do Povo Pataxó: As comunidades próximas ao litoral das praias que sobrevivem da pesca, do artesanato e do turismo; aquelas que vivem mais no centro da floresta por exemplo: Caciana, Boca da Mata, Meio da Mata sobrevivem mais com agricultura criação de pequeno porte; e comunidades perto da BR, que é o caso de Guaxuma, Nova Esperança. Então são criadas temáticas, como território, questões sociais, desigualdade, espiritualidade, sustentabilidade para

serem estudadas e trabalhadas com os alunos e apresentados em seminários. No intercâmbio cultural são trabalhados temas tradicionais e universais, onde o transmitir conhecimento ou compartilhar saberes não fica só entre quatro paredes. A escola é um elo, é um ponto de referência com diz: a liderança Antônia Maria

O objetivo nosso da escola hoje não é fazer como antigamente, mas sim ver a escola como um ponto de referência, é uma referência dentro da aldeia. como é que às crianças vão ficar? Ter de ir pra rua, pra longe, tudo longe. É uma referência hoje principal a escola indígena, a escola ela também representa a nossa cultura né, representa a cultura que é trabalhada, os professores de cultura também trabalham. Então é a referência da cultura e de tudo.

A Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha não é apenas um local de dialogar com os estudos no módulo de ensino das diversas disciplinas, é também um local onde nós, que somos parentes, possamos discutir os nossos anseios que são muitos desde a homologação da terra tais como cabanas para a venda de artesanatos na comunidade onde todos ou a maioria possam sobreviver dos artesanatos, espaço coberto para fazermos oficinas de artesanatos diversos onde os jovens possam ter uma ocupação diária. Queremos garantir o nosso direito principal, que está na constituinte, que é promover, desenvolver e manter nossas estruturas institucionais, os nossos costumes, espiritualidade, tradições, nossas práticas comunitárias de sustentabilidade e sobrevivência das famílias no entorno do território, temas discutidos entre alunos e corpo docente. Como afirma o professor Roberto:

A escola em si, é uma preparação pra a gente tá sempre defendendo nosso território, sempre lutando pelos nossos direitos, sempre adquirindo e fortalecendo o conhecimento entrelaçados entre as famílias, as famílias estão envolvidas na escola indígena, e essa é uma escola indígena, é comunitária, devido todos esses parâmetros, todas essas formas de convivência em que nós estamos ali naquele momento em sala de aula.

A escola envolve toda uma estrutura de sustentabilidade, de sobrevivência que há dentro da comunidade. A ciência transmitida pelos saberes dos nossos anciãos aos seus filhos e netos, a forma específica de como tratar a natureza para que a mesma possa trazer uma melhor alimentação, e a cura através dos remédios que são as ervas plantadas e colhidas em vários quintais existentes na comunidade. A educação comunitária de sobrevivência está em cada família que mora na aldeia é o fruto do trabalho de todos, os pais ensinam seus filhos desde pequenos como adquirir a sobrevivência na comunidade, desde a ajuda da confecção do artesanato até os afazeres da casa. Essa tarefa familiar é compartilhada na escola em oficinas como troca de conhecimento entre os parentes que são os alunos e professores da escola de Aldeia Velha. Para o professor Roberto:

A Educação Escolar Indígena é uma família em si, no prédio escolar junto todos em busca de um fortalecimento maior. Por quê da escola? A escola em si ela é tudo, porque o professor indígena ele também é uma liderança, os alunos também são lideranças.

O professor indígena, por ser liderança, tem uma responsabilidade maior e essa responsabilidade se torna um fortalecimento maior perante a comunidade indígena principalmente por saber de todo o contexto que envolve aqueles alunos, quem são seus parentes dentro daquele território como relata o professor Antonildo:

A diferença no fazer pedagógico do professor indígena está relacionado a seus territórios, sua cultura e tradições. Nós procuramos dialogar de forma a não sair do contexto saberes tradicionais, mas sabendo da responsabilidade de ampliar o conhecimento de nossos alunos.

Em concordância com a fala a cima a diretora Aline diz que:

Nós indígena, a gente tem uma carga muito grande, vamos dizer assim, um peso maior, eu acho assim, não é dizer que nós somos os melhores. Em uma das perguntas que você falou a questão do vínculo. A gente tem por obrigação é fazer aquilo pelo aluno. Porque é o nosso parente, e mesmo que não é de sangue, mais é parente por ser indígena entendeu? Então assim a gente tem um peso muito grande em relação aos nossos pequenos, aos nossos jovens, então assim a gente tem um papel fundamental acredito na vida de cada aluno.

E com esses parâmetros de conhecimento tradicional, a comunidade já observa alguns frutos conquistados pela luta do corpo docente junto com os alunos. Temos vários exemplo de conquista dentre a maior está a construção da nossa escola, o ponto de cultura que chamamos do escritório do cacique onde ali trabalha uma aluna na área de saúde fazendo marcação de exames para a comunidade, e também funciona as associações que trazem benefícios através de projetos comunitários que beneficiam as famílias de Aldeia Velha, e também recebemos benefícios da FUNAI e outros órgãos que ajudam em eventos que acontecem na aldeia, como as doações devido as enchentes e incêndios que acontecem durante o ano. Temos a cabana de reunião que foi fruto da luta da escola. Outro exemplo maior de conquista foi a abertura dos trabalhos de ecoturismo na reserva, ou seja, o local da floresta da nossa aldeia que recebe nossos visitantes ou turistas, um trabalho de fonte de renda para as famílias da comunidade e, nesses trabalhos, nosso corpo docentes e alunos estão sempre presentes na divulgação da nossa cultura Pataxó. Através das entrevistas, percebemos que alguns professores trouxeram na memória algumas conquistas, como diz a professora Atais:

Dos anos de 1999 a 2023, tivemos muitas conquistas, a vinte anos atras ainda estudávamos embaixo de uma mangueira e em uma farinheira com poucas crianças, cadeiras quebradas, quadro a giz quando tinha, um lápis cortado ao meio para dois alunos, sem merenda, com apenas dois professores. Nos anos de hoje, temos uma linda

escola grande, professores todos capacitados, formados, com mais de 200 alunos, diretores, coordenadores, kits escolares, temos EJA, temos impressora, notebook, internet, temos outros programas para ajudar no aprendizado das crianças.

As conquistas aqui mencionadas foram frutos de muito empenho de todos da comunidade que almejavam conseguir um espaço onde os alunos conseguissem realizar suas atividades sem se preocupar com goteiras em sua cabeça ou sol no rosto. Mesmo porque tudo muda, os tempos são outros e precisamos estar engajados na sociedade, tirar documento, o indígena precisa aprender a ler e escrever, para lidar com outros saberes em busca de seus direitos e conquistar sonhos.

Para o professor Roberto:

As conquistas começaram pela infraestrutura da escola que era bem precária em uma farinha, hoje nós estamos em um prédio escolar, tem uma linha de tempo durante esse período né, em que passamos por diversas dificuldades, é a categoria do professor indígena também no estado foi uma luta, também, conquistamos e temos hoje. Era uma escola multisseriado. Nós temos hoje agora três ensinos fundamentais, três níveis de ensino, educação infantil, fundamental I e II, então aí algumas conquistas. Precisamos adquirir mais conquistas, nessa escola, nós temos aí a biblioteca, a parte administrativa que também é uma conquista, no caso a direção escolar a coordenação escolar, os conselhos, a unidade executora da escola que foi de grande importância pra poder atender a demanda da compra de material pra durante o período de ano letivo.

As conquistas foram acontecendo a cada ano de acordo com o crescimento da comunidade, a luta era maior e conseqüentemente os avanços também. Alunos ingressaram nas universidades, alunos se tornaram professores, advogados, enfermeiros, avanços que fazem o professor refletir e buscar mais conhecimentos e, ao mesmo tempo, observar que houveram conquistas significativas para o nosso povo como o reconhecimento da categoria professor indígena estadual, e a língua materna indígena Pataxó ser oficializada como língua cooficial do Município de Porto Seguro.



Figura 24. Documento que estabelece o Patxôhã, a língua materna do Povo Pataxó como cooficial de Porto Seguro. Acervo do grupo EIPAV.

Porém, em meio a todas essas conquistas também aconteceram mudanças no quadro de funcionários na escola, professores entravam saíam, e de acordo com Antonildo: Os principais motivos são falta de valorização, efetivação e, às vezes, por opção.

Para Roberto:

Existem vários motivos que causa mudança em uma escola por exemplo: O grau de escolaridade, professores todos contratados, isso também influencia, também, porque o que mais fala-se é uma educação de qualidade de ensino, mais muitas vezes os professores são mal remunerados. E acaba alguns professores, algumas pessoas que encaram essa profissão muitas vezes desistem né, acaba entrando em outros caminhos, que é o caso do professor contratado indígena porque muitas vezes chega o final do ano, eles acabam conseguindo outro tipo de trabalho entendeu? E acaba abandonando a escola, saindo da escola e trabalhando em outra área porque além de mal remunerado também tem essa questão de escolha por ser uma área de turismo entra em outra área profissional, acaba abandonando a escola.

Como foi relatado pelos professores desta comunidade indígena, são inúmeros motivos para um professor se afastar de seu local de trabalho. Entre elas, atualmente, o nível de escolaridade é o principal porque hoje para qualquer atividade, educativa ou não, é exigido um certo grau de escolaridade. Devido haver muitas pessoas já qualificadas dentro da própria comunidade, isso exige uma certa disputa de cargo e quem está mais preparado assume aquele espaço ou às vezes, não, porque, infelizmente dentro de qualquer instituição existe política e essa política, muitas vezes, favorece, em alguns casos, pessoas não tão bem preparadas profissionalmente. A não valorização salarial também contribui nesse abandono ou saída da escola, porque o professor contratado muitas vezes consegue um emprego melhor remunerado, e aí se afasta. Outros por opção devido a muitos anos de luta resolvem parar e escolher outros

meios. Para o ex cacique Ipê, alguns professores saem da escola por não estarem preparado, como citado em entrevista:

Eu acredito que as vezes nem todos tá preparados pra poder da aula para as crianças né, porque as vezes naquela influencia, ele diz eu sou bom, sou um professor bom, mais as vezes não tem prática né, e aí acha que é fácil, e não é tão fácil né, você sabe disso. Que não é tão fácil se dar com as crianças, e tem o estudo da pessoa também, vez não é elevado o estudo dele. E acabando que ele pode se atrapalhar, o professor pode se atrapalhar né, e aí acaba que sai da sala de aula.

O Ipê, como pai de aluno, é sábio em suas palavras, realmente são várias questões que levam um professor a deixar de exercer seu papel, até mesmo porque não basta apenas formação para exercer o papel de professor, tem que se identificar com a profissão pois ser educador não é qualquer profissão, somos também responsáveis em formar pessoas com características diversas, opiniões, ideias, sentimentos. A educação envolve uma ampla dimensão em vários aspectos. O professor precisa estar bem consigo mesmo para poder fazer um bom trabalho. O Ipê quis dizer que muitas vezes o professor não se identifica com aquela turma, porque tem professor que só gosta de lecionar para os maiores, outros para os menores, isso é uma realidade também aqui em nossa comunidade. Porém o Ipê vai mais além quando parabeniza os professores que estão atuando quando diz:

Os professores estão de parabéns que estão estudando, os professores que estão ensinando né, porque são os profissionais que tá levando as coisas a frente, pra poder as coisas melhorar cada vez mais. Eu tenho que agradecer por tudo que tá acontecendo.

O Ipê, ao mesmo tempo que faz uma observação sobre o professor que não está preparado, ele faz questão de agradecer as profissionais da educação desta comunidade que fazem realmente acontecer levando a frente à educação que os pais acreditam. A fala de Ipê é como vice cacique, mas também como pai, porque ele tem filho estudando na escola e percebe a evolução ou aprendizagem dele. A prova disso é quando ele diz:

Os pais em primeiro lugar devem tá sabendo o que, o que os filhos tá entendendo como é que é o estudo dele lá. Porque as vezes os pais deixar os filhos na escola e não vai ver o que o está acontecendo. vezes tem coisa que não tá certo, e ele tá lá. Se os pais não tá fiscalizando, pesquisando o acontecimento de seus filhos, aí pode ter uma errada e ele não tá sabendo de nada entendeu? Eu acho que todos os pais tem que estar na escola pra saber o que seu filho tá fazendo, se está estudando ou brincando ou alguma coisa está acontecendo dentro da escola. A escola indígena, já é diferenciada neste ponto né, aqui todo mundo é parente.

Para o Ipê é fundamental os pais irem à escola e saber se seus filhos estão entendendo o que estão estudando e, conseqüentemente, aprendendo, pois não é apenas colocar o filho na escola e esquecer. Ele acredita que os pais precisam estar presente na escola porque seu filho pode estar não escola só brincando sem aprendizagem, e os pais devem ficar atento a seus filhos, fiscalizar e pesquisar o que realmente fazem na escola.

4.3 Desafios ainda presentes na escola, como: o concurso público para professores indígenas/ A Produção de Material Didático Indígena

Ainda esse ano está previsto o tão sonhado por nós indígenas, concurso para os professores, o edital praticamente pronto e estamos esperando a publicação do edital até julho ou agosto, com previsão de posse até novembro deste ano, porque ano que vem é eleitoral, senda essa nossa preocupação de acelerar o processo. Já tivemos a primeira assembleia com todos os professores indígenas da rede municipal e representantes de universidades como UFMG, IFBA e UNEB, entre outros convidados da Secretaria de Educação do município representados pelo setor indígena e o jurídico do município. Na pauta foi colocada uma proposta que realmente atendesse as necessidades do corpo docente indígena que há anos trabalham nas escolas com remuneração em forma de contrato, construir um edital com parâmetros ou critérios de pontuação para assegurar e dar o direito de quem vem há anos na luta da educação indígena e, como professor, ter esse direito de aprovação, haja visto que outros concursos do estado não atenderam a nossa demanda. Outro fator importante do concurso que pudesse ter uma metodologia puramente ligada nos processos da história Pataxó e com um diferencial de atendimento em diversas áreas de ensino como também ao nosso idioma Pataxó que chamamos de Patxôhã e assim atender os professores no qual ainda não têm formação superior e atuam como professores da língua materna. A maioria dos professores indígenas da escola de Aldeia Velha já possuem alguma graduação ou licenciatura indígena em diversas universidades, ou seja, estão aptos pra tomar posse numa devida aprovação do concurso e seria um desafio muito grande a conquistar na carreira da categoria do professor indígena, pois são muitos anos esperando esse concurso. Para a professora Juciara: “Já passou do tempo de ter esse concurso específico e diferenciado, que não resolve dizer que tem vagas para indígenas, no entanto não ter nada de indígena quando vão responder as questões.” O primeiro passo foi dado, porém continuamos na expectativa como relata o Professor Gilzimar:

Então existe um avanço enorme para a educação escolar, graças aos primeiros professores e a outros que vieram depois, é que hoje todos estão formados, o que falta para melhorar é um concurso diferenciado específico para as escolas indígenas, os professores formados que já estão a tempo dando aula e que não são efetivos.

A ideia de um concurso específico diferenciado é algo almejado por todos professores indígena já a algum tempo, cada gestão municipal que promete esse concurso cria uma expectativa muito grande em cada aldeia, ser efetivo é uns dos objetivos de estudo do profissional educador. Para a professora Juciara está mais que na hora de acontecer esse concurso, já o Gilzimar diz que falta a efetivação para melhorar já que todos já possui uma formação. O concurso Público seria uma conquista dos povos indígena principalmente no município de Porto Seguro.

Sendo assim os professores da escola de Aldeia Velha junto com seus alunos vão pesquisados assuntos que podem estar inclusos dentro desse concurso como as leis que asseguram a educação indígena, e para tanto utilizamos nossa biblioteca onde nossos estudantes amam estar em buscar de novas descobertas. Os estudantes pesquisam sobre diversos temas, e ali encontram alguns materiais de outros povos indígenas e Pataxó que servem para conhecerem outras culturas além da nossa, porém os materiais são poucos e então seria importante, nós que estamos nas universidades produzir mais materiais didáticos de nossa autoria contando a nossa própria história e assim fortalecer a história do Povo Pataxó. Ainda almejamos a produção de materiais didático suficiente para todos os alunos. Como nos relata Antônia Maria: seria legal se tivesse livros didático indígena para todas crianças”. Em meio a tantos anseios sobre a produção de livros didático o professor Roberto diz:

Precisamos transformar esses trabalhos das licenciaturas das escolas indígenas em materiais didáticos, para ser divulgado. Porque não adianta tá fazendo trabalho acadêmico e ficar engavetado, temos que pegar esses trabalhos e dar uma resposta pra tudo que a gente luta lá na universidade, e trazer esses materiais que é de grande importância para as escolas indígena. Precisamos de ter um suporte maior da Secretaria de Educação, não só do Município, do Estado, do Governo Federal para que possa ser ampliado mais exemplares para ser distribuído entre os alunos das escolas indígenas. Porque nestes trabalhos de materiais didáticos a gente temos muito a trabalhar, porque as vezes, como eu mesmo, na escola, temos uma biblioteca nesta biblioteca temos alguns materiais pouco que seja a gente, precisamos tá sempre trabalhando com esses materiais. Eu já trabalhei é de grande importância que ali temos materiais Tupinabá, do povo Kiriri, Pataxó Hahahãe e até mesmo do povo Pataxó. Então ali tá história da matemática, geografia, tudo referente a tradição costumes, do povo Pataxó, mas também de outras etnias, porque quando a gente fala de uma educação intercultural isso significa que a gente tem que trabalhar também outras culturas, porque faz parte. Isso deve fazer parte do nosso currículo.

Para o professor Roberto nas licenciaturas indígenas, os trabalhos ali produzidos são riquíssimos em conhecimentos tradicionais que podem ser transformados em materiais didáticos para serem trabalhados como formas de conteúdo. Os Municípios e Estado podem produzir exemplares para todos alunos das escolas indígenas. Ele ainda enfatiza que na biblioteca da comunidade existem alguns materiais de outros povos e até mesmo do Pataxó. Porque temos que trabalhar outras culturas, e isso deve estar no currículo. Sendo assim o professor Roberto vê a importância dos trabalhos acadêmicos e anseia que os mesmos estejam em forma de materiais didáticos disponíveis na biblioteca de sua escola.

Sem dúvidas ainda lutaremos para alcançarmos alguns desafios entre eles, uma Escola só da educação infantil com um espaço onde as crianças fiquem livre para as brincadeiras. Porque atualmente como a escola fica no centro da aldeia e não é limitada por cerca, existe perigo de acidentes devido motos e bicicletas estarem trafegando em frente à escola. De acordo o ex cacique Ipê:

Temos que ter cuidado porque criança é criança, e outra que tem muitas pessoas que aves tem a moto, carro e as vezes dirigem mais não tem atenção e eu acredito que cada um fazendo a sua parte evita os problemas, mais cada um tem que pensar o melhor pra comunidade e por aluno.

Por isso a importância de um espaço específico principalmente brincarmos com as crianças, fazermos nossos rituais em momentos longe do perigo e até mesmo nos dias chuvosos. Para Atais precisamos conquistar muito mais:

Precisamos conquistar o ensino médio, uma creche, uma quadra esportiva, uma sala para professores, um teatro, o fechamento ao redor da escola, mais capacitação para os professores.

A conquista de capacitações para os professores indígena, é devido as mudanças ocorridas ultimamente em relação a BNCC, e principalmente em relação aos diários eletrônicos que foram nos impostos e estamos em processo de adaptações, já que atualmente nas escolas indígena de Porto Seguro também foi aderido o sistema eletrônico municipal, no qual precisamos nos atualizar senão ficaremos esquecidos já que a tecnologia já faz parte da realidade do Povos Pataxó dessa aldeia. Neste sentido acreditamos que as capacitações são favoráveis, já que as próprias universidades requerem um certo conhecimentos dos estudantes indígenas em relação aos conhecimentos tecnológicos para avançarem em seus trabalhos acadêmicos. Quando a professora Atais fala de creche, quadra esportiva ela está pensando em algo que envolva os adolescentes não só em nossa cultura, mas em outras atividades que mantenham eles por perto, também um apoio físico no momento de nossa festividade, onde já serviria com dormitório para os parentes de outras aldeias.

4.4 Construção do currículo da escola indígena respeitando a cultura indígena como o que se pode nomear de “Sambaquis curriculares”

Nesta pesquisa, apresento os sambaquis curriculares como forma de representar a cultura indígena da Aldeia Velha e conseqüentemente o currículo. Aqui fica claro, através da pesquisa, que as ações feitas na escola, como a principal que foi a idealização dos jogos indígenas infanto Juvenil em 2009 pelo professor Txaywã, podem ser representadas como um sambaqui porque passar a fazer parte do currículo. Daí a importância todos os anos na escola de Aldeia Velha, havendo uma organização por todos da escola e comunidade, além de outros parceiros fora da aldeia que ajudam a acontecer essa verdadeira manifestação cultural, tão esperado por todos tornando-se um patrimônio imaterial para a comunidade de Aldeia Velha. Todas as questões pedagógicas da escola estão envolvidas nos jogos infanto juvenil, desde a confecção dos materiais usados pelos alunos e professores da escola até a forma de avaliação é envolvida nas práticas durante o percurso que antecedem as apresentações das equipes na arena, local das modalidades dos jogos. Os intercâmbios com outras escolas tiveram início em 2002 com a Escola Projeto Vale Verde, depois Escola Gira Mundo em Trancoso, Escola Brigadeiro Eduardo Gomes e a nossa grande parceira a Escola CEAD, de lá até hoje não paramos. Porém, a partir de 2013, por uma inquietação da professora Ahnã passou a ser realizada também nas aldeias durante o ano letivo e esse trabalho percebe-se que é um marco para a comunidade e faz parte do currículo. Nesta pesquisa passamos a denominar sambaquis curriculares que significa a representação cultural do nosso Povo Pataxó muito importante que permite a busca pelo conhecimento da história de outras comunidades Pataxó e o seu modo de viver em seu ambiente local e diferente para que os alunos de Aldeia Velha possam conhecer outras realidades da nossa história.



Figura 25. Os jogos infanto juvenis, nossos adereços.

O mês de abril é importante também, porque comemoramos no dia 29, a festa da retomada da aldeia e o cacique se reúne com os professores pra ajudar na organização e receber os visitantes de outras aldeias e de escolas não indígenas de Arraial d'Ajuda que vêm comemorar esse grande dia que foi a conquista do território. Essa hereditariedade é compartilhada na escola em oficinas como troca de conhecimento de criação dos artesanatos, confecção do cocar, onde entra a matemática como, por exemplo, para saber a quantidade de penas, utilizar o espaço da linha para cada pena, em geografia no espaço que se encontram essas matérias para produção de artesanato, português que é a escrita desses materiais e a língua materna que é a escrita no Patxôhã, além da história entre os parentes que são os alunos e professores da escola de Aldeia Velha. Esses sambaquis curriculares, que são nossa história, nossas pinturas, adereços, a própria língua, nossas lutas na comunidade, movimentos sociais, políticos vão se transformando em aprendizagens para a formatação do currículo que queremos para nossa escola, são segmentos tradicionais e pedagógicos indígenas que farão a atualização do PPP da escola, metodologia como aula de campo que permite trabalhar com a interdisciplinaridade e que ajuda a estimular os sentidos de forma lúdica, desenvolvida pelo professor indígena na comunidade. Currículo, para nós povos indígenas, é algo amplo, porque é a organização de ações diárias que possibilitam novas ideias, como uma criação de um artesanato inédito que ninguém nunca viu e a partir dessa obra de arte começa ser compartilhada na escola e copiada na comunidade. A diretora Aline define o currículo como algo muito amplo.

Eu acredito que seja algo muito amplo né, em que a gente tenta resumir né, em poucas palavras, mas a gente saber currículo vai além, da sala de aula, e que a gente da escola indígena não fica apenas em quatro paredes né, nós trabalhamos tanto o tradicional, quanto o científico né, então a gente tenta o máximo que a gente pode trazer as questões tradicionais pra dentro da sala de aula e isso é que nos fortalece. E que nos ajuda a fortalecer a educação e o nosso currículo né, é o tradicional do nosso povo.

Atais acredita que:

o currículo é uma forma de nos atualizar sobre os conhecimentos, onde nós temos autonomia de resolver qualquer decisão, já que nós somos uma escola que envolve a comunidade e somos diferenciadas, a prova disso é o calendário escolar que pode ser refeito de acordo a nossa especificidade.

Queremos aqui ilustrar a presença cultural e ancestrais desse Povo Pataxó dentro de um contexto territorial marcado pela longa trajetória de vida, em um espaço imposto desde a invasão dos portugueses ao Brasil.



Figura 26. Nossos grafismos, pintura corporal e nas paredes. Acervo as duas primeira da autora e a última de Txaywã.

O espaço escolar que, mesmo sendo construída dentro de um território indígena, precisa ser transformado saindo da assinatura dos brancos para construir assinatura indígena, que são os sambaquis culturais, as mudanças e transformações construídas ao longo do tempo por esse povo guerreiro, resistente, chamado Pataxó. Essas assinaturas indígenas que os professores foram construindo, transformando por professores educadores, realmente fazem as coisas acontecer, que são mudanças de calendário que é uma assinatura indígena do currículo da escola, há adaptações como por exemplo: Mês de abril, de 17 a 20 semana dos jogos indígenas em Porto Seguro, no mesmo mês dia 28 e 29 festividades Aldeia Velha, agosto de 08 a 10 intercâmbio cultural com passeios a outras aldeias, setembro de 06 a 08 seminário intercultural, dezembro de 04 a 08 Jogos infanto Juvenis.

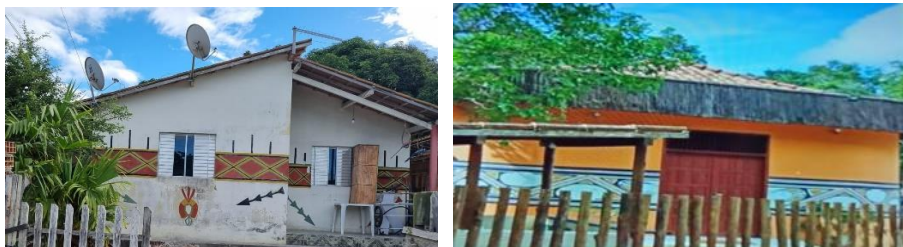
Figura 27. Calendário escolar com nossas adaptações. Acervo EIPAV

Vamos, assim, substituindo a assinatura do branco para assinatura indígena, tecendo cada fragmento aqui representado pelos sambaquis, um patrimônio imaterial do Povo Pataxó, a festa em comemoração à retomada do território, jogos infanto juvenis, danças que chamamos awê nos momentos festivos, culinária que são bolo de puba, tapioca, beiju e outros derivados da mandioca, plantio de gêneros alimentícios como batata, amendoim, inhame e araruta, peixe na patioba, bebida como cauim, pesca e tudo mais que represente a nossa identidade nossa marca, que vão formando esses sambaquis, que vai disputando currículos, construído os sambaquis curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. A disputa por

mais aulas indígenas no currículo, por diários com nossas especificidades, onde os sábados letivos que são feitos à noite sejam aceitos, registrados de acordo com as regras impostas pelo calendário do branco. Como noites culturais, onde os anciões contam seus casos ou qualquer outro evento que envolvam crianças e comunidades no turno proposto. Constrói-se a escola que praticamente vem com a retomada territorial, mas precisamos fazer uma escola diferenciada onde fique claro os nossos sambaquis dentro do território escolar, com a nossa indigeneidade, transformando paisagem como nos relata Balée

paisagem arqueológicas terrestres e marítimas nessas regiões foram criadas pelos ancestrais dos povos a que hoje nos referimos como indígenas, ou povos indígenas. Com a globalização, o exato significado e identidade de indigeneidade é frequentemente subordinado a critérios e valores locais. WILLIAM, BALÉE, (2008, p.20)

Assim sendo nós, professores e professoras, fomos construindo dentro do território da escola os sambaquis semeando e marcando território cultural nesse espaço. Os traços feitos nas paredes.



Figuras 28. Traços feitos nas paredes. Acervo autora.

Música cantada no início da aula, oração na língua materna e no português:

KANÃ PATAXI PETÕI

BAYXUTXE NAAHÃ POKÃYARÉ

AHNÃ PETÕI PUHUY

AHNÃ PETÕI AKUÃ

AHNÃ PETÕI SARA DXAHÁ TXÓP HARÉ (2x)

KAHAB'TXÊ SIRATÃ (3x)

DXAHÁ' UMIP APÔY MAYÔ 2(x)

Versão na língua Pataxó, Matalawê

Tradução:

Na Minha aldeia tem,

beleza sem plantar,
 eu tenho o arco,
 eu tenho flecha, eu tenho raiz para curar. 2(x)
 Viva Jesus, (3x)
 que nos vem trazer a luz. 2(x)

As músicas indígenas que são cantadas ao iniciarmos a aula no nosso cotidiano, a presença dos anciões na escola falando sobre os animais a floresta a cultura, a importância da preservação, o processo da retomada do nosso território, as datas festivas da nossa comunidade, porque ela é importante na reafirmação cultural de que esse território foi conquistado com lutas e sofrimentos e que isso deve ser lembrado para damos valor aos nossos antepassados, e intercâmbios culturais são ações que envolvem a cultura nas aldeias Pataxó, que estão relacionados à cultura de vários povos principalmente a nossa onde a escola realiza seminários depois dos intercâmbios, geralmente o assunto desse seminário é sobre o território, cultura, meio ambiente e sustentabilidade, da aldeia visitada, socialização das experiências com os colegas que não foram, além de ser avaliativo.



Figuras 29- Seminário Cultural, realizado depois de cada intercâmbio nas Aldeias. Acervo Fatima.

Na escola, há a produção de artesanatos no mês dos jogos indígenas infanto juvenis envolvendo toda a escola e comunidade.



Figuras 30- Confeção de adereços para ser usados nos jogos infanto juvenis na aldeia.

Acervo a primeira à esquerda é de Wayhana, e a segunda de Puhuy.

Com o passar do tempo tudo muda, as paisagem, as pessoas ficam mais experientes, Kitok, (menino) e Kitok,ihé (menina) nascem, crescem constroem famílias, idealizam um futuro onde os territórios não serão mais invadidos pelos posseiros ilegais que acabam com a natureza e consequentemente destroem o nosso bem maior que são as nossas nascentes e florestas, tudo isso faz parte do território escolar, desses sambaquis que também são espaço culturais. Assim, precisamos a cada dia ir entrelaçando sambaquis em cada cantinho dentro desse espaço territorial que é a nossa sala de aula, onde curumins fazem interação através de awê “dança” palavras no patxôhã, língua materna, movimentos e disputas desse espaço territorial chamado escola. Ainda em concordância com Miguel Arroyo (2011, p. 12)

Há muitas vidas lá fora, também há muitas vidas disputada nas salas de aula. Há muitas disputas lá dentro e muitas disputas fora sobre a função da escola e sobre o trabalho de seus profissionais. Sinal de que o território da escola ainda é importante para a sociedade e sobretudo, para as crianças, os adolescentes, os jovens e adultos populares e para seus profissionais. A escola é disputada na correlação de forças sociais, políticas e culturais. Nós mesmos, como profissionais da escola. Somos o foco de tensas disputas. Bom sinal. Quando os controles gestores se voltam contra os profissionais é sinal de que estes ‘estão se afirmando mais autônomos nas salas de aula e no ensinar-educar.

No decorrer da pesquisa, nomeia-se de sambaquis curriculares tudo que representa a cultura Pataxó, quando se trata do mangue que aqui existe, dos fornos antigos, cerâmicas, nascentes, os jogos infanto juvenis, os intercâmbios culturais são patrimônios imateriais, além dos sambaquis. Denominamos sambaquis culturais representando nossas lutas, movimentos sociais, questões de sobrevivência afirmação cultural, confirmaram nossa existência, posse e atuação neste território desde tempos remotos e faz referência à história de nosso povo que pode inspirar também o investimento e a retomada em currículo escolar propondo adequações culturais.



Figuras 31- vestígios arqueológicos que comprovam que nesse território existiu e existem presença indígena. Cerâmica, sambaquis, Forno antigo. Acervo Puhuy.

Mas o que é o currículo escolar? São as ações transformadas em conteúdos e esses conteúdos serão estudados através das atividades que serão realizadas com os alunos, para promover aprendizagem. Na Escola Indígena os conteúdos são enlaçados entre o conhecimento tradicional e o ocidental. Isso envolve a prática pedagógica, que é a base, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento de caráter normativo e que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. O currículo é um documento que deve estar no Projeto Político Pedagógico da Instituição de ensino e é formado pelas ações da escola onde envolve todo um contexto cultural específico e diferenciado de acordo a cada realidade de cada comunidade ou região, porém envolvemos o conhecimento cultural que são distribuídos em disciplinas, e nas disciplinas fazemos a junção tradicional e ocidental, preparando o aluno para o mundo fora da aldeia e também para as questões territoriais e comunitárias que envolvem o nosso contexto escola, família, comunidade, lideranças e cacique, quem sabe preparando esse jovem para um futuro cacique. Todo esse contexto está dentro do currículo escolar. Que respeitosa e, denominamos de sambaquis curriculares dando uma ênfase a ancestralidade cultural, identidade étnica, em uma cultura viva em movimento, dentro e fora da aldeia, pois que representamos a cultura Pataxó, em cada espaço que estamos ou passamos deixando a nossa assinatura ou marcando território através de uma pintura, um adereço, uma ação, uma palavra.



Figuras 32- Traços que nos identificam como um povo, ação coletiva, Palavra Patxôhã. Acervo da autora as duas primeiras, as duas últimas de Aline

A língua materna nos identifica como um povo e é parte do currículo, ou melhor, é a chave do currículo indígena. O próprio indígena é a representação do currículo indígena

porque ele é referência, onde a cultura é visualizada pelo aluno no próprio professor, seja na pintura nos adereços, na forma de ser do professor indígena.

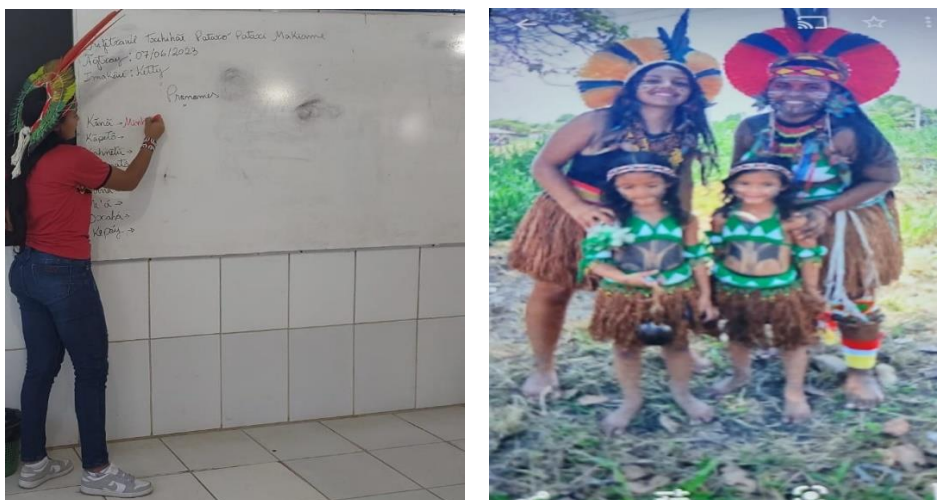


Figura 33. Professora em seu cotidiano marcando seu espaço escola com seus adereços. Professora e mãe de alunos nas atividades coletivas.

Os indígenas de Aldeia Velha, consideram o Patxôhã como a sua primeira língua, entretanto isso não é verdade, já que a língua mais utilizada e ensinada na escola é a portuguesa. Apesar de nossos esforços, ainda teremos que trabalhar muito, para que o Patxôhã seja oficialmente nossa primeira língua, já que na escola indígena da comunidade, a carga horária da língua materna (Patxôhã) é menor que a carga horária da língua portuguesa. Segundo a diretora Aline:

Consideramos o patxôhã como nossa primeira língua, mas não é, nossa primeira língua é o português. Porém trabalhamos para que o patxôhã seja a nossa primeira língua, buscamos fortalecer e ensinamos os nossos alunos como primeira língua. Nós temos uma carga horária menor devido a língua materna não ser nossa primeira língua, a gente considera o patxôhã a primeira língua, era uma hora aula, passou a ser duas, com o tempo vamos introduzindo. Na verdade, é mais porque não trabalhamos a língua materna só na disciplina, trabalhamos em todas disciplinas, então a gente considera que tem mais hora aula dentro do nosso currículo porque não trabalhamos separado.

Percebe-se que o Patxôhã é trabalhado em todas as disciplinas, porém, como hora aula, como documento ou registro, o horário é inferior. A inquietação dos professores é que realmente seja registrada com o mesmo número de aula a disciplina da língua Patxôhã e portuguesa. Como nos relata a professora Atais quando perguntado sobre a importância do Patxôhã como disciplina, disse que:

O patxôhã é uma disciplina importante porque ela tem que ser nossa principal língua, uma vez que somos indígenas, não concordo em relação a carga horária pra mim ela tem que ser importante e usada tanto quanto o português. E pra fazer esse currículo

melhorar na minha opinião é ensinar os adultos em vez das crianças. Porque não são os pais quem desde pequeno ensina seus filhos a falar? Então uma vez que os pais aprendessem poderia já ensinar as crianças.

Concordando com a fala acima, o professor Antonildo diz que:

O Patxôhã, língua de guerreiro, a língua materna no caso o patxôhã, particularmente costumo dizer: que é a nossa identidade e também uma das disciplinas mais importante na educação escolar indígena pataxó. Mas que é preciso ganhar mais relevância, principalmente na carga horária para que não continue sendo inferior a língua portuguesa.

O dialeto indígena, mesmo dentro da nossa comunidade, com o passar dos anos vem sendo pouco utilizado. Isso se dá pois, com o passar dos tempos, fomos perdendo aos poucos a nossa identidade, aderindo novos costumes, e assim a língua portuguesa passou a ser a primeira língua. Para os entrevistados acima, a disciplina Patxôhã é muito importante, e sua carga horária não deve ser inferior a disciplina da língua portuguesa. Outra forma de tornar o Patxôhã a linguagem mais falada dentro da comunidade, seria que os pais ensinassem a língua materna para os seus filhos, não sendo necessário apenas esperar pela escola, já que a carga horária é incompatível com o tanto que deve ser ensinado. Fato importante é que a língua que utilizamos denota de onde viemos, sendo assim extremamente importante para a afirmação de uma cultura. Mesmo em meio a tanta inquietação neste mês de abril passamos a ter a nossa língua materna com língua cooficial do Município de Porto Seguro o que certamente nos ajudará a aumentar nossa carga horária e aumentar a nossa responsabilidade como professor indígena para no futuro próximo, nós e nossos alunos possamos ser falantes ativos do Patxôhã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa sobre a história da comunidade e da educação escolar indígena do Povo Pataxó de Aldeia Velha, que surgiu dos anseios de registrar essa história por medo que ela se perca no tempo, procurei destacar a temática tão importante para nossa comunidade que é o currículo indígena, onde comunidade e escola e professores estão envolvidos diretamente. Essa pesquisa foi registrada, em alguns momentos, a partir da minha própria convivência e experiência na comunidade, onde moro desde o ano 2000 e leciono desde 2001. Porém, para dialogar com ideias e conhecimentos diferentes, busquei fazer entrevistas com professores e lideranças. Em toda essa expectativa, apresento, nestas considerações finais, um apanhado geral desta pesquisa.

Iniciei o primeiro capítulo fazendo um panorama histórico sobre o esboçado na introdução. O objetivo na primeira seção foi contextualizar a fundação da Aldeia Velha, sua história, a retomada do território que hoje habitamos, algo sagrado por todos nós Pataxó. O crescimento populacional dessa comunidade e seus impactos, os desafios e conquistas da mesma, relatando também, ainda que brevemente, sobre os dois recentes anos em que sofremos grande impacto na comunidade por conta da pandemia do Covid-19, sucessivos incêndios e enchentes em nosso território.

No segundo capítulo, trago informações sobre a origem de nossa Escola e a contextualização da escola e cultura; como estão ligadas, a história da escola a comunidade, as dificuldades para fundação da escola, além de trazermos uma breve história sobre a trajetória dos professores em relação suas formações no contexto da educação escolar indígena dessa comunidade, e no Brasil. Também neste capítulo apresentamos sobre a nossa cultura tradicional e suas transformações porque sabemos que ela não é estática e vem apresentando sucessivas mudanças e apropriações.

No terceiro capítulo, apresento Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. Temos feito o enlaçamento da cultura Pataxó com a cultura do não índio em busca de marcar o território curricular da escola indígena como uma escola onde nossa cultura está presente em cada cadinho de aprendizagem. No quarto e último capítulo, o resultado das entrevistas que mostram as necessidades e o embasamento de como colocar em prática os Sambaquis Curriculares sem deixar em detrimento os conhecimentos e objetivos determinados pelo MEC. Desde o início da pesquisa percebi que é relevante o trabalho que o corpo docente desta escola vem desenvolvendo. Trata-se de atividades e exercícios pensados para que sejam desenvolvidos pelos alunos em sala de aula, ou em sua casa, e que levam em consideração o contexto indígena, ora da língua, ora da questão escrita, que estimulam o conhecimento da nossa cultura originária como, por exemplo, o reconhecimento dos frutos ou dos animais que estão em nossa reserva, de nossos acessórios e práticas culturais. Assim, pretendo que o material utilizado em nossa Escola tenha também a possibilidade de colocar em evidência imagens de nosso cotidiano e de nossos valores como etnia.

Esta pesquisa foi de grande importância para a construção de um registro relevante da Educação Escolar Indígena Pataxó de Aldeia Velha, onde percebe-se que tem avançado em vários sentidos especificamente nesta comunidade, onde constrói-se um currículo vinculado com as vivências do Povo Pataxó. Através desse trabalho, espero ter contribuído com essa

reflexão sobre a construção desse currículo junto aos profissionais educacionais e comunidade, onde as crianças indígenas precisam ser protagonistas desse currículo. Pensar currículo indígena é também pensar na criança indígena. O nosso Currículo precisa ser reformulado junto ao Projeto Político Pedagógico - PPP, e colocado em evidência de fato. Conclui-se que queremos um currículo fixado com nossos ideais e de acordo nossa realidade, e que os professores entrem como agentes transformadores sociais, onde caberá a eles a reformulação e fixação de fato do currículo junto ao poder legislativo municipal de Porto Seguro.

Espero ter conseguido dar aos leitores uma visão sobre a Comunidade Indígena Pataxó, reconstituição do território, a escola onde a educação escolar indígena e o currículo estão em constante evidência. Aos parentes, particularmente, espero ter conseguido colaborar nas questões que estão em reformulação na comunidade, escola e currículo e que fique evidente que a educação escolar indígena faz enlaçamento com as demais culturas, e ciências em prol de uma educação comunitária onde apoiamos para aprendermos nossos direitos e deveres, que são as relações dos conhecimentos científicos com os indígenas, uma está ligada a outra porque precisamos conhecer e interagir com o mundo fora da aldeia. E mostramos para todas as comunidades que existimos, com diferenças, porém capazes porque somos seres pensantes. Espero que essa pesquisa contribua para uma ampla reflexão dos profissionais da educação, sobre o currículo Pataxó especificamente de Aldeia Velha. Poderia falar muito mais sobre os Pataxó de Aldeia Velha e até mesmo das dificuldades em organizar tudo o que foi registrado durante esses anos de experiências na escola e na comunidade onde foi feito um trabalho de campo para coletas de dados com os entrevistados, porém muitos registros aqui relatos foi por experiência e convivência com meu povo.

Os Pataxó se encontram em constante busca de novos conhecimentos, dispostos a contar sua própria história, minha ansiedade e expectativa é que essa pesquisa traga novos horizontes para essa comunidade. Por fim dizer que nomear, com todo respeito, a nossa cultura como “Sambaquis Curriculares” foi a partir das observações e respostas dos entrevistados de como iam tecendo, construindo e marcando espaço territorial e de disputa dentro desse espaço chamado escola, onde está evidente a cultura Pataxó no fazer cotidiano dos nossos alunos, dos professores e comunidade e, dessa forma, construindo também o currículo escolar que existe e é próprio, diferenciado e específico. Não basta apenas a nossa comunidade ou nossos parentes de outras Aldeia saberem que eles existem e sim ser evidenciado por todos. A proposta final é reformular e, através de registro, constar no documento oficial, que é o PPP - Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena de Aldeia Velha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M. E. **Etnografia da prática escolar**. 18.ed. Campinas: Papyrus Editora, 2018, 21p.
- ARROYO, M. G. **Currículo, Território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011
- BALÉE, W. Sobre a Indigeneidade das passagens. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v21, n.2, p. 09-23. 2008.
- BANIWA, G. S. L. O Índio Brasileiro: O que você precisa saber sobre os Povos Indígena no Brasil de hoje. **Série Vias dos Saberes nº1 Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Brasília: LACE/Museu Nacional, 2006.
- _____. **Educação Escolar Indígena: Avanço Limite e novas perspectivas**, Goiânia, set/out, 2013.
- BAHIA, Secretaria da Educação. **Professores indígenas, povo pataxó-leituras Pataxó: Raízes e vivências do povo pataxó nas escolas**. Secretaria da Educação- Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. & DETTONI, R. **Diversidades linguísticas e desigualdades sociais**. In: COX, M. I. P. & ASSIS-PETERSON, A. A. (org.), *Cenas da Sala de Aula*, Campinas: Mercado das Letras, 2001, pp. 81-103
- PETERSON, A. A. **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.
- BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa: Significados e a razão que a sustenta**. Unesp- Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2021.
- BRASIL, R. **Referência Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério de Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- BRASIL, **História do Povo Pataxó (Versão Preliminar)**. MEC/ ANAI/PINEB. 2003.
- BRASIL, DIÁRIO OFICIAL / 2007ISSN-1677-7042nº114, 17 jun. 2008, Seção 1.p.21.
- BRIGHENTI, C. A. **Entre o Universo e o Específico na construção da educação escolar indígena**. Cuiabá: Mercado de Letras, 2017.
- CARVALHO, I. M. **Professor: Um educador ou um índio educador**. Campo Grande: UCDB, 1998.
- CONCEIÇÃO, Maria Aparecida Alves da. **História da Aldeia Velha**. Monografia de Conclusão de Curso de Formação Para Professores Indígenas da Bahia.2003.
- Coordenação de Pesquisa da Língua e História Pataxó- ATXÔHÃ- **Cartilha de Patxôhã** 2012
- DCRM- **Documento Curricular Referencial Municipal**, volume VII, Educação Escolar Indígena. Prefeitura Municipal de Porto Seguro. Secretaria Municipal de Educação, Cultura e patrimônio Histórico 2022.
- FERREIRA, Au. B.H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2011.

FELIX, N. C. O. **Formação de Professores e a Educação Escolar Indígena: Desafios e Contradições da diversidade na Atuação Docente**. Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação/ISSN, 25 28 ago. 2021.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. Janeiro de 1998

LINS, A., FOTURNATO, I. **Formação Inicial de Professores Indígenas. TESES e DISSERTAÇÕES 2010-2017**. Olhar de Professor, Ponta grossa,21(1):47-57,2018.

MARTINI, C. M. **Educação Escolar Indígena no Brasil: análise das mudanças de paradigmas a partir do contexto histórico, socioeconômico e político em que foram idealizadas e ganharam materialidade**. Revista Panorâmica, 2018.

MEIRELES, J. M. R. O contexto da educação escolar indígena brasileira. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais-RBHCS**, Vol.12 Nº 24, jul./dez. ,2020.

PEDREIRA, H. P. S. Aldeia Velha, “nova na cultura”: reconstituição territorial e novos espaços de protagonismo entre os Pataxó . **Caderno de Arte e Antropologia. Porto Seguro, vol 2, 2, 2013**.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, p.122, 2007.

SAMPAIO, J. A. L. **Pataxó: Retomadas na rota do quinto centenário**. Pp.715-721 in: Ricardo, Carlos Alberto. Povos Indígenas do Brasil: 1996-2000. São Paulo: Instituto Socioambiental.

SANTOS, Marialva Dias do. Aldeia Velha, A Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha: Especificidade e Evolução Histórica. Monografia apresentada na Licenciatura Intercultural Indígena- LINTER-2018.

SOARES. J. **ERGOAVALIAÇÃO: a avaliação educacional sob novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 5-6, 201-4.

SOBRINHO, R. S. M. **A Educação Escolar Indígena no Brasil: Uma Análise Crítica a partir da Conjuntura dos 20 anos de LDB**. Salvador: Novo Horizonte, 2019.

TEIXEIRA, I. A. C.; PÁDUA, K. C. **Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa**. [São Paulo], Via Brasil, 2020.

TROQUEZ, M. C. C. **Educação Escolar Indígena no Brasil: Por uma Revisão de Conceitos, de Políticas e de Práticas**. Horizontes- revista de Educação, Dourados, MS, v. 3, n. 4, jul / dez ,2014.

Uma História de Resistência Pataxó [organização] Professores Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista; CESE, 2007. 68p.: il. (Coleção Nosso povo, nossa história). Material elaborado nas duas etapas das Oficinas de Produção e Edição de. Histórias Pataxó- Projeto ANAI/MEC/PINEB, 2002.

<https://funai.Gov.br/noticias> <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 29 set. 2022.

<http://superintendenciaindigena.blogspot.com/2012/10/localizacao-das-aldeias-pataxo-do-sul.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 12 mai. 2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=mrPseQ9j7jg>. Acesso em: 20 set. 2022.

APÊNDICE A- Produto final

MARIALVA DIAS DOS SANTOS (MAYNÁ PATAXÓ)

Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

FaE
Faculdade de Educação

PROMESTRE

MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAE

**PROMESTRE MESTRADO PROFISSIONAL: EDUCAÇÃO E
DOCÊNCIA**

Este produto foi elaborado com base nos resultados alcançados na dissertação intitulada "**Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha – Arraial d’Ajuda – Bahia - Brasil**", quesito obrigatório à conclusão do Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta dissertação foi orientada pelo Professor Doutor Charles Moreira Cunha.

MARIALVA DIAS DOS SANTOS

Belo Horizonte/MG - 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAE
MESTRADO PROFISSIONAL: EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA
LINHA DE PESQUISA: TRABALHO E EDUCAÇÃO
MESTRANDA (O): MARIALVA DIAS DOS SANTOS
ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR CHARLES MOREIRA CUNHA

OS SAMBAQUIS CURRICULARES DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE ALDEIA VELHA

Este produto “Os Sambaquis Curriculares da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha” foi elaborado com base nos resultados alcançados na dissertação intitulada “A História da Comunidade e da Educação Escolar Indígena do Povo Pataxó em Aldeia Velha- Arraial d’Ajuda- Bahia. Brasil”, quesito obrigatório à conclusão do Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. Orientador: Charles Moreira Cunha.

OS SAMBAQUIS CURRICULARES DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA




OS SAMBAQUIS CURRÍCULARES DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE ALDEIA VELHA

História, Comunidade, Escola, Educação Escolar Indígena, cultura e currículo



Fotos: a primeira e a última a direita da pesquisadora, a do meio arquivo Ahnã, a última a esquerda arquivo de Wayhana.



A presença da Cultura Pataxó se encontra em evidência em cada espaço da comunidade de Aldeia Velha e da Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. O currículo escolar é fundamentado pelo patrimônio imaterial e imemorial do Povo Pataxó, representando uma assinatura territorial onde os sambaquis são retratados como algo importante e de grande marco para esta comunidade. Outros bens imateriais que são evidenciados na escola são os fornos antigos, o manguezal, os campos, a mata nativa, os adereços, as pinturas, o grafismo, os cantos e as danças que são trabalhados pelos professores no dia a dia, além das modalidades de jogos indígenas que são zarabatana, corrida de maracá, arco e flecha, corrida de tora, cabo de guerra e lançamento de tacape. Todos esses traços culturais estão presentes neste espaço chamado escola onde, aqui, nesta comunidade, foi construída com o objetivo de fortalecimento cultural e elo entre escola-comunidade e comunidade-escola. Esses sambaquis que, ao olhar de alguns, simplesmente diriam que são apenas um montante de ostras, enganam-se. Representam luta e união de conhecimentos juntando fragmentos e formando resistência desse povo com sua assinatura territorial cultural, específica e diferenciada, representada pelos Sambaquis Curriculares, porque estão presente no currículo, onde a história da comunidade faz enlaçamento com todas as ações presente na escola e vice versa. Ainda salientado que todos esses enlaçamentos são constantes no fazer pedagógico dos professores desta comunidade que dialogam com esses conhecimentos junto aos científicos, em buscam de preparar o aluno para a vida dentro e fora da aldeia.

A Escola Indígena de Aldeia Velha está, atualmente, no cenário dentre outras comunidades indígenas, em terceiro lugar, sendo que a primeira em tamanho e números de alunos está a escola da comunidade de Barra Velha e em segundo, a de Boca da Mata. A Escola de Aldeia Velha é de pequeno porte com número que oscila durante o período do ano letivo. Um grande desafio a enfrentar é a saída de alunos que os pais colocam para estudar em Arraial d`Ajuda, no Ensino Médio. Atualmente a nossa escola está toda reformada para o período do ano letivo de 2023. Localizada no centro da Aldeia, atende uma demanda de 270 alunos distribuídos em Educação Infantil, Fundamental I e II. Ao lado da escola há uma arena pra realizar os jogos indígenas, que faz parte do calendário escolar e ações que pertencem aos Sambaquis Curriculares e próximo, há o início de uma construção de uma quadra que passou por várias gestões da Prefeitura Municipal de Porto Seguro e, até o presente momento, a

obra não foi concluída. Esse espaço seria usado para os eventos da aldeia no caso de época de chuva, além da prática de esportes e os jogos indígenas que acontecem todo ano. Nosso corpo docente e administrativo, em 2023, é composto de 30 funcionários, sendo que a maioria são contratados e nesse percentual apenas três docentes e um administrativo são concursados. Esse problema de contratação ocorre em todas comunidades Pataxó no Município de Porto Seguro. O tão sonhado por nós, concurso para os professores indígenas está previsto para esse ano de 2023. O edital está praticamente pronto, todos na expectativa da publicação até o final do ano, visto que 2024 é um ano eleitoral. Tivemos a primeira assembleia na Aldeia Barra Velha nos dias 08,09 e 10 de fevereiro deste ano com todos os professores indígenas da rede municipal e representantes das universidades como UFMG, IFBA e UNEB, entre outros convidados da Secretaria de Educação representados pelo setor indígena e o jurídico do município. Na pauta, foram colocadas propostas que realmente atendessem as necessidades do corpo docente indígena, que há anos trabalham nas escolas com remuneração em forma de contrato, para construir um edital com parâmetros e critérios de pontuação que assegurem o direito de quem já trabalha na Educação Indígena como professor, ter a oportunidade de aprovação, haja visto que outros concursos do estado não atenderam a nossa demanda. Outro fator importante do concurso específico para a área indígena, é que tenha uma metodologia puramente ligada nos processos da história Pataxó e com um diferencial de atendimento em diversas áreas de ensino, como também ao nosso idioma Pataxó, o Patxôhã, e assim atender os professores que ainda não tem formação superior e atuam como professores da língua materna. A maioria dos professores indígenas da escola de Aldeia Velha já possuem alguma graduação ou licenciatura indígena em diversas universidades, ou seja, estão aptos para tomar posse numa devida aprovação via concurso e será uma grande conquista fazer carreira como professor indígena, pois são muitos anos esperando esse concurso.

Na Escola de Aldeia Velha, temos uma biblioteca bastante usada pelos nossos estudantes para pesquisa e, em nosso acervo, se encontram alguns materiais de outros povos indígenas e do Povo Pataxó que servem para os nossos estudantes conhecerem outras culturas além da nossa. Porém os materiais são poucos e então é importante, nós que estamos nas universidades, produzirmos mais materiais

didáticos de nossa autoria contando a nossa própria vivência e, assim, fortalecer a história do Povo Pataxó.

Nessa pesquisa, associamos os Sambaquis Curriculares a fazer pedagógico da Escola de Aldeia Velha, e destaco a principal atividade que foi a idealização dos jogos indígenas em 2009 pelo professor Txaywã. A partir de então, todos os anos na Escola Indígena de Aldeia Velha, os jogos são organizados por todos os integrantes da escola e da comunidade, além de outros parceiros fora da aldeia que ajudam a fazer acontecer essa verdadeira manifestação cultural tão esperado por todos tornando um patrimônio imaterial para a comunidade de Aldeia Velha, e que faz parte do calendário escolar. Todas as questões pedagógicas da escola estão envolvidas nos jogos, desde a confecção dos materiais usados pelos alunos e professores da escola até a forma de avaliação é envolvida na prática durante o percurso que antecede as apresentações das equipes na arena, que é local onde são realizadas as modalidades dos jogos.

O intercâmbio com outras escolas e aldeias durante o ano letivo também é um sambaqui curricular muito importante que permite a busca pelo conhecimento da história de outras comunidades Pataxó, o seu modo de viver em seu ambiente local e diferenças, para que os alunos de Aldeia Velha possam conhecer outras realidades da nossa história.

O mês de abril é importante porque comemoramos, no dia 29, a festa da retomada da aldeia. O cacique se reúne com os professores para ajudar na organização e receber os visitantes de outras aldeias e estudantes de escolas de Arraial d'Ajuda que vem comemorar esse grande dia que foi a conquista do território que falta apenas homologar pelo governo federal. Essa hereditariedade é compartilhada na escola em oficinas como troca de conhecimento entre os parentes que são os alunos e professores da Escola de Aldeia Velha.

Esse sambaqui curricular, das nossas lutas na comunidade, vai se transformando em aprendizagens para a formatação do currículo que queremos para nossa escola, são segmentos tradicionais e pedagógicos indígenas que farão a atualização do PPP da escola. Cada metodologia desenvolvida pelo professor indígena na comunidade é um segredo a mais que é compartilhado entre o corpo docente e alunos, daí percebemos que o nosso sambaqui curricular é diferente.

Currículo para nós, povos indígenas, é algo infinito. É como uma criação de um artesanato inédito que ninguém nunca viu, e a partir dessa obra de arte começa ser compartilhada na escola e copiada na comunidade.

PERCURSO DA ESCOLA

As fotos abaixo registram um pouco do que foi a vivência dentro da reserva de mata fechada, onde a estrada até a cabana era de difícil acesso. Ali estava iniciado a grande jornada de trabalho em busca de direitos existentes na Constituição Federal do Brasil, que é o direito das demarcações das terras indígenas. Para tanto precisaríamos entender melhor essas leis, e se fazia necessário a idealização de uma escola onde haveria o contato com a ciência do homem branco e conseqüentemente o conhecimento científico onde aprenderíamos a lidar com esse ambiente de diferentes conhecimentos, principalmente o fortalecimento cultural, porque um dos objetivos da escola na comunidade foi colocar a escola como o centro da cultura, onde a cultura viria sempre em primeiro lugar, foi o pensamento na época do Cacique Ipê e abraçado pela comunidade.



Primeiro espaço utilizado como escola dentro da reserva. Fotos de arquivo da Prof Alzenir 1999.

O segundo espaço usado como escola, casa do Cacique Ipê na época. Aqui este espaço, no fundo da casa do cacique Ipê em uma área de serviço, funcionou como escola. Ficamos aqui até o meados de 2001. O motivo da mudança foi que quando chovia molhava muito e tinha goteiras. Era um espaço pequeno e também as poucas paredes eram úmidas. Então, em articulação com a comunidade, foi preparada a casa de farinha, a farinheira para ser o prédio da escola.



Casa do Cacique Ipê. Foto arquivo Ângelo.

Aqui está um pouco do terceiro espaço comunitário onde funcionou a escola, que foi a farinheira. Um espaço grande que se tornava pequeno quando tivemos que fazer uma cerca de bambu para separar a turma das máquinas, que em meio a um vacilo da profesora, eles já estavam mexendo nas máquinas. Então, por motivo de segurança, faz-se a divisão: ao fundo o espaço de fazer farinha e, na frente, o espaço de aula, com a Professora Marialva e a turma multisseriado de 1º ao 4º ano. No ano seguinte continuou como espaço de aula onde atuaram duas professoras uma com a turma do 1º ao 2º ano, com a Professora Maria Aparecida e a Professora Marialva com a turma de 3º ao 4º ano. Na frente da farinheira também foi feita uma porta de Bambu para proteger o espaço. Percebe-se que o espaço já representa a cultura, onde passaram a construir uns pequenos sambaquis, que são a confecção de diversos materiais idealizados pelos alunos naquele momento onde o barro começa a criar formas.



Terceiro espaço que funcionou como escola, (a casa de farinha) Farinheira. Arquivo da pesquisadora 2001 e 2002

A construção da primeira escola de fato, apenas uma sala dois banheiro e uma cozinha, mas para quem estava enfrentando tantas dificuldade sem um espaço fixo, jáfoi um avanço, uma conquista. A Escola foi construída com recurso da FUNAI, teve uma pequena reforma em 2005 realizada pela Secretaria Municipal do Estado, e ampliação pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro.



Primeira escola de alvenaria em 2004 e ampliação em 2005. Fotos de arquivo da pesquisadora 2003 a 2005.

A construção da Escola iniciou em 2008 e foi inaugurada em 2009. Porém, antes do início da construção da escola, haviam sido construídas duas salas pelo Instituto Sandra Habib-ISHC, pois essa instituição já era nossa parceira, porque foi através da mesma que tivemos nosso primeiro uniforme escolar e também recebíamos materiais pedagógicos e brindes para o melhor aluno em desempenho na escola, além de outras doações. Por haver um indígena trabalhando com a empresária, o mesmo falou para ela a situação da escola, e ela mandou sua representante para verificar e avaliar, e passamos a receber ajuda e suporte. O

indígena comentou sobre o anseio das professoras em fazer o uniforme escola, alguns meses depois a representante da empresária entrou em contato com a professora para a escolha da cor do uniforme e detalhes sobre o tamanho de cada criança. Alguns meses depois todas as crianças já estavam devidamente uniformizadas. Sendo assim, ela se sensibilizou com as crianças e resolveu construir duas salas. Em reunião, a representante mencionou que uma sala seria de aula e a outra uma brinquedoteca, um espaço de jogos, brinquedos e instrumentos para desenvolver a ludicidade da criança, seria utilizada de forma livre ou com orientação do profissional. Sendo assim, constrói-se as duas salas. porém nesse mesmo ano a prefeitura já havia liberado a construção da escola que seria na frente das duas salas que já estavam erguidas, porque o cacique e lideranças da época já haviam escolhido o espaço para a construção. Então depois de a escola pronta, foi feita uma reunião com a representante do instituto ISHC, nesta reunião ficou acordado que iríamos unir as salas com a construção da escola tornando-se um único espaço escolar.

Neste mesmo ano, 2008, a Associação Mulheres em Ação- MEA, que já era uma parceira, ganhou um projeto com o Instituto Brazil Foundation, este projeto contemplava uma biblioteca, então a responsável pela associação entrou em contato com a diretora e cacique da época para possível possibilidade da biblioteca ser montada em uma das salas já construídas. Novamente entramos em contato com o Instituto ISHC para conversamos sobre essa possibilidade, já que as salas foram feitas para lecionarmos. Também em reunião, ficou acordado que poderíamos usar uma das salas para biblioteca, e a outra para aula. Porém outro projeto foi ganho pela ONG, Instituto Tribo Jovens, ITJ. E esse outro projeto é O Ponto de Cultura. Assim sendo ouve novamente outra reunião e agora lideranças e comunidade concordam que o O Ponto de Cultura ficaria provisoriamente na outra sala pois o mesmo seria de grande importância para os jovens da escola e comunidade. A parceria da escola e comunidade estava mais uma vez selada. O projeto do Ponto de Cultura trazia a tecnologia para dentro da escola e comunidade, computadores, máquina fotográfica, e esses equipamentos envolveriam os alunos e jovens da comunidade de forma positiva. Esse ano foi um ano de vitórias e nossa escola sai do papel. Agora sim uma escola com 4 salas, mais a união dos dois projetos citados acima formaram 6 salas, 4 salas de aula, uma sala da biblioteca, uma sala do Ponto de Cultura, uma

secretaria, uma cozinha com dispensa para guardar os utensílios da cozinha além da merenda, um almoxarifado, 3 banheiros e um refeitório.

Em 2014 inicia uma ampliação de mais 4 salas, ficando uma para sala de vídeo e as demais para sala de aula. Essa ampliação foi feita através de uma parceria da Secretaria de Educação com um empresário da construção civil do Arraial d'Ajuda. Sendo assim hoje, em 2023, temos uma escola que contempla uma boa parte daquilo que idealizamos há alguns anos atrás.



Segunda Escola de Alvenaria, 2009



Espaço biblioteca, Ponto de cultura. Arquivo: Angelo





Arquivo da pesquisadora

Nossa atual escola 2023





arquivo da pesquisadora



Representação dos sambaquis através das pinturas ou grafismo indígena nas paredes da escola e casas da comunidade. Fotos da pesquisadora.

DEPOIMENTOS DOS ENTREVISTADOS PARA ESSA PESQUISA

Depoimento do professor Wagner, dia 04 de maio de 2023.

Viver em comunidade é um desafio muito grande para todos que ali moram. Então você se envolve direta e indiretamente com diversas situações que ali surgem. São pensamentos distintos e, na maioria das vezes, com um olhar voltado para a individualidade. Então é aí que entra o trabalho comunitário, Escola, Posto de Saúde, Cacique e lideranças. O professor indígena tem um papel de extrema importância e responsabilidade que vai muito além da sala de aula. Ele não é apenas um transmissor

de conhecimentos. Sem mesmo se dar conta o professor se torna um dos pilares para o fortalecimento da comunidade e melhoria da mesma. O professor não pode ser apenas um pesquisador para si próprio...ele é a ferramenta principal para o bom desenvolvimento e andamento da comunidade. Esse processo envolve a terra, as tradições, os trabalhos artesanais a ancestralidade e o mais importante “o respeito, o conhecimento e o ouvir os mais velhos”.

Os desafios de um professor numa comunidade são muito grandes, mas, se ele não conhece a história dos seus ancestrais e dos anciãos (os mais velhos), ele vai demorar a se situar nessa comunidade, porque para fortalecer a cultura em seu território é preciso conhecer o passado.

Então, comunidade e professor estão interligados por meio das crianças (alunos) que são bons condutores entre o professor e seus pais. Por isso é muito importante que o professor seja exemplo, tanto em sala de aula, quanto na comunidade. Ele é um aio, condutor entre os alunos, pais e lideranças, através dos seus bons ensinamentos e de sua contribuição, é que surgirá muito em breve futuras lideranças e grandes sábios na comunidade. O professor não deve apenas se atentar em formar seus alunos para ocupar um trabalho na comunidade, mas deve fazê-lo refletir e pensar que eles(alunos) serão os grandes responsáveis em dar continuidade no trabalho das antigas lideranças. E esse é um objetivo que deve ser cauterizado na mente das crianças, elas precisam saber que elas são a base da comunidade e que delas dependem a continuidade desse processo de formar cidadãos indígenas que cuidem e transmitam a história do seu povo para as gerações futuras.

Por isso que o professor sem querer se torna educador, pai, amigo, psicólogo e exemplo para seus alunos, pais e comunidade.

Além de ser liderança, se torna uma base segura de transmissão de conhecimentos e fortalecimento da história de seu povo. Por causa de muitos pensamentos distintos existentes na comunidade e por falta de conhecimento que o professor deve e tem que ser essa base condutora da história, da prática e da vivência na sua comunidade. Sempre em parceria com o cacique e lideranças, sem esquecer a base... os mais velhos, é difícil? Sim! Mas é possível, quando feito com dedicação, responsabilidade, e com o olhar voltado para o seu povo.

Depoimento do professor Ronald Pataxó, dia 04 de maio de 2023:

Eu vou falar da importância de ser professor indígena, vou falar das leis que regem A Educação Escolar I e vou falar como a Secretaria Municipal de Educação reconhece o currículo da Escola Indígena. O professor indígena, ele é um mediador do conhecimento não apenas no espaço escolar, mas também em toda a comunidade indígena. Ele é o protagonista principal de orientar os estudantes no processo de aprendizagem e também de conhecer e fazer valer o papel social da escola perante toda a comunidade indígena.

O professor indígena tem, por obrigação, fazer a produção de seus materiais didáticos específicos, bem como valorizar os saberes e práticas tradicionais do seu povo, bem como ele é um pesquisador e tem que realizar os seus planejamentos assim como suas práticas de ensino baseados no saber tradicional do seu povo indígena, somente assim, o professor indígena estará cumprindo o seu papel enquanto professor da modalidade e fazendo valer as leis que regem a educação escolar indígena.

Sobre as leis que regem a Educação Escolar Indígena partimos da Constituição Federal de 1988, que em seus artigos 78 e 79, diz que “A União, bem como parceiros que atendem aos indígenas deverá desenvolver programas integrados de ensino, pesquisa para oferta de educação escolar bilingue intercultural para todos os povos indígenas, proporcionar aos povos e suas comunidades, recuperação de suas memórias históricas, relações de sua identidade étnica e a valorização de sua língua e seus costumes”. Na convenção 169 da OIT, pelo Decreto Legislativo 143 de 2003, diz que a União, Estados, Distrito Federal, municípios devem incluir os professores indígenas e, bem como também, o funcionamento regular da educação escolar indígena também a sua colaboração e atuação em especialidades de saberes tradicionais. nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena temos como embasamento a orientação para as Escolas Indígenas de Educação Básica e os sistemas de ensino também de estados, desenvolvimentos de avaliação e projetos educativos, processo de construção de instrumentos normativo de ensino, visando tornar Educação Escolar Indígena um projeto orgânico articulado da Educação Base, bem como assegurar os princípios da especificidade do multilinguismo da organização comunitária e intercultural para fundamentos de

projetos educativos e valorização da língua e do conhecimento tradicional, e assim essas diretrizes fortalecem o regime de colaboração entre os sistemas de ensino da União enriquecendo os territórios étnico educacionais indígenas. As Diretrizes Escolar Municipais foram publicadas no ano de 2022 e ela tem um volume 7 específico da Educação Escolar Indígena que se torna um documento norteador para os professores indígenas na qual muitos que têm dificuldade em realizar seus planejamentos vão poder usar esse documento como um norte para poder se basear, e assim, poder criar mecanismo de ensino e aprendizagem na Educação Escolar Indígena, as diretrizes curriculares municipais foram um projeto de construção entre os professores indígenas Pataxó e o setor indígena da educação escolar na Secretaria Municipal de Educação onde todas as etapas que existem na modalidade indígena, foram produzidos pelos próprios professores indígenas ou seja, a Secretaria de Educação respeita muito o currículo indígena porque o currículo é aquilo que acontece no cotidiano da escola, e as escolas indígenas tem sua autonomia para cada qual criar seu currículo, assim bem como o seu calendário sociocultural, que respeita as especificidades da sua comunidade indígena. Assim as Diretrizes Escolares Municipais garantem os direitos de aprendizagem específicos aos alunos indígenas pois os eixos temáticos se configuram como arranjo que define os objetivos de conhecimento ao longo do ensino fundamental da educação da educação básica do município. Como exemplo para os anos iniciais e finais temos a disciplina do Patxôhã, que é a disciplina específica do Povo Pataxó, que tem todas as suas etapas descritas no documento curricular municipal e temos, assim, a garantia que a especificidade está sendo respeitada no município e então podemos produzir nosso Projeto Político Pedagógico, nossos calendários socioculturais, bem como construir nossos currículos da nossa escola paralelo as nossas comunidades pois este documento assegura e afirma essa autonomia às escolas indígenas, desta forma sabemos que a Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro colabora muito com a Educação Escolar Indígena do seu município pois não mede esforços para a produção de documentos e projetos de leis que visam assegurar, garantir e afirmar culturalmente a educação escolar indígena como totalmente específica neste município.

Depoimento de Nadinho na aula de campo do fundamental II da Escola Aldeia Velha, sobre os sambaquis, Nadinho é um dos filhos de Dió, já foi vice cacique de Ipê. Essa ida ao sambaqui ocorreu dia 9 de março.

Fatinha morou ali também o pai dela a mãe de Toninha que é professora de vocês, vocês todos nasceu ali, nós, aí vamos, aí em conversação de ipê que nós morávamos aqui. ai quando o fazendeiro chegou tirou nós daqui de dentro e todo mundo foi embora um pro canto ou pra outro, todo mundo se afastou só ficou eu e minha mãe, foi na época que Ipê chegou aí falando que isso aqui era terra indígena que tinha prova aí chamou nós pra um trabalho aí fiz esse trabalho ai com Ipê, nós Ipê ajuntou nossa família aí eu procurando prova como era terra indígena foi que achei esse sambaqui aqui e tem outro na frente, pra ir lá tem que ser outro dia que lá é mais perto né, Porque vocês tão cansado. ai então fizemos a retomada, fizemos lá embaixo naquela casinha e ficemos lá umas 25 famílias de lá a gente veio pra mata onde eu mostrei pra Arna lá atrás. De lá a gente fomos pra aldeia, foi quando o antropólogo Guga, o primeiro que veio aqui dentro ver o sambaqui ele era cego, das duas vistas a gente fala isso ninguém acredita, Ahnã conhece ele, foi quando ele veio aqui que fez o levantamento da terra e que provou que isso aqui era terra indígena e esse sambaqui aqui ele tem três metro de fundura na época ele não era coberto assim de folha nem de terra não, na época ele era natural mesmo. O sambaqui que a gente fala é a ostra aquelas ostras que só vende na praia muitos conhece por ostras, outros conhece por sambaqui que é esse aí. Foi aí que começou o trabalho da gente primeiro cacique foi ipê eu fui o vice dele, depois foi Antônio da galinha, depois foi Ângelo Tuquinho, agora tá Reinaldo, mas eu acho que nem todos os caciques conhece isso aqui. Olha a gente veio trazer vocês aqui, Arna falou comigo eu falei pra gente é importante porque, a gente vai ficando velho e esses alunos vão crescendo e não sabe o que é que tem na terra deles, um dia pra mostrar pra eles um dia pode ser um cacique pode ser um vice, pode ser uma cacica já sabe onde é que eles vêm mostrar o que segura a terra pra gente é isso aqui esses sambaqui. Se meu pai tivesse vivo hoje tava com 90 e poucos anos, quando ele chegou pra aqui , ele chegou a idade de 18 anos por aí, já tinha esse sambaqui aqui na época esses sambaqui é grande ele vai lá na frente como vai dá pra mostra como ele é fundo aqui ele, mais a gente precisa da uma limpada nisso aqui, avisar a galera pra poder vim limpar e cerca quando as

peessoas vim visitar não precisa vim sofrendo desse jeito com esses tiririca cortando as pernas, visitar as pessoas, vocês mesmo do colégio incentivar as pessoas pra tirar um dia pra vim limpar ele e cerca eles, cuidar dele. Tem que ter um estudo pra explicar as pessoas que nem a gente tá falando se os alunos não vim pra essas caminhadas de vez enquanto explicar pra eles, eles nunca vai saber o que é uma terra indígena, não vai saber o quer é um sambaqui, não vai saber o que é um rio, não vai saber o que é uma canoa embarcação um barco pra andar, não vai saber de nada, nuca vai saber a demarcação da terra onde é, temos que fazer essas caminhadas também, fazer essas caminhadas pra mostrar pra eles. com essa enchente que deu agora passou por cima e nunca alagou, tem mais de 34 anos que moro aqui e nuca alagou, essa água que vocês passou ai, tem época aqui no verão que você vem de lá descalço e não acha uma água pra molha o pé o carro do bombeiro veio aqui apagar o fogo, o carro vem aqui e volta, você não vê água de jeito nenhum, e agora essa água tem demais porque choveu, esses ano foi bom de chuva pra nos graças a Deus. Aí fica essa água na estrada, mas aqui é tudo seco, tem vezes vem a chuva e alaga é assim mesmo, você vem bem o que é um lugar desse, vínhamos no sol si matando quando chega aqui dentro é só a fresca, aqui é outra coisa debaixo do pé de árvores, paisagem, é outro ar que nós temos, já no sol como é que fica. Eu vinha no carro ele mandou parar o carro e saltou aí tinha uns pés de espinhos assim, ele falou isso aqui é um cemitério indígena, vocês nunca deixam mexer nisso aqui, ele disse aqui tem índio enterrado aqui dentro. Quando a gente fala é porque ele, o Guga, falou. Na época tinha uma pessoa de Coroa de Vermelha deu uma força pra gente aqui, os índios de Coroa Vermelha, deu um barco pra gente trazer porque não podia passar pela sede por causa do fazendeiro e nem podia passar pela pista porque a gente tinha medo do fazendeiro e das pessoa da cidade que eram tudo contra a gente aqui, que até hoje é, a gente tinha medo e passava aqui por dentro e tem um brejo lá, aí mandaram eu ir buscar ele eu fui com o barco de Leivaldo tudo mundo sabe quem é, peguei ele chegou lá no brejo coloquei ele e uma menina, saltei amarrei o barco e vim na frente, ai tô vendo ele com uma bengala andando, andando, ai lá na frente parei, fiquei olhando pra ele, porque ele anda com bengala? a menina falou: ele é cego, ele não enxerga não , aí me deu aquela dor no meu coração, porque botei o cara no brejo, mas não tem mais jeito, Ipê falou não ele vai assim mesmo, ele vai andar no brejo, ele vai andar na mata. E até hoje eu fico me perguntando como era

que ele andava nesse brejo, não caia, não tropeçava, não se furava de espinho. É isso. Ele é vivo ainda.

O Guga também descobriu que no Cabo Sul que fica na beira do rio, foi levar vocês lá uma hora, tem lá, eu conheci, um túnel um buraco debaixo do chão ,ai Guga foi até lá mais a gente, ele falou que esse túnel antigo de índio entra aqui no cabo sul e vai sair em coroa vermelha, então o que eles faziam, vinham de Coroa Vermelha pra cá ou ia daqui pra lá, atravessava o rio de jangada eles faziam jangadas de madeiras atravessava chegava aqui eles campavam e travessava daqui pra Coroa Vermelha. Esses túnel tá ali até hoje, ninguém nunca achou ninguém pra entra dentro dele, tem um rapaz de Porto Seguro que foi até o meio, mas tem dois portão de ferro aí não deu pra eles passar hoje em dia não dá pra passar porque o fazendeiro tomou conta e fechou, aí ele falou que era passagem de índio sai por baixo do Baianão e sai em Coroa Vermelha esses índios é uma coisa muito incrível.

Depoimento de Fatinha, também funcionária da escola:

É, meu pai morou aqui né, minha família foi nascida aqui embaixo , meus irmãos tem alguns que nasceram aqui nesse porto de Dió, eu sou da família de Nadinho também e meu pai conta que esses sambaquis aqui foi gerado através dos índio né, que os índios eram um povo nômade então quando era época dele saírem pra pescar, caçar aí eles ficavam acampados em um porto e aí eles iam comendo as ostras, pescava comia e aquelas ostras que eles ia juntando, juntava tudo no lugar só, foi que formou esses lugar aqui chamado sambaqui isso aqui é de muitos anos atrás, muitos anos mesmo dos nossos antepassados que hoje em dia nem existe mais foi que deixou essa história que vocês estão conhecendo hoje.

Depoimento da Coordenadora Sandra Cares, dia 11 de maio de 2023:

Então, acredito que a história nossa, começou aí na Escola Municipal na Aldeia Velha, Escola Indígena, com a gente, você e eu lá pelos anos 2001. Acredito que foi assim. Porque no ano 2000, é a EIPAV, também começou a fazer parte do núcleo das Escolas Rural do Arraial d’Ajuda devido a necessidade do acompanhamento mais

efetivo e em menor tempo as visitas. Então Silvia ia embora, ia deixar essa coordenação, e eu estava na direção do núcleo do Arraial d'Ajuda. Comecei fazer o atendimento aí na Aldeia Velha. Começamos com uma ação da Secretaria de Educação através de mim, eu junto com uma professora, Bete Salgado, hoje ela é professora lá da UNEB, em Ilhéus. Fizemos uma reunião com a comunidade, eu já sabia quem era Cida, Aparecida Paru, anteriormente a direção do núcleo, eu era coordenadora da Escola Brigadeiro e conhecia de lá. Eu sabia quem era ela, porque ela se ausentava, às vezes, para ir em Salvador no ensino do magistério indígena, ela e o irmão. Voltando com a professora Bete na Aldeia, achamos sensato, ouvir a comunidade, porque essa mudança de professora? Quais eram as queixas? Quais eram os anseios da comunidade, a Comunidade Indígena e a Secretaria de Educação, percebendo que as crianças não estavam com o atendimento adequado né, pois a professora que ali trabalhava estava com problemas familiares, e se ausentava demais. Também o espaço da escola indígena era na área de serviço na casa do cacique Ipê, lugar muito pequeno, quando chovia molhava devido ao vento né, chuva de vento, então atrapalhava a rotina do cacique. Então ele era bastante empenhado né, nesse atendimento, ele queria que as coisas melhorassem. Então ele, junto com comunidade, eu, ele, o cacique e com a professora Bete, fizemos uma reunião isso foi no final de 2000. Acho que foi lá para o mês de outubro ou novembro do ano 2000, pra iniciar em 2001. E fizemos uma reunião com a comunidade, expus os detalhes, os indígenas presentes também fizeram as suas queixas, a professora Bete colocou a respeito da educação indígena que ela é conhecedora, e daí a escolha foi Paru, moradora da Aldeia Velha, indígena e estava fazendo magistério indígena, mas a professora Aparecida Paru sentiu um pouco insegura. e como na comunidade tinha a professora Marialva que também morava na Aldeia Velha, já havia trabalhado em escola lá em Itabuna, uma professora que eu já havia conversado com ela, senti bastante comprometida. Neste momento da reunião, Paru seria a professora, porém, se sentido insegura. No entanto havendo Marialva que também era professora, tinha experiência com educação infantil e fundamental I, casada com o professor Roberto, também Pataxó. Então a comunidade e Aparecida entenderam que a Marialva era a mais indicada pra o cargo naquela época, e assim foi feito, assumindo a função de professora, Marialva assumiu uma sala multisseriado na área de serviço da casa do cacique Ipê. A professora já foi articulando com o cacique e comunidade, em busca de um outro espaço, e o espaço que foi conseguido foi a farinheira. No fundo da

farinheira morava Seu Boa Ventura, e na frente, a sala de Marialva, com Educação Infantil de 1º a 4º ano, muito difícil as condições de trabalho, muito delicado né, bastante primitivas, mas a gente fazia o melhor. Então, nessa parceria com Marialva, fazíamos curso buscando melhorar o atendimento da educação aí na aldeia. Marialva assumiu a turma dessa forma. E com o passar dos anos né, dos anos não. No começo do ano de 2001, tinha uma lista de espera enorme. e ao final dividimos a sala, a farinheira. Chamamos também a Aparecida para assumir seu papel de professora no turno da manhã, Marialva e Aparecida as duas com 40 horas. e dividimos as crianças da Educação Infantil e 1º ano Aparecida Paru, os outros anos do fundamental I, ficava a cargo de Marialva.

Fizemos isso, sempre as professoras tentaram fazer o seu melhor, e na época de fazer farinha tinham que arranjar lugar, era sempre uma correria para arranjar lugar para as aulas. Assim foi até o final de 2002. Como eu tive outra proposta em outra função na Secretaria de Educação, assumi a Coordenação Municipal da Educação Indígena, trabalhei nesta coordenação por um ano. Por eu já conhecer a Aldeia Velha e sentir a necessidade de melhor entrosamento das aldeias Pataxó aqui do extremo sul, no município de Porto Seguro. Começamos nos reunir, fizemos as primeiras reuniões, a primeira jornada pedagógica lá Barra Velha, articulamos o magistério indígena também lá em Barra velha para os outros indígenas que precisavam também dessa formação, porque as aldeias precisavam de professores né, pra tá ali lutando com seu povo. E foi assim, lembrando que, quando eu saí passei pra outra função, a escola ainda não era construída estava na proposta. E daí foram outras pessoas que assumiram a direção e junto com a Marialva e Aparecida foram atendendo da melhor forma possível a Aldeia Velha. Ressaltando que Marialva, uma professora caprichosa e estava sempre num bom atendimento com as crianças e trabalhava sempre com propósito de fazer uma diferença das crianças saírem dali por um atendimento de qualidade também para dar essa sequência. Marialva e Aparecida junto à comunidade, foram buscando outras séries, já tinha a EJA com o professor Roberto que também começou lá pro ano 2001 também. Mais pra efetivar um atendimento de melhor qualidade, pra diminuir de sala multisseriado e essa luta deu-se na construção da escola. E foi assim então, Marialva e Aparecida. Marialva especialmente por chegar encorajando Aparecida, mostrar a sua força de vontade pra ajudar a comunidade e se dispor a trabalhar desde então ela é a professora Marialva, a professora de Aldeia

Velha e sinto orgulho de ter participado desde o início da trajetória de Marialva uma pessoa que eu admiro bastante, força de vontade, coragem, paciência, mas, acima de tudo, é uma pessoa muito sábia que soube aproveitar toda oportunidade que lhe chegou as mãos.

Depoimento da primeira professora da Aldeia Velha Alzenir, dia 27 de abril de 2023:

Eu sou Alzenir Martins Pereira, vou falar um pouco da minha experiência como a 1º professora da Aldeia Velha que, para mim, foi uma experiência única, onde aprendi muito com o povo Pataxó, que ali viviam. Fui convidada para trabalhar na Aldeia Velha pela Soraia, que era a responsável na parte pedagógica e educação da aldeia. Conhecer Soraia foi maravilhoso e poder desenvolver um bom trabalho. Conheci uma pessoa da FUNAI, que tive total apoio. Aceitei esse desafio que foi muito importante para mim. Estava começando a minha carreira do magistério, na aldeia, havia algumas famílias, poucas famílias, que naquele momento estava retornando à aldeia. Havia uma grande necessidade de ter uma escola, pois já tinham algumas crianças vivendo lá e precisavam de uma escola. Como ainda não tinha professores indígenas, precisou trazer alguém de fora da aldeia para poder iniciar o trabalho e a partir da educação, tudo começa e se transforma. A primeira escola foi dentro da mata, que hoje é a Reserva da Aldeia. A escola era uma cabana no centro da mata da aldeia. Que naquele momento era muito importante. O meu trabalho pedagógico com os pequenos era resgatar o conhecimento da história delas de ensinar um pouco na escrita, um pouco da cultura. Tive que buscar o conhecimento...então tive muita ajuda da FUNAI...através da FUNAI fui até a Aldeia Mãe Barra Velha e fiz um curso intensivo de 30 dias, junto com outros professores de outras aldeias, nossa! ajudou muito o curso. Sempre no contexto da cultura indígena. A cultura era presente, se pintavam, trabalhavam o resgate cultural e tínhamos momentos de usar as vestes e as pinturas. Tínhamos, o toré (dança). A cabana também era onde se faziam as reuniões e festejos da aldeia. Cultivamos o plantio, fizemos hortas e os alunos todos envolvidos com o plantio. Colhíamos quando já estavam prontos para serem consumidos. Fazíamos sempre as caminhadas nas trilhas da reserva, explorávamos todo o lugar e fazíamos toda a reserva de sala de aula. Vivíamos situações difíceis e inusitadas... cobras, escorpiões, abelhas e tantos outros animais que apareciam.

Depoimento da professora do fundamental II, Mariceia mais conhecida como Ahnã Pataxó, dia 27 de março de 2023:

Eu sou Ahnã Pataxó, falar de currículo é falar das práticas pedagógica né, e o currículo da nossa escola da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, ela é embasada na educação escolar indígena né, e não é só na teoria é na prática, e nós trabalhamos de fato a questão da educação escolar indígena nos projetos, que são projetos interdisciplinar. É como, por exemplo, os jogos infantojuvenil né, que nós trabalhamos a questão tradicional através do esporte, do Povo Pataxó, são a modalidades esportivas é um projeto interdisciplinar que a gente envolve todo o componente curricular né, dentro desse projeto, e o projeto se dá desde quando nós divulgamos o nome das equipes daí vem as práticas né, que é trabalhar o grafismo, que é as pinturas, a produção de artesanatos, os adereço dos alunos e, com essas oficinas, a gente traz os pais para dentro da escola fazendo realmente a escola ser uma escola comunitária né, a escola é o coração de uma comunidade e aí vem a prática, e no dia dessa prática vem também a culminância que a gente trabalha a questão da culinária do Povo Pataxó né, que é o cauim, o bolo de puba, a farinha, e os alunos começam a trabalhar esses conceito do tradicional e do universal porque você começa a trabalhar a geografia, o espaço você trabalha, a ciência através de extrair a tinta do jenipapo, você trabalha a língua materna através dos canto, também dos traços das pinturas né, você trabalha matemática a quantidade de material de artesanato que é feito, a quantidade de pessoas, a quantidade de comida que é produzida naqueles dias né, então assim a gente contempla todo o currículo nosso, os componentes curriculares dentro desse projeto.

Outro projeto muito importante pra nossa escola, que também vem dentro do nosso currículo, é o intercâmbio cultural que nós saímos da nossa comunidade e vamos pra outras comunidade conhecer né, a realidade do mesmo povo na verdade posso dizer do Povo Pataxó né, mas cada comunidade tem sua particularidade, tem os seus segredos e a gente vai fazendo esses percursos dentro dos territórios, reconhecer os territórios reconhecer o seu povo, reconhecer a sua gente, e eu costumo dizer que dentro do intercâmbio nós temos três pontos de fundamental

importância pra gente falar né, no contexto do Povo Pataxó, as comunidade que tá próxima a litoral das praias que sobrevive da pesca do artesanato do turismo, e nós também temos aquelas que vivem mais no centro da floresta como, por exemplo, é o caso de Caciana, Boca da Mata, Meio da Mata né, que eles sobrevivem mais com materiais, com agricultura a criação de pequeno porte e também serviço público né, e nós temos uma situação, bem é assim eu dizer, difícil pra você do nosso povo, que é aquelas comunidade que tá perto a BR, que é a BR 101, que é a comunidade de Guaxuma e também Nova Esperança, e nossos alunos teve a oportunidade de conhecer todo esses território ver as dificuldade de estradas pra chegar nessas comunidades, ver a questão social, as dificuldade do contexto social, também consegue ver a questão cultural né, da prática cultural mesmo, tanto do artesanato, como da espiritualidade de cada comunidade dentro de cada território, então, quando nós falamos disso, falamos de currículo falamos dessa prática diferenciada que nós fazemos em nossa escola.

Uma coisa eu falo pra vocês é assim, a gente precisa sistematizar a nossa, o nosso currículo né, porque tudo isso que estou falando pra você nossos colegas aqui conhecem, os alunos conhecem, os pais conhecem mais as pessoas que vem de fora não conhecem né, e assim eu digo que nós precisamos é atualizar o nosso PPP da escola e colocar isso no PPP, tudo isso que estou falando pra você, no PPP, da nossa escola, porque o PPP, é a identidade da escola, o PPP é o coração também da escola porque as pessoas que vem de fora pesquisar e saber de toda essa diferença que nós estamos falando do nosso currículo precisa estar ali sistematizado dentro do PPP de nossa escola, e acredito que esse ano a gente vai ter um tempo pra sentar e a gente atualizar o nosso PPP né, e assim fortalecer o currículo da nossa escola que é tão assim é admirado por outras comunidades quando a gente apresenta, porque a gente não apresenta o nosso currículo é só na teoria não, é um currículo que de fato a gente faz acontecer é um currículo que as outras comunidades conhece que a gente sai da zona de conforto, pra fazer essas prática de reconhecimento de território né, então assim não é uma coisa que a gente só fala não, a gente faz na prática mesmo. A nossa escola, ela é referência dentro do nosso município nos projetos né, é por exemplo dos jogos ,como falei do intercâmbio como falei, e aula de campo que nós fazemos aqui, reconhecer os pontos arqueológico, os artefatos dentro da nossa comunidade, os sítios arqueológico pra falar a importância pra esses alunos, porque

o aluno ele só vai cuidar e preservar quando conhecer né, então a gente faz isso na prática pra crescer, pra gente crescer tanto na questão tradicional do nosso povo, mas também , quando eu falo por exemplo do sambaqui , o sambaqui tem em nosso território, mas acredito que em outros território que não seja indígena também tem sambaqui e quando os nossos alunos saírem daqui pra estudar um contexto é universal, ele vai saber responder com propriedade.

Nós preparamos os nossos meninos por mundo então é pra isso que nós estamos aqui na escola. Isso aí é desafiador pra mim falar, porque falar pra você, Marialva, em relação de interculturalidade, porque você é referência em nossa escola, e quando falo de interculturalidade é a trocas de conhecimento né, as pessoas virem visitar a nossa escola e a gente fazer uma troca, e isso a gente vem fazendo, eu não vou falar porque eu estou engatilhando na educação ainda né, mas é desde quando, antes de trabalhar na escola, eu já venho observando e vendo que nossa escola vem trabalhando a interculturalidade onde, por exemplo, a escola CEAD vem pra nossa escola praticar um esporte tradicional aprender um grafismo do Povo Pataxó, e o nosso povo foi lá na escola do CEAD também saber lidar com joguinhos no computador, os alunos de lá ensinado pra nossos alunos, isso é interculturalidade e os jogos nossos tradicionais aqui a escola do CEAD participa com uma equipe, já participou com um equipe aqui nas modalidades esportivas né, então isso é uma interculturalidade. Nós também saímos da nossa escola, vamos pra escola do Arraial, de Porto Seguro com os alunos dar palestra falar o que é ser índio Pataxó né, fortalecer a nossa identidade na qual os alunos de lá também não tem muito conhecimento né, às vezes aprendem muitas coisas da questão indígena né, no livro didático e os livros didáticos foram escrito por mãos brancas né, a realidade de nosso povo que vai falar somos nós, a vivência, esses movimentos que a gente participa e aí a gente aprendemos com eles também as práticas das brincadeiras lá , a dialogar as culturas diferenciadas né.

Então assim, a nossa escola ela já vem a muitos anos trabalhando com essa interculturalidade e permanece até hoje né, é no dia a dia essa prática mesmo, e é rica, não vou dizer que o saber, o importante do saber é só o tradicional, não, o outro conhecimento também é importante como diz Paulo Freire: Não existe saber maior ou saber menor né, existem saberes diferentes. Então a gente precisa é ter esses saberes, respeitar esses saberes né, então é isso mais ou menos. Verdade, a gente

não pode julgar sem conhecer, então a gente precisa conhecer pra observar, nosso povo é um povo de muita observação, nós falamos e observamos mais e falamos menos né, até pra evitar esse tipo de conceito do que é certo, do que é errado, então a gente trabalha isso com os alunos de observar né, observar, aprender e não julgar né, porque não existe uma cultura maior do que a outra né. A população brasileira precisa aprender muito é desse formato, porque hoje a sociedade brasileira é bonita porque existe esse colorido né, é o não indígena a diversidade né, de cultura nesse nosso país que torna gigante né, e tão bonito tão colorido né, como é, e a partir do momento que você conhece, você começa a respeitar ainda mais, então assim esses ser, esse conhecer é muito importante e a interculturalidade tem tudo a ver com isso né, a gente fazer os meninos conhecer, a buscar, a respeitar o direito do outro, mostra pra eles que nossa cultura é linda, é maravilhosa, mas a do outro também é bonita né, é nesse sistema que a gente trabalha, e o nosso currículo é isso, e a gente vai sistematizar espero que até o final do ano a gente consiga né, de fato sistematizar tudo isso, porque o nosso povo é da oralidade, mas nós também entendemos que é necessário sistematizar, escrever né, porque o pensamento, às vezes, a ideia, o vento pode levar e a escrita vai ficar ali registrada né, pra outras pessoas que virão depois de nós ou quem vier de fora pesquisar, ver ali sistematizado, então assim eu espero que tenha ajudado né.

OS SAMBAQUIS CURRICULARES DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ DE ALDEIA VELHA

Queremos aqui ilustrar a presença cultural e ancestrais do Povo Pataxó dentro de um contexto territorial marcado pela longa trajetória de vida em um espaço imposto desde a invasão dos portugueses ao Brasil. Espaço esse chamado escola que, mesmo sendo construída dentro de um território indígena, precisa ser transformado em sambaquis culturais, saindo da assinatura dos brancos para construir assinaturas indígena, as mudanças e transformações construídas ao longo do tempo por esse povo guerreiro, resistente, chamado Pataxó. Essa assinatura indígena, a qual os professores foram construindo, transformando, porque esses professores educadores realmente fazem as coisas acontecerem, que são mudança de calendário, que é uma assinatura indígena do currículo da escola, vamos substituindo a assinatura do branco pela assinatura indígena, as festas Pataxó, jogos, danças, culinárias, medicina, pesca

e tudo mais que represente a nossa identidade nossa marca, nossa identidade que vai sendo construída através dos sambaquis curriculares da Escola Pataxó de Aldeia Velha.

A disputa por mais aulas indígenas no currículo, por diários com nossas especificidades, onde os sábados letivos que nós fazemos à noite sejam aceitos e registrados de acordo as regras impostas pelo calendário do branco, como noites culturais ou qualquer outro evento que envolvam crianças e comunidades no turno proposto. Constrói-se a escola que praticamente vem com a retomada territorial, mas precisamos fazer uma escola diferenciada onde fique claro os nossos sambaquis dentro do território da escolar. Com a nossa indigeneidade, transformando paisagem como nos relata WILLIAM, BALÉE, (2008, p.20)” paisagem arqueológicas terrestres e marítimas nessas regiões foram criadas pelos ancestrais dos povos a que hoje nos referimos como indígenas, ou povos indígenas. Com a globalização, o exato significado e identidade de indigeneidade é frequentemente subordinado a critérios e valores locais”. Assim sendo nós professores e professoras fomos construindo dentro do território da escola os sambaquis sameando e marcando território cultural nesse espaço. Os traços feito nas paredes, as músicas indígenas ao iniciamos as aulas, a presença dos anciões na escola, a festa do dia 29 de abril, em comemoração à retomado do nosso território, e em tributo ao Gaudino que foi queimado em uma praça em Brasília no dia imposto como dia do índio, 19 de abril e, por isso, não comemoramos esta data, lembrança que esse território foi conquistado com lutas e sofrimentos, intercâmbios culturais onde a escola idealiza, seminários depois do intercâmbio, produção de artesanatos no mês dos jogos envolvendo toda escola e comunidade. Com o passar do tempo tudo muda, as paisagem, as pessoas ficam mais experientes, Kitok, (menino) e Kitok,ihé (menina) nascem, crescem, constroem famílias, idealizam um futuro onde os territórios não serão mais invadidos pelos posseiros ilegais, que acabam com a natureza e conseqüentemente destrói o nosso bem maior, que são as nossas nascentes e florestas, tudo isso faz parte do território escolar, desses sambaquis que também são espaços culturais.

Assim, precisamos, a cada dia, entrelaçar sambaquis em cada cantinho dentro desse espaço territorial que é a nossa sala de aula, onde curumins fazem interação através de awê “dança” palavras no Patxôhã, língua materna, fortalecendo movimentos nesse espaço chamado escola. Ainda em concordância com Miguel

Arroyo (2011, p. 12) se há muitas vidas lá fora, também há muitas vidas disputada nas salas de aula. Há muitas disputas lá dentro e muitas disputas fora sobre a função da escola e sobre o trabalho de seus profissionais. Sinal de que o território da escola ainda é importante para a sociedade e sobretudo, para as crianças, os adolescentes, os jovens e adultos populares e para seus profissionais. A escola é disputada na correlação de forças sociais, políticas e culturais. Nós mesmos, como profissionais da escola. Somos o foco de tensas disputas. Bom sinal. Quando os controles gestores se voltam contra os profissionais é sinal de que estes estão se afirmando mais autônomos nas salas de aula e no ensinar-educar. Estão construindo seus currículos.

Sendo assim, os Sambaquis Curriculares da Educação Escolar Indígena desta comunidade estão, também, pautados na diversidade cultural e específica, quando se trata do mangue que aqui existe, da andada dos caranguejos, que começa em dezembro e vai até abril, dos fornos antigos, e vários outros imateriais, além dos sambaquis.

Os sambaquis representados na confecção de adereços pulseiras e colares e tiaras pelos alunos da educação infantil preparação para os jogos, a base são as crianças porque são elas que os pais preparam para o futuro.





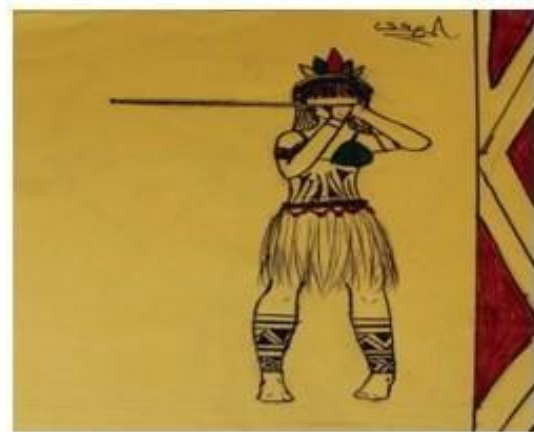
Foto com as crianças pintando arquivo Txaywã, foto acima a criança fazendo colar e pulseira arquivo da pesquisadora, e as duas do lado direito de Wayhana.

Representação dos sambaquis na aula de campo trilha dos sambaquis:



Arquivo de Ahnã 2023

Representação dos sambaquis, através dos desenhos dos jogos infanto juvenil, do fundamental II, turma da professora Mariceia, (Ahnã)



Arquivo Arhã.

Trilha para a reserva palestra pelo Ipê, Cabanas atuais na reserva:



Representação dos sambaquis através das ações da escola:



Chegada da Aldeia Barra Velha no intercâmbio cultural em Aldeia Velha:





Fotos: As duas última da pesquisadora, as duas da esquerda Roberto, a do seminário Fatima

Aula de campo com as crianças do fundamental I:



Arquivo 1º foto Marly, 2º Aline, as duas últimas Wayhana.

Aula de campo no quintal da casa da Pajé Jaçanã



Acervo de uma professora

Nesta aula as crianças aprendem a sabedoria que a pajé aprendeu através das ciências tradicionais, depois retornam para a sala de aula onde irão aprender que parte dos conhecimentos tradicionais estão ali comprovado pela ciência científica do homem branco, onde as plantas são estudadas e muitas vezes se transformam em medicamentos, são plantas que a natureza nos oferece. Mas nossos conhecimentos foram passados de geração a geração, através das vivências e experiências dos anciões. Os nossos ancestrais deixaram marcando território no passado, e hoje no presente, lutamos para deixar esse legado para as gerações futura.

Caminho até o mangue:



Aula de campo no mangue, com o professor da língua materna Antonildo, Conhecido como Txaywã , seu filho Atxyhinã e seus alunos;



Foto do lado esquerdo e a última, arquivo professor txaywã, desenho arte Adriel, última foto a direita arquivo, Atais.

A nascente abaixo era a responsável pelo nosso abastecimento de água quando a bomba do poço estava com problema:



Arquivo Puhuy Akuã.

Alguns adereços produzidos na Aldeia Velha:



Arquivo da pesquisadora.



As fotos dos brincos são de Ædxuara, as da produção de tupisay de Wayhana, e as outras arquivo pessoal da pesquisadora.

Esses são jovens que estão trilhando os caminhos que nossos anciões iniciaram e terão a responsabilidade de dar continuidade para que às futuras gerações continue colocando sua cultura com um patrimônio imaterial do Povo Pataxó, que estão na sua espiritualidade e ancestralidade, porque a cultura é viva, é vida, é o marco tradicional que assegura os nossos territórios.



Usando os adereços feitos na comunidade.

Pinturas corporais antes:



A primeira acima e a primeira a esquerda arquivo Buriti, a do meio e a última arquivo Puhuy
Pinturas corporais atuais.

Percebemos que, a cada dia, as pinturas apresentam outras formas, outros traços apresentados, uma cultura viva. Sendo assim vão se criando formas, traços e mostrando a diversidade que existe no fazer indígena, representado em seus corpos através de cada pintura. Os corpos pintados fortalecem a espiritualidade e estamos prontos para enfrentar a luta.



Arquivo professor Txaywã

Aqui, finalizo com o registro fotográfico do Cacique Ipê e alguns guerreiros e guerreiras que iniciaram o processo de assinatura indígena, como relata William Balée, através da retomada foram marcando e identificando um território, um povo, uma Aldeia. Aldeia Velha.



Arquivo do Ipê de 1998

Para que todas essas ações acima acontecessem, foi necessária uma luta constante, de verdadeiros guerreiros que iniciaram todo esse processo de reconhecimento e identidade de um povo que não estava extinto, mas sim, adormecido pelo medo e sofrimento passado pelos seus antepassados, e que se ergueram através dessas pessoas indígenas que acreditaram que isso era possível. Essas pessoas indígenas que foram, são e sempre serão originários da Terra, Povo Indígena Pataxó. A todos que junto ao Ipê, Silvino Lopes do Espírito Santos, acreditaram que isso era possível, nosso muito obrigado. Quando marcamos território, fazemos a assinatura indígena como relata Willam Balée, assinatura essa representada pelas imagens acima.